

# **S. JOÃO EUDES**

Introdução e

Escolha de Textos por

**PAUL MILCENT**

Tradução de  
D. Gabriel de Sousa

VISTO. PODE IMPRIMIR-SE. Porto, 11-4-1978.

(L. do S.) P. Serafim de Sousa

Vigário Geral

129

Índice

Apresentação .....5

## INTRODUÇÃO

### 1 - A VIDA.

Infância e juventude .....11

O Oratório .....14

As iniciativas .....18

As grandes lutas e a morte ..... 24

### II -A DOCTRINA.

Origens .....28

Principais temas .....36

Divulgação .....46

11- «E QUE O VOSSO FRUTO PERMANEÇA ..47

Notas .....50

Cronologia ..... 52

Bibliografia . . . . .55

## TEXTOS ESCOLHIDOS

### 1 - O CORPO MÍSTICO DE JESUS CRISTO

1. "Omnia in omnibus Christus .....61

2. O Corpo Místico .....62

3. Os "estados e mistérios" de Cristo 63

### 11 - A ENTRADA NO CORPO MÍSTICO

4. A fé ..... 65

5. Vida de fé .....66

6. O Baptismo é uma nova criação ...66

7. O Baptismo é uma morte e uma ressurreição 67

8. Pelo Baptismo, Deus faz-nos entrar na comunhão com Ele 68

9. e 10. O "carácter" baptismal ..... 70

### 111 - MORTE E VIDA NOVA EM JESUS CRISTO

11. Morte ao pecado ..... 71

12. Renúncia ao mundo . . . . . 71

13. Desprendimento de si .. .....72

14. Desprendimento do próprio Deus ...74

15. Formação de Jesus em nós . . . . .75

- 16. Como formar Jesus em nós .....76
- 17. Uma bela oração .....77
- 18. "Vinde, Senhor Jesus....." .... . . .78

#### IV - CONTINUAR AS VIRTUDES DE JESUS CRISTO

- 19. As virtudes cristãs .. .....79
- 20. Um exemplo . . . .....80
- 21. A humildade e a confiança .....80
- 22. A humildade de espírito .....81
- 23. A humildade de coração .....82
- 24. A confiança .....83
- 25. Actos de amor a Jesus .....84
- 26. A submissão à vontade divina .....86
- 27 e 28. A vontade divina . .....88
- 29. Caridade fraterna .....89
- 30. Uma paráfrase de S. Paulo (1 Cor. 13, 4) 90

#### V - CONTINUAR A ORAÇÃO DE JESUS CRISTO

- 31. A oração .. .....91
- 32. A oração mental .....91
- 33. A oração vocal .....92
- 34. Praticar todas as acções em espírito de oração 92
- 35. A leitura espiritual .....93
- 36. Falar de Deus .....93
- 37. Começar as nossas acções com Jesus 93
- 38. Na vida do dia-a-dia .....94
- 39. Por exemplo: os tempos livres ...95
- 40. ...ou as deslocações e viagens ..... 95
- 41. Maria na oração cristã .....96
- 42. Uma oração tipo (marial) . . . .....97

#### VI - CONTINUAR O SACRIFÍCIO DE JESUS CRISTO

- 43. Jesus Sumo Sacerdote .....98
- 44. Participação dos leigos na Missa .....98
- 45. O martírio .....100
- 46. O espírito do martírio ..... 100
- 47. O voto do martírio . . ..... . . .101
- 48. Maria, tipo perfeito da vida cristã 103

#### VII - SANTIDADE DO SACERDÓCIO CRISTÃO

- 49. Sacerdócio e mistério da Santíssima Trindade 104
- 50. 51. "A santa ordem do sacerdócio de Jesus" . 105

## VIII - MISSÃO DO SACERDOTE

- 52. Mediador, juiz e salvador com Jesus Cristo 108
- 53. «Sic Jesus didexit animas» ..... 109
- 54. Conselhos aos pregadores .....110
  
- 55 a 58. "João Eudes, padre missionário" (cartas) 111
- 59. Uma oração litúrgica .....115

## IX - O CORAÇÃO DE MARIA

- 60. O Corpo Místico nasceu do Coração de Maria . 116
- 61. No Coração de Maria encontramos Jesus 118

## X - O CORAÇÃO DE JESUS

- 62. "Um coração novo para ser vosso coração 120
- 63. « O Coração de Jesus e Maria » (uma saudação) 121
- 64. Missa em honra do Divino Coração de Jesus 123

## APRESENTAÇÃO

Esta obra foi publicada em França, a fazer parte da Colecção TESTEMUNHAS DA FÉ, dirigida por E. Jarry e J. Laporte. Como tal, teve de obedecer às normas traçadas para a dita Colecção, segundo as quais cada volume, cingindo-se a determinado formato e características de apresentação, devia constar essencialmente de duas partes: uma Introdução sobre a vida e acção da personagem focada, e uma Selecção de textos da sua autoria, já que é duplo o testemunho dado à fé por todo o cristão autêntico: o testemunho da vida, e o testemunho da palavra, falada ou escrita.

Esse será, pois, o esquema deste livro, agora apresentado em tradução ao público português. Na parte introdutória, estudar-se-à a biografia, o pensamento e a obra de S. João Eudes. Na selecção de textos, seguir-se-à uma sistematização que tenha em conta as linhas de força da mensagem eudísta, essencialmente cristocêntrica.

"Profeta do Coração", S. João Eudes poderá ainda, neste século materializado, ser o arauto do Amor evangélico, centrado na teologia do Coração de Jesus, ampliada na devoção ao Coração de Maria.

## Introdução

### 1. - A VIDA (1601-1680)

Infância e Juventude.

Era no tempo do bom rei Henrique.

A França respirava, após trinta anos de horríveis perturbações. Acabava de nascer o delfim, o príncipe herdeiro Luís; a comemorar o facto, existe ainda a Place Dauphine, construída por essa altura, nos confins da Cité. Naquele princípio de século, tudo parecia novo.

Na região de Argentan, na Normandia, o povo tinha voltado ao amanho da terra fértil. Havia ali, na aldeia de Ri, uma família de camponeses, gente rústica, sem dúvida, mas de nível algo diferente dos vizinhos. Isaac Eudes, o pai, tinha os seus estudos; havia mesmo pensado no sacerdócio. E juntava ao trabalho da lavoura a arte de cirurgião (que, naqueles tempos, requeria pulso!). Cristão sério, austero, continuava homem de oração, e rezava o ofício como um clérigo. Marta, sua esposa, partilhava da sua fé um tanto rude. Era uma mulher forte: um dia, diz-se, um parente seu foi morto em duelo; se a justiça descobrisse o corpo, a família ficava exposta à deshonra e seria prejudicada... Sem hesitar, Marta decidiu enterrar o cadáver no campo e, durante a noite, mandou lavrar toda a leira para apagar qualquer vestígio.

Muito tempo desejado e pedido a Deus, na oração, Joffo nasceu neste lar cristão, dia 14 de Novembro de 1601. Cresceu na fé e no temor de Deus. Sem dúvida, a sua educação foi rude; e a sua sensibilidade, um tanto ou quanto constrangida, parece se expandiu sobretudo na idade madura, rejuvenescida pela caridade. Aliás, a fé carecia dum alimento forte, naquela paróquia---onde havia muito pouca instrução religiosa, e onde poucas eram as pessoas que comungavam fora da Páscoa - (1).

11-

Seu irmão, por exemplo, o historiador Eudes de Mézeray, nada terá de devoto. Mas em João a graça trabalha e ele deixa-se levar por ela. Num impulso de generosidade, ultrapassando a "moral" que lhe inculcam, este jovem descobre a amizade viva com o seu Deus. Um dia, lá pelos seis, sete anos, pensa que se perdera; a mãe, preocupada, vai encontrá-lo na Igreja a rezar. A roda dos nove, oferece a outra face a um companheiro que lhe dera um bofetão: já então ele tomava a sério o Evangelho, característica que o distinguiu toda a vida. A partir dos doze, comunga todos os meses. O amor de Cristo arrasta-o para o que exige

esforço; por exemplo, leva-o a vencer o seu temperamento, que não devia ser fácil, e também a dominar o corpo: antes mesmo de abandonar a sua aldeia para ir estudar, em Caen, consagra-se a Deus pelo voto da castidade.

Em Caen, no colégio do Monte, entra para aluno dos jesuítas, pelos quais nutrirá sempre grande veneração. Nunca esqueceu o Padre Robin, seu primeiro "regente-, que o acompanhou durante três anos: "falava-nos muito de Deus, e com um fervor extraordinário". Era duma grande abertura a tudo quanto fosse conhecimento íntimo e pessoal de Deus.

No colégio, foi admitido na Congregação Mariana, em que o Senhor lhe concedeu grandes graças. Estava-se em 1618.

Nesse ano, morria em Pontoise uma santa carmelita - Madre Maria da Encarnação - que fora no mundo Madame Acarie. Relacionada com tudo o que havia de fervoroso em Paris naquela altura, ela foi bem o símbolo dum grande movimento de renovação, que começava, neste princ(pio de século, a despertar o cristianismo francês. Foi em contacto com ela que seu jovem primo Pedro de Béruille avivou a sua sede de Deus; foi em casa dela que ele encontrou pela primeira vez o Senhor de Genebra (S. Francisco de Sales). Foi ela que o levou a introduzir em França o Carmelo de Santa Teresa, em que ela, afinal, havia de entrar. No círculo espiritual formado à sua roda, encontrava-se o cartuxo Dom Beaucousin, que foi director de Béruille, o santo capuchinho Benoît de Canfield, e o célebre Pedro Cotton, jesuíta. Foi neste ambiente fervoroso que nasceu o Oratório de Jesus, concretizado pelo Senhor de Béruille em 1611; e houve um momento em que o jovem Senhor Depaul (futuro S. Vicente de Paulo) pensou inscrever-se na jovem Congregação.

Em Caen, o movime rito espiritual despontava também. Assim, as carmelitas reformadas ali se tinham instalado em 1616, seguindo-se-lhes, pouco depois, o Oratório, em 1622. Mas talvez João Eudes tivesse ouvido falar do Padre de Béruille bastante mais cedo, e adivinhado o seu lespírito de graça-. Conta-se, efectivamente, que uma santa viúva das cercanias de Ri, Madame de Sacy, senhora fidalga de Bazoches, tinha notado o olhar atento e reflectido do pequeno João Eudes, e gostava de manter com ele

12-

conversas; ora, precisamente, ela tinha escolhido para seu director espiritual o Padre de Béruille, que ia a Paris visitar... Fosse como fosse, aí temos nós João Eudes a pensar no sacerdócio, e a dirigir os seus olhares para aquela nova Congregação sacerdotal que acabava de se estabelecer em Caen. Ele terá sempre, nas obras empreendidas por amor de Deus, uma predílecçffo por tudo o

que é novo, ousadamente virado para o futuro. E, depois, o espírito do Padre de Bérulle - ou aquilo que dele pressente - aquela fé admirável no Verbo Incarnado, aquela alta estima do sacerdócio cristão, devia atrair-lhe a alma, já muito sensibilizada ao mistério invisível da graça. Desde esse momento, julga desejar o sacerdócio vivido em toda a sua riqueza (e, por isso, em comunidade), mas sem mais nada, sem os votos religiosos.

Chegou o momento de partir. Segundo a tradição, a partida foi dramática. Isaac Eudes, embora um tanto contrariado, tinha acabado por aceitar para o seu filho mais velho a ideia do sacerdócio; João já tinha recebido em Sées as primeiras Ordens. Mas o Oratório, Paris, isso nunca! Depois de insistir inutilmente, certa manhã, João aparelhou um cavalo e partiu. Seguro de si, voluntarioso, tinha decidido... Mas não foi longe: o animal recusava-se a avançar. Teve de voltar atrás, fazer novas instâncias, abandonar-se à vontade de Deus. Finalmente, o pai cedeu. E no dia 25 de Março de 1623, João Eudes foi recebido por Bérulle na Congregação do Oratório, na casa de Saint-Honoré, em Paris- (2). Foi ali que ele celebrou a sua primeira Missa, no Natal de 1625.

## 0 Oratório.

A bula de instituição, assinada por Paulo V em 1613, traduzia com muita exactidão o pensamento do Padre de Bérulle, ao declarar que o Oratório tinha - por primeira e principal finalidade, tender totalmente para a perfeição do estado sacerdotal...; nutrir uma devoção especial a Nosso Senhor Jesus Cristo, Sacerdote Eterno e fonte do sacerdócio da Igreja... Os Padres podem exercer todas as funções e aceitar todos os empregos que condigam, própria e essencialmente, com a ordem sacerdotal... - (3). Esta será sempre a linha seguida pelo Padre Eudes. Pôs nisso, até final, uma fé ardente, corde magno et animo volenti (de coração magnânimo e ânimo generoso). Quando é que ele nota na Bíblia (4) esta fórmula tanto do seu agrado, e que tão bem soube traduzir na sua vida? De 1648 a 1680, cita-a pelo menos quinze vezes, em suas obras impressas. E desta alegre generosidade ele quis também fazer uma regra para os seus filhos: "Honrara Deus e fazer a Sua vontade, com um grande coração e um grande amor - colere Deum et facere voluntatem aius corde magno et animo volenti-. Mas este

14-

grande coração não era somente o seu: era, nele, o Coração de Cristo Sumo Sacerdote.

Sacerdote, ele será pastor com o Bom Pastor. Ora, aconteceu que, no rebanho algumas ovelhas foram duramente atingidas; declarou-se a peste na região de Argentan, precisamente na sua terra natal. Padre Eudes deve partir

para lá, deixar Paris onde estudava e pregava. O superior recusa, ele insiste firme; ao quarto pedido, Bérulle autoriza, e nomeia-o para o Oratório de Caen. Afi se dirige a pé. Obtém autorização do superior de Caen e retoma o caminho de Argentan a Vrigny. Durante dois meses e meio, indiferente ao perigo, quase sem repouso (dorme sem se despir), assiste, cuida, enterra; com o Senhor ao peito numa caixa de metal branco, distribui a absolvição e a comunhão aos moribundos. Quatro anos mais tarde (1631), repete este trabalho em Caen. Aloja-se numa barraca, em pleno campo, para nSo contaminar os seus confrades; mas três deles são atingidos. Vai prestar-lhes assistência, e depois volta ao seu ministério junto dos pobres. Isto chama-se tomar o Evangelho a sério. Pensa que vai morrer de esgotamento, e recita alegre o Laetatus sum:-Vou para a casado Senhor...Mas recupera e retoma a sua actividade sacerdotal.

Sacerdote, vai pregar o Evangelho de Cristo. A partir de 1632, é destinado às missões; pregará, quase todos os anos, duas ou três, durante 45 anos, ao todo mais de 100. Não se dirige, como se faria agora, a multidões parcialmente descristianizadas; mas a pessoas que 'Iconhecem já o Bom Deus que nós adoramos, e que fazem profissffo de acreditar nas grandes verdades que lhos vimos anunciar---; têm fé, mas são espantosamente ignorantes do conteúdo desta fé. As imagens que até nós chegaram dão-nos a impresdo duma palavra extremamente vigorosa, duma voz, um olhar, uma atitude que conquistavam as almas e as abriam irresistivelmente a Deus. Ele tinha consciência desta força, que recebera ao nascer, e que a sua fé ardente multiplicava. Ele próprio dá testemunho - para tudo referir à graça - dos sucessos extraordinários das suas missões, dos "grandeseifeitos da graça" e das "benoos maravilhosas" que Deus distribuía; das multidões que a sua palavra atraía. Em Velognes, no ano de 1643, a "multidão de pessoas era tço grande, que eu me via obrigado a pregar todos os dias fora da cidade, por detrás do castelo, e julga-se que ali se reuniriam umas 40.000 pessoas aos domingos e dias festivos". Em 1671, com 70 anos de idade, prega no castelo de Versailles:"Com o Santíssimo exposto, Deus concedeu-me a graça de fazer duas vigorosas exortações diante da Rainha, tendo no mão custódia; e uma terceira, ainda mais vigorosa, na presença do Rei"(55 a 58).

O testemunho dos outros confirma o seu. "Este grande pregador que foi o Padre Eudes, raridade do seu século...", nota M. Olier, no seu diário

16-

Intimo (5), já em 1642; e desde essa data desejava fazer com que ele viesse pregar na sua paróquia de S. Sulp(cio. E M. Vincent (S. Vicente de Paulo), em 1660, escreve: "Alguns podres da Normandia chefiados pelo Padre Eudes, de quem julgo tervis ouvido falar, vieram prner uma missão em Paris, com um resultado admirável O pátio dos Quinze-Vingts é bem grande, o no entanto

revelou-se demasiado pequeno para conter as pessoas que acorriam às pregações” (6).

Para o serviço das missões, Jogo Eudes, prático e realizador, vai editar pequenas obras, instrumentos cómodos para os seus confrades: o Exercício de piedade (1636), manual para a vida cristã de todos os dias; o Método da missão (1642), resumindo em perguntas e respostas o ensino elementar que ele ministrava às crianças e a muitos pais, no decorrer das suas missões, com uma graça particular; e finalmente as Advertências aos confessores missionários (1644).

Sacerdote, João Eudes vive no desejo constante de despertar as almas para a fé e amor de Cristo. Muitas almas confiam nele e lhe pedem conselho. Leigos, homens ou mulheres, pessoas felizes ou almas atormentadas; a mãe Moderna de Camilly, boa mãe de família, tal como Mario dos Vallées, a estranha e santa mística de Coutances. Dirigem-se a ele religiosas em grande número. Causa espanto a autoridade espiritual com que, a partir de 1629, este jovem padre de 28 anos, saído dum meio rural, se dirige a “Madame de Caen” Lourenço de Budos, a grande abadessa reformadora da Abbaye-aux-Dames, ilustre por nascimento e pelo cargo que ocupava... Aliás, em troca da sua ajuda espiritual, João Eudes encontra junto dela um apoio eficaz para a sua acção apostólica. Em Caen, em Paris, aconselha, dirige, anima com a sua fé comunicativa comunidades de carmelitas, beneditinas, ursulinas...

Por outro lado, este ministério leva-o a escrever e a publicar. A sua primeira grande obra, que ficou sendo a sua obra mestra, é destinada às almas que procuravam Deus sob a sua direcção: A vida e o reino de Jesus nas almas cristãs (1637). É dedicado a Madame de Budos, “como coisa que é toda sua”; mas dirige-se lo todos os cristãos que desejam servir a Deus em espírito e verdade”, já que “ser cristão e ser santo é uma e mesma coisa”. Ensina, “Por meios muito fáceis, muito suaves e poderosos”, como podemos viver sentemente, “acostumando-nos a ver, amar e glorificar Jesus em tudo”. Havemos de fazer desta obra largos extratos (1 a 48).

Outro livro, publicado muito mais tarde, é dedicado a todas as religiosas “que se ocupam na instrução de meninas”: ursulinas, visitandinas, Congregação de Notre-Dame. Trata-se de A infância admirável da Santíssima Mãe de Deus (1676). Este livro é talvez aquele que melhor nos revela o conhecimento concreto, vivo, das almas e da vida do mundo,

17-

conhecimento que ele tinha adquirido durante aqueles longos anos de ministério.

Algumas páginas são dum realismo digno de Molière:

Falo ... de muitas que se dizem cristãs, mas que sgo mais pagãs que cristãs ... Silo aquelas que passam mais de metade da vida a dormir e a comer, e o resto a idolatram-se diante dum espelho, a jogar grandes somas de dinheiro, a bailar e a dançar, a ler romances, a adular, a frequentar as comédias, a fazer visitas mundanas em que o tempo se passa a criticar ou fazer pouco do próximo, ou a maltratar a sua reputação por maledicências e calúnias. São aquelas que S. Jerónimo chama as Amazonas do diabo, que se armam dos pás à cabeça para fazer guerra à castidade, e que, por seus cabelos frisados com tanto artifício, sinais artificiais no rosto, nudez nos braços, costas e pescoço, matam nas almas essa princesa do céu... Aquelas que vemos ao lusco-fusco ou no escuro, sentadas nas mesinhas dos mostruários com jovens efeminados, ou a passear com eles até às dez e onze da noite 7.

Este retrato serve à maravilha a Celimenes e a esse "mundo" de que ela tento gosta. E a "circumspecta Arsinoé" também aí encontraria calçado à medida do pé: um pouco mais adiante, parece que estamos mesmo a ver o seu retrato...

Mas não podemos demorar-nos nem fazer longas citações das questUs muito circunstanciadas que o livro do Bom confessor põe à consciência dos homens da finança, dos capitães e soldados, dos funcionários e oficiais subalternos, dos taberneiros, marchantes e boticários... Não há dúvida, Jogo Eudes, missionário e director de almas, conhecia bem o coração do homem; conhecia os pecados que o encadeiam e também os caminhos misteriosos da graça, que pouco a pouco o conduzem ao Amor. Sacerdote, foi-se sentindo cada vez mais irmio dos outros sacerdotes, cada vez mais chamado a ajudá-los humildemente na sua vida sacerdotal: e aqui tocamos numa linha mestra da sua vocação. Daí nasceram grandes decisões, que temos de estudar agora.

As iniciativas.

Congregação de Jesus e Maria.

João Eudes é homem de acção. Desde o princípio da sua formação, elo se tinha deixado possuir, nos contactos com o Padre de Bérulle, dum grande estima pelo sacerdócio, dum sentido muito elevado da missão do sacerdote ao serviço do povo cristão, que deva transformar num povo

18-

santo - um povo totalmente sacerdotal. Bem depressa esta convicção vai traduzir-se em actos. Sim, porque, nessa capítulo, é necessária a acção: porque

os padres são numerosos, muito numerosos, mas por vezes medíocres e até mesmo indignos; os «benefícios» são procurados por motivos que estão longe de ser espirituais; a ignorância é profunda, e ninguém pode admirar-se disso, pois não existe uma instituição destinada a formar os futuros padres. As missões fornecem ao Padre Eudes uma evidência cruel desta falta de formação. A partir de 1641, toma o hábito de reunir cada semana todos os padres, no decorrer das suas missões, e pode verificar amplamente os resultados dessa iniciativa: actualização dos conhecimentos, ou mesmo uma conversão em profundidade. A instrução assim dada aos sacerdotes encontra-se desenvolvida nos livros que ele escreveu e posteriormente publicou: O bom confessor (1666), o Memorial da vida eclesiástica e O pregador apostólico (sendo póstumas estas duas últimas obras, 1681 e 1685). Por outra parte, no decorrer das missões, Padre Eudes adquiriu a experiência da colaboração fraterna com outros sacerdotes, e alguns tornaram-se para ele «membros de equipa» muito amados e às vezes admirados. As vantagens que o sacerdócio pode esperar da vida comum tornavam-se-lhe assim manifestas.

Impunha-se uma acção institucional. É certo que o Concílio de Trento já tinha lançado um grito de alarme, com o decreto Cum adolescentium aetas (1563); e aqui e ali tinham surgido escolas para formação de clero, em que se recolhiam jovens a partir dos doze anos. Inclusivamente, alguns sacerdotes tinham-se agrupado com essa finalidade.

Por outro lado, o Oratório tinha aberto seminários deste tipo: um dos primeiríssimos tinha sido o de Luçon, a pedido de Richelieu, jovem bispo de 22 anos (8).

Mas estas experiências só em parte eram satisfatórias; delas não haviam saído sacerdotes: entrados muito jovens, aqueles aspirantes não perseveravam. Certas tentativas não tiveram grande continuidade. Era preciso outra coisa, e muitos apóstolos andavam à procura. Neste capítulo, como em muitos outros, M. Vincent foi sem dúvida um pioneiro; ensaiou uma fórmula nova:

A disposição conciliar deve respeitar-se como inspirada pelo Espírito Santo. Contudo, a experiência mostra que, da maneira que se vem executando, no que diz respeito à idade dos seminaristas, a coisa não resulta... É muito diferente o tomá-los dos vinte aos vinte e cinco e até trinta anos... (9).

E ele transforma o seu colégio dos Bons-Enfants num seminário de  
19-

ordinandos. É de crer que, por seu turno, o Padre de Condren, discípulo predilecto de Bérulle e mestre muito querido de João Eudes, tenha acarinhado os mesmos

pensamentos, mas no segredo e com as suas « demoras » habituais. Os seminários do Oratório eram do primeiro tipo, e ele conhecia-os por experiência, pois dirigiu (apenas por alguns meses, por motivos que ignoramos (10] o de Langres e, depois, o de Saint-Magloire de Paris. Sabemos que preparou longamente, com vista a uma tarefa nova - precisamente aquela que nos ocupa - um pequeno grupo de padres não-oratorianos: tarefa oportuna, explicou por fim a um deles, desde que se recebam apenas jovens cuja maturidade mental permita julgar se siro chamados ou não ao serviço do altar» (11). -M. Olier era um destes padres.

Estas ideias eram, sem dúvida, igualmente espalhadas pelos círculos fervorosos da pujante Companhia do Santíssimo Sacramento; M. Vincent e o P. de Condren contam-se, precisamente, entre os seus iniciadores; M. Olier era seu membro activo; e o Padre Eudes foi, em Caen, ao lado do Bargo de Renty, um dos seus propagandistas mais ardorosos (12).

As quais ideias iam ao encontro das de Rechellieu, e em 1642 o Cardeal tomou a iniciativa duma entrevista sobre este assunto com o Padre Eudes. O certo é que as iniciativas explodiram em cadeia: M. Olier no Vaugirard, M. Vincent nos Bons-Enfants e, enfim, o Padre Eudes em Caen.

Mas o Padre Eudes não era livre. O seu projecto, amadurecido no silêncio, segundo um princípio do Padre de Condren (13), não obteve a aprovação do sucessor de Condren, o Padre Bourcoing. Quais os motivos? Temer-se-ia (erradamente) que essa obra desviasse o Padre Eudes da pregação? Porventura o Oratório se negava a aceitar o novo tipo de seminários defendido pelos membros da Companhia do Santíssimo Sacramento? A verdade é que o Padre Eudes decidiu continuar. Não o fez irreflectidamente. Bem sabia que se arriscava a perder a amizade dos seus confrades de Caen, dos quais era superior; a estima do Oratório, Congregação já poderosa; e uma «posição» - humanum dico - já brilhante e cheia de promessas. Ele acabava de ser nomeado pelo arcebispo de Ruão superior das Missões da Normandia; mas tudo arriscava para se lançar numa aventura cheia de imprevistos e pouco segura. Porém, durante muito tempo, ele tinha orado, consultado, reflectido. Tinha também, sem dúvida alguma, segundo os seus princípios recentemente formulados, renunciado "inteiramente e para sempre - a todos os seus desejos, vontades e inclinações -, como é preciso que façamos «quando empreendemos algum projecto piedoso ou fazemos alguma acção santa para a glória de Deus- sempre prontos a «interromper ou abandonar de todo esse projecto ou essa acção" sem perder a paz de alma, se tal é a santíssima vontade de Deus (14).

Ele não abandonou aquele projecto nem interrompeu aquela iniciativa;

simplesmente, saiu do Oratório. E nunca no futuro, mesmo no mais aceso dos combates que esta decisão lhe acarretou, nunca exprimiu a mínima pena de a ter tomado. Decisão ousada, dolorosa, mas tomada no interesse do Reino de Deus (14). Uma vez mais, ele encarava o Evangelho a sério.

João Eudes fundou, pois, em Caen, um seminário de ordinandos. Alguns jovens sacerdotes tinham querido segui-lo e, no dia 25 de Março de 1643, tinham feito com ele a peregrinação a Délivrande (a três léguas de Caen), para consagrar a Nossa Senhora a nova obra. Na humilde casa que tinham alugado - «aMissão», como se lhe chamava em Caen - não se seguiam, de começo, os estudos eclesiásticos que conhecemos agora. Apenas se faziam, antes das Ordens, permanências mais ou menos prolongadas, que eram, ao mesmo tempo, retiros espirituais e sessões de formação pastoral (administração dos sacramentos e canto-chão, casos de consciência, conhecimento prático da Escritura ... ). Também servia de pensão a jovens que seguiam os cursos universitários. Numerosos sacerdotes vinham ali formar-se - ou reformar-se.

Seguiram-se a esta outras fundações: Coutances, Lisieux, Ruão, Évreux, Rennes. Pouco a pouco, aliás, os estágios preparatórios para as ordenações foram-se tornando mais longos. E começou-se, sobretudo em cidades onde não havia universidade, a dar cursos propriamente ditos.

Tinha, portanto, nascido a Congregação de Jesus e Maria, sociedade plenamente sacerdotal, ao serviço do sacerdócio diocesano:

«O seu estado é o eclesiástico, dizem as Constituições, e é seu propósito permanecer sempre sob as ordens da hierarquia eclesiástica» . «Não conhece outro Instituidor senão Aquele que instituiu a Ordem Sacerdotal, que é o Sumo Sacerdote Jesus Cristo Nosso Senhor. Adora-O como seu Fundador, seu Superior e seu Pai».

O seu espírito «não é outro senão o espírito do Sumo Sacerdote Jesus Cristo Nosso Senhor, que os eclesiásticos devem possuir em plenitude, para o espalhar nos outros».

Eis aí uma iniciativa fiel a Béruile. Mas também uma precisão definitiva: a sua finalidade «Primeira e principal é que seus filhos se empreguem cuidadosamente, pelos exercícios dos seminários, a Preparar Obreiros irrepreensíveis para a vinha do Senhor .. »

E foi assim que o Padre Eudes criou, com vista aos seminários, a

Congregação de Jesus e Maria.

21-

Nossa Senhora da Caridade.

A obra de Nossa Senhora da Caridade teve uma origem bastante parecida. Nos «meios devotos» agitava-se o problema da reabilitação das raparigas mal comportadas. Os grupos da Companhia do Santíssimo Sacramento propagavam esta inquietação, estudavam planos, confrontavam experiências (15). Em Paris, Nancy, Marselha, tinham-se ensaiado várias tentativas: casas de recuperação ou de «refúgio». Ora, as missões tinham posto no caminho de João Eudes bom número daquelas infelizes raparigas, desejosas de encontrar uma vida digna e estável - e ele tinha verificado pessoalmente quanto isso lhes era difícil. O problema do regresso e da reabilitação destas infelizes transviadas atormentava o coração do pastor. Tinha falado nisso a M. de Bernières, da Companhia, talvez desde 1634; e, esperando melhor ocasião, tinha colocado algumas destas "penitentes" em casas de pessoas de boa vontade.

Certo dia de 1641, uma destas pessoas viu-o passar com alguns amigos dedicados num arrabalde de Caen. Rudemente, interpelou-o: «Aonde é que ides todos? Se calhar idas às igrejas, comer imagens, depois disso, ficareis a pensar que sois muito devotos! Nio é lá que está o coelho; ide antes trabalhar na tundação duma casa para estas pobres raparigas que se perdem por falta de meios e de orientação!» (16).

O Padre Eudes reagiu imediatamente, como homem de acção que era. Sem plano preconcebido, teve em conta as possibilidades e as experiências já feitas, nas quais o seu génio realizador irá fazer certas adaptações. Também reagiu sem vaidade - e isso seria mais custoso, consciente como estava do poder que tinha: aceitou censuras e conselhos, imitou humildemente o que outros fizeram bem feito, e retomou, até, o nome duma casa de Nancy: Nossa Senhora do Refúgio.

A partida, ele não tinha em mente um instituto religioso; punha, até, essa ideia de parte. As dificuldades encontradas com uma primeira equipa de colaboradoras é que a isso o levaram. Foi uma longa realização. Durante dez anos, teve de aproveitar o concurso precioso, mas por vezes difícil, dum grupo de visitandinas; a Madre Patin, que as chefiava, alma de oração e cheia de zelo, tinha um temperamento áspero e teimoso... Finalmente, sob o nome de Nossa Senhora da Caridade do Refúgio, o novo instituto arrancou e obteve a aprovação de Roma (2 de Janeiro de 1666). Contrariamente às experiências tentadas por

outros, o Padre Eudes não admitia penitentes entre as religiosas; por outro lado, dotava o novo instituto de sólidas Constituições. Era trabalho de bom operário: de todas as tentativas contemporâneas, o instituto de João Eudes foi o único que sobreviveu; atravessou a Revolução Francesa, e conheceu posteriormente, nos seus dois

22-

ramos (Nossa Senhora da Caridade do Refúgio e Nona Senhora da Caridade do Bom Pastor), uma grande prosperidade, de que ainda agora somos testemunhas.

Festas litúrgicas.

Era preciso alimentar espiritualmente estes conventos de religiosas, estas comunidades de sacerdotes. Aos cristãos, cuja fé e fome de Deus as missões reavivavam, era preciso facilitar-lhes o acesso ao amor e ao Pão de Cristo. Com esta finalidade, João Eudes compôs ofícios litúrgicos.

Bérulle tinha-lhe dado o exemplo, fazendo celebrar, no Oratório, a solenidade de Jesus. Do mesmo modo, João Eudes fez celebrar, nos seminários da sua Congregação, uma festa em honra do divino sacerdócio de Jesus Cristo e de todos os santos sacerdotes e levitas. O texto, tinha-o composto ele; e a data foi fixada em 13 de Novembro, acabando a respectiva oitava precisamente pela renovação das promessas clericais, no dia da Apresentação da Virgem (59).

Mas foram sobretudo os Offícios em honra do Coração de Jesus e do Coração de Maria, que foram para ele meios de acção apostólica. Qual é, pois, a sua origem?

Desde a sua infância, João Eudes tivera a intuição de que o culto cristão «em espirito e verdade» é, antes de tudo, uma oferenda interior, um dom do coração. Só o amor é que importa. Com Cristo e com Maria, nós temos, pela graça, laços íntimos e pessoais, laços de coração é no Coração de Cristo e no Coração de Virgem em que Cristo é tudo, que se oferece a Deus o sacrifício do amor perfeito. João Eudes tinha lido isso na Bíblia, nos Santos Padres, nos místicos; e, mais perto dele, no seu caro S. Francisco de Sales (17), que dedicou o seu Tratado do Amor de Deus ao «Coração» amabilíssimo da Virgem Maria» ou nos livros do seu venerado Padre de Bérulle: "õ Coração de Jesus vivendo em Maria o por Maria! õ Coração de Maria vivendo em Jesus o por Jesus!" (18). Estava, assim, preparado, para se tornar o "Profeta do Coração.» (19).

Desde os anos de 1640 que o Padre Eudes tinha redigido a saudação « ao Coração de Jesus e de Maria »- o Avo Cor (63). No decurso das missões, dava o

texto dessa saudação às almas em busca de Deus. Pela mesma época, empreendeu a composição do seu primeiro ofício, em honra do Coração de Maria. Este officio estava organizado desde há alguns anos, quando, com a aprovação do bispo, foi celebrado pela primeira vez em 8 de Fevereiro de 1648, em Autun. Nos anos seguintes, não obstante a oposição encarniçada dos jansenistas, muitos mosteiros e conventos o adoptaram, na Normandia, Borgonha e Ile-France: visitandinas (20), ursulinas, carmelitas, beneditinas; o chegou a ser concedido a congregações.

23-

como a das Beneditinas do Santíssimo Sacramento. Muitos bispos o tinham aprovado, e algumas paróquias foram autorizadas a adoptá-lo, nas dioceses de Autun, Soissons, Lisieux, Évreux, Coutances, Toul, etc. Nas suas missões, o Padre Eudes organizava confrarias de leigos consagradas ao Coração de Maria, as quais eram autorizadas a celebrar a sua festa. A tal ponto que, em 1672, ele podia já alegrar-se por vê-la já espalhada «por toda a França», e exprimir a esperança de a ver celebrada «um dia, com grande solenidade, por todo o mundo».

Mas, entretanto, a lógica da sua fé tinha-o levado a compor um ofício em honra do Coração de Jesus. Não tinha sentido antes essa inspiração, porque partia do princípio, que toda a devoção e liturgia cristãs estão orientadas para o Verbo Incarnado. No entanto, tinha podido verificar os benefícios do seu primeiro ofício, tão expansivo para a fé, naqueles tempos em que soprava o vento frio do jansenismo; aliás, não é o Coração o sinal do amor, e o amor não é acaso o supremo mistério, princípio de todos os outros, fonte da nossa salvação, essência do sacrificio de Cristo? Em 1672, a missa e o ofício estavam redigidos e tinham obtido a aprovação de muitos bispos. João Eudes enviou uma circular a todas as casas da Congregação, prescrevendo-lhes a celebração desta solenidade.

Participou-o igualmente às comunidades religiosas de que era director espiritual - as mesmas que já celebravam a festa do Coração de Maria. Entre as mais fervorosas sobressaíam as Beneditinas do antigo mosteiro de Montmartre; e foi assim que, desde 1674, se celebrou sobre a colina de Montmartre uma festa solene em honra do Sagrado Coração (64).

Eis a razão por que João Eudes mereceu ser proclamado por Pio X "Pai, Doutor e Apóstolo do culto litúrgico do Sagrado Coração.»

As grandes lutas e a morte.

Da acção apostólica de S. João Eudes, apenas indicamos as linhas mestras, os pontos culminantes. Foi ininterrupta, múltipla e ardente. Nestes trabalhos, ele punha ao serviço do Reino de Cristo uma natureza rica de homem de acção; e encontrava nisso, devia encontrar nisso, uma espécie de exaltação das suas possibilidades humanas. As vezes, exprima esse entusiasmo:—  
Nunca experimentei consolações mais sensíveis do que aqui, onde vejo uma multidão de povo, que vem à pregação e cerca os nossos confessionários .. ... Era, sem dúvida, o entusiasmo da sua fé, mas também da sua natureza, feita para criar e para combater. O Senhor de Renty, que o conhecia bem, podia escrever-lhe, durante uma missão: "Como sois feliz por vos encontrardes t;fo em cheio, no meio de moral Sinto o pulsar do vosso coração, que desejaria abrir-se e expandir-

se por toda a parte, para dar a conhecer o Reino de Deus em Jesus Cristo - í21).  
24-

NOSSA SENHORA DA CARIDADE. Escultura em madeira dourada (altura 80 cm), em Notre-Dame de Charité de Caen. Possivelmente de origem espanhola, dada pelo Carmelo de Caen ao primeiro Refúgio (1641), evoca todo um movimento espiritual: de Santa Teresa a João Eudes, passando por Bérulle. Foi ela que indicou a vontade de Deus a Madre Patin.

A VIRGEM-MÃE. Escultura em madeira (altura 65 cm), existente em Notre-Dame de Charité, de Caen. Era a imagem preferida de S. João Eudes. Tinha-a sobre a mesa de trabalho, e às vezes levava-a consigo para as

Mas toda esta actividade devia ser vivida em muita pureza, só pelo amor de Cristo - ainda que isso supusesse, cada vez mais, um sacrifício de si mesmo, inteiramente desinteressado e unido à cruz de Jesus. Este despojamento, esta pobreza espiritual, ele a adquiriu gradualmente, ao longo de lutas muito duras, muito dolorosas; foi, em certas ocasiões, para o seu coração, uma espécie de morte.

As primeiras oposições vieram-lhe dos seus confrades do Oratório, que ele teve de abandonar para estabelecer o seminário de Caen; em rigor de direito, eles tinham razão em considerá-lo como um tráfuga, que se tinha posto à margem da obediência. Em Rugo, em Paris, em Roma, eles empregaram, durante anos, toda a sua influência, que era grande, em contrariar as suas empresas e impedir fossem aprovadas.

Depois, foram os jansenistas, que se opuseram violentamente a este arauto do Coração de Maria, o censuraram pelo crédito que ele dava à ---beat3-, nome pelo qual designavam Maria das Vallées.

Uma vez por outra, a autoridade eclesiástica tomou partido contra ele. Em 1650, no governo de Monsenhor Molé, bispo de Bayeux, a oficialidade de Caen proibiu-o de celebrar missa na cidade e selou-lhe a porta da igreja. Através das suas cartas e do seu Diário, damos-nos conta do modo como reagia. Uma vez, a graça como que o tornava insensível: "Deus permitiu que ou fossa desprezado, esfrangalhado e caluniado de modo mais que ordinário; mas isso pouco me affigiu, por uma graça especial da Sua divina bondade...". Outras vezes, fala disso com um ar de sorriso, e até com uma certa ternura:

Os canzarrões deste país, escreve ele de Ruão, não morderam

nem ladraram, que eu saiba, nem atingiram o cfozito branco de orelhas negras. Mas em Caen, mordem-no, ferem-no, fazem-no em pedaços... Mas ele é propriedade dum Senhor que saberá muito bem defendê-lo, quando Lhe aprover. E se Ele tem gosto em o ver corrido e devorado, fiat, fiad No entanto, espero que Ele defenderá o Seu cachorrinho e lhe dê a força de morder, de estrangular e fazer

morrer os inimigos do seu Dono, que são os pecados dos homens.

As vezes, porém, sente-se prostrado:

Tenho sofrido, anota, tenho sofrido da parte de algumas

peessoas que me eram muito queridas, e que me causaram, durante muitos meses, sofrimentos e angústias das mais sensíveis que jamais sofri em toda a minha vida.

Era por volta de 1661; posteriormente, ainda conheceu pior. Uma

26

das mais rudes provações foi o cair em desgraça junto do rei: acusavam-no de ter prometido ao papa - numa súplica redigida e apresentada em Roma sem conhecimento do Bgi 7- uma obediência incondicional, com desprezo dos direitos reais. De 1674 a 1679, esta desgraça ameaçou a existência da Congregação. No meio de toda esta borrasca, ele guardou uma profunda paz de coração, e perdoou sempre ---aos seus benfeitores-, como dizia.

Caluniado, de maneira indigna, pelo Abade de Aunay (imputava-lhe, a propósito de Maria des Vallées, treze heresias!), recusa defender-se:

Como nffo encontro no santo Evangelho que o nosso divino e

adorável Mestre tenha empregado os meios apontados na sua carta -

- escreve ele ao superior de RuSo, que o convidava a defender-se -

- não acabo comigo a fazer outra coisa senão esforçar-me por imitá

-lo na Sua paciência e no Seu silêncio: Jesus autem tacebat..

E acrescenta:

Peço ao meu Deus que me perdoe, e àqueles que me perseguem.

Com toda a humildade, solidariza-se, no pedido de perdão, com os seus perseguidores. Tal é, perante a injustiça, a magnanimidade que o espírito de Jesus ensinou a esta alma sensível e forte, e de modo algum indiferente aos seus direitos ou à sua dignidade pessoal.

As últimas páginas do seu Diário estão cheias de lembranças das suas cruces. Mas isso não o impedia de continuar a trabalhar corajosamente no serviço das almas. Continuava a pregar. Aos 74 anos, em Saini-Lô, fala na praça pública perante enorme auditório, com extraordinária vivacidade. Mas no ano seguinte, novo motivo de purificação para o velho lutador: a trepidação duma

carruagem "num caminho cheio de grandes calhaus provoca-lhe uma hérnia - moléstia dolorosa para o corpo, porém muito mais, nota ele, para o espírito, pois me tira a possibilidade de trabalhar na salvação das almas, nas missões-.

Este velho é de uma humildade sem jactância. Ao sair de uma grave enfermidade, escreve: o Senhor curou-me--- para me dar tempo de me converter e de começar uma vida nova-... Que Nosso Senhor e Sua Santa Mãe me dêem a graça de começar a amá-los como devo,- porque eu não sei se os conheci...-. Não tinha vivido senão para Eles! E continuava a viver e a trabalhar para Eles.

Consagra os seus últimos anos a escrever. Acaba, com tesouros de ternura e de entusiasmo, o grande volume em que havia tanto tempo meditava: O Coração admirável de Santíssima Mãe de Deus.

Põe em ordem todos os seus negócios, e assegura a sua sucessão à

frente da Congregação. Em seguida, após uma curta doença, durante a qual "falava do Céu como se já lá tivesse estado-, no dia 19 de Agosto de 1680, às três horas da tarde, em união com Jesus Cristo que morreu na cruz por amor, deu a alma a Deus.

Morreu do mesmo modo como tinha servido a Cristo e à Sua Igreja: Corda magno et animo volenti.

## II. - A DOCTRINA

S. João Eudes não é um escritor. É, já o vimos, um missionário. No entanto, escreveu muito: as suas Obras Completas, editadas em 1905- 1911, perfazem 12 volumes. .

Cartas, ofícios litúrgicos, tratados - escrevia para servir, sem se preocupar grandemente com a forma, sempre aguilhoado por outras tarefas. Ao escrever, não se importava de voltar a utilizar o que já tinha composto, sobretudo as suas notas de pregação; daí que ao seu estilo escrito, privado do calor vivo da sua voz, falte não sei que acabamento. Os textos mais perfeitos e escritos de propósito são aqueles em que concentrou o seu pensamento, encerrando-o numa fórmula breve: assim as belas orações contemplativas e o exercício---deentes do meio-dia", as antifónias e os responsórios dos ofícios litúrgicos, e curtas páginas mais trabalhadas do Reino de Jesus.

Porém, mesmo quando não atinge esta sóbria plenitude, seus escritos são sempre animados dum sopro vigoroso e exprimem perspectivas de fé muito ricas. São estas sínteses, estes grandes temas espirituais, que passamos a analisar.

Bérulle.

Para melhor os compreender, começaremos por subir até à sua fonte: o pensamento de Bérulle.

Toda a sua vida, João Eudes professou pelo Padre de Bérulle a mais profunda veneração. Efectivamente, foi Bérulle quem recebeu em Paris o jovem sacerdote, em 1623, e parece ter sido ele quem pessoalmente dirigiu, na medida em que lho permitiam seus trabalhos, o primeiro ano da sua formação (noviciado). Que João Eudes tenha lido os seus livros, é evidente; nutriu a sua fé com as lições do mestre, e impregnou-se do seu pensamento, digamos até, do seu vocabulário. Não há dúvida que se apropriou das suas riquezas; embora a sua forte personalidade, as suas ;~ próprias buscas e os apelos da sua vida

apostólica tenham intervindo, e ele

28

tenha um modo muito pessoal de ser béruiliano. Mas é-o. E resumir o paraisamento de Béruile não será afastar-nos do nosso assunto: será, antes, estender o pano em que João Eudes realizou o seu próprio bordado.

Parece que, conforme recentemente se estabeleceu (22), os temas

característicos do béruilismo podem reduzir-se a quatro: 1º espírito de reverência perante a grandeza de Deus, 2º cristocentrismo místico -1 sentido da realidade de Maria, exaltação do estado sacerdotal etc.

Ainda muito jovem, Béruile tinha-se deixado possuir pela evidência da grandeza de Deus. A partir daí, a sua vida e obra desenrolaram-se num clima de contemplação adorante. Nunca cessou de considerar com espanto a condição de criatura, totalmente dependente do seu Criador, pura imagem e reflexo de Deus (em Quem tem o seu arquétipo), totalmente referida a Ele e glorificando-O pelo seu próprio ser: "Tudo o que procede de Deus, diz respeito a Deus e dá glória a Deus". Assim, de aproximação em aproximação, através do mundo da graça e da criação primitiva, desde os mais puros espíritos até aos elementos mais materiais, todos os seres criados reflectem e repetem ao infinito a Beleza Primeira, cuja imagem trazem em si. Mas entre todos os seres, os que são espirituais devem ratificar, por um acto livre de amor, este movimento de retorno a Deus que está inscrito em toda a criatura; mesmo os homens pecadores devem "consentir na sua origem-, aceitar de boa mente a sua "servidão-, quer dizer, a sua dependência absoluta de criaturas, puros reflexos destinados a glorificar o seu Sol, repercutindo a Sua glória. Se chegassem a ratificar plenamente a sua condição criada, não só por actos sucessivos mas de modo durável, tornaram-se em estado de adoradores de Deus. E é esse o ideal a que sem cessar devemos tender. Mas como o aperfeiçoamento pleno desse ideal está muito para além das nossas limitações, devemos deixar o Espírito de Deus realizá-lo em nós pelas vias que Ele conhece e nós ignoramos; devemos deixar que Ele nos desaproprie de nós mesmos e nos encha de Si: a vida mística insere-se logicamente nesta perspectiva, e Béruile, discípulo dos místicos renano-flamengos e do Pseudo-Dionísio, não receia encará-la.

Porém, só Jesus Cristo é que realiza em plenitude, em Sua Humanidade, esta homenagem absoluta de Si mesmo a Deus: Ele é o perfeito, o supremo, o divino Adorador. E por um duplo título: o amor adorante de Jesus por Seu Pai, não só realiza em perfeição o voto de todos os seres criados por Deus (referir-

se a Deus, fazer homenagem de si a Deus), mas, além disso, a Sua Humanidade, privada de subsistência própria, assumida pela Pessoa do Verbo, é constituída em seu próprio centro num e~o de desapropriação radical e de pertença a Deus. E Bárulle admirava incansavelmente esta divina adoração "por estado- - melhor dito,---poresOncia- -

- que é a de Jesus Cristo. Eis porque, ao contemplar os diversos acontecimentos da vida de Cristo, ele se prende de preferência aos que têm uma duração, que honram a Deus---porestado", como a infância ou a vida peregrina de Jesus. Nestes acontecimentos históricos (da Anunciação à Ascensão) ou transistóricos (como o nascimento do Verbo no seio do Pai), Bérulie contempla com toda a sua fé a graça que eles contêm e que lhes "eterniza" o alcance. Os "Mistérios de Jesus- são todos estes acontecimentos ou lestandos- do Verbo, enquanto têm poder, pela graça que lhes é própria, para glorificar a Deus e santificar todos os acontecimentos e---estados" das nossas vidas. De facto, todo o ser humano é chamado a imitar e continuar os acontecimentos e lestandos- da vida de Jesus (nascimento, infância, idade adulta, morte e ressurreição) (3).

Jesus Cristo não realiza este movimento para Si só: Homem-Deus, Ele é, desde agora, o centro do Universo. Todos os seres criados devem adorá-Lo: por vontade, como a seu Senhor; e por ser, como ao único e definitivo esplendor da glória do Pai, exemplar perfeito do qual trazem a imagem. Todos devem desapropriar-se de si mesmos, e participar, tanto quanto possível, da homenagem do Servo perfeito, e reproduzir em si mesmos a Sua atitude de dependência e de oferenda; é assim que Ele restaura o seu dinamismo fundamental de criaturas inteiramente referidas a Deus. Copérnico, tinha revolucionado as ideias correntes em astronomia, ao declarar que o sol é imóvel no centro do mundo; Bérulle propõe-se realizar essa mesma reviravolta em relação às doutrinas espirituais do seu tempo: o Homem-Deus é o---verdadeirocentro do mundo, e o mundo deve estar em movimento contínuo para Ele-. Eis o fundamento de toda a ascese béruiliana: os cristãos procuram desapropriar- se de si mesmos pela abnegação, e unir-se a Cristo, para que Ele reproduza, continue e acabe neles todos os Seus---estados e mistérios-. "Perdendo-nos a nós mesmos, possuímos Jesus, e Jesus é mais nosso que nós-. É a graça de Cristo que tal realiza: assim, Jesus atrai a Si todos os homens, une-os à Sua humanidade deificada, faz deles membros do Seu Corpo Místico. O Corpo Místico é, pois, a restauração plena e perfeita do Universo, retomado e oferecido na homenagem perfeita do Filho único e bem-amado. Por isso mesmo, esta doutrina do Corpo Místico, que progressivamente descobriu, torna-se para Bérulle o fecho de abóbada de todo o seu pensamento religioso.

Tal doutrina esclarece o mistério de Maria. Porque Maria é Aquela que deixou, sem a menor reticência, Jesus ser tudo em si. "Pura capacidade de Jesus cheia de Jesus" puro "olhar" para Jesus, a Virgem é toda interior ao mistério do Verbo Incarnado. Vivendo plenamente a sua condição de servidão - ecoo ancilla... fiat ~ ela se encontra unida, sem a mínima falha, ao Homem-Deus seu Filho; o seu abatimento faz a sua grandeza,

entregando-a toda à alta missão que Deus reserva à Sua serva: o papel eminente de Mãe de Cristo. Sendo Mãe do Criador, ela é, por isso mesmo, rainha de toda a criação, estreitamente associada ao Reino de seu Filho. Nós não nos podemos unir e referir a Jesus, sem nos unirmos e referirmos a Maria, Rainha dos corações e dos espíritos consagrados a Jesus- \* Tal é o sentido dos---votosde escrevidSo - a Jesus e a Maria, que Bérulle propunha aos oratorianos e às carmelitas; mal compreendidos, estes votos valeram-lhe rudes ataques; na realidade, eles não são mais que uma transposição da consagração baptismal.

Na primeira fila destes espíritos consagrados a Jesus- estão os sacerdotes, "a Ordem de Jesus". Em certo sentido, toda a vida de Bérulle se orientou para este fim: restituir a sua dignidade ao sacerdócio dos Padres, manifestar à evidência que o estado sacerdotal exige santidade e conduz à santidade. Foi para isso que ele fundou o Oratório, sociedade de sacerdotes cuja vida comum não tem outro sentido senão ajudar a viver plenamente a graça do sacerdócio. No mistério do sacerdote reencontramos aquela atitude tão essencial aos olhos de Bérulle: desapropriar-se de si mesmo, para se referir a Jesus, sumo Sacerdote, único Sacerdote - e não ser mais que "instrumentos vivos, animados do Espírito de Jesus, para realizar na terra as obras de Jesus- As--- obrasde Jesus- - e acima de tudo a Eucaristia - são a reasunção e consagração de todo o mundo criado, para o referir ao Pai, num movimento de adoração amorosa. Aliás, os sacerdotes não serão plenamente fiéis à sua vocação, senão na medida em que, para além dos seus esforços em se despojar de si próprios, deixem o Espírito de Jesus acabar neles a Sua obra e conduzi-los obscuramente até ao despojamento da passividade mística. Consentir nisso, é tender para a unidade mais profunda entre a vida pessoal e a função do sacerdote.

Tal é, nas suas grandes linhas, a doutrina que João Eudes recebeu do seu mestre Bérulle.

Condren.

Será necessário falar também do que lhe deu Condren?

Não há dúvida que João Eudes o conheceu e admirou muito. Em 1625, Condren foi chamado ao Oratório da Rua Saint-Honoré; provavelmente, o jovem Padre Eudes encontrou-se então sob a sua direcção, em Paris ou em Aubervilliers. De qualquer modo, deve ter sido influenciado pelo seu ascendente. Depois, em 1629, Condren veio a ser superior geral do Oratório; e foi ele quem,

onze anos mais tarde, nomeou o Padre Eudes superior da casa de Caen. Quando, pouco depois da morte de Condren, o Padre Eudes abandonou o Oratório, ficou com tal admiração pelo seu antigo superior, que quis mandar ler, todos os anos, no refeitório da sua

Congregação, a Vida do Padre Condren, publicada por Amelote.

A bem dizer, é difícil distinguir a influência de Condren da de Bérulle. Pode, no entanto, sublinhar-se um ponto. A graça própria de Condren foi a de contemplar e dar a conhecer o sacrifício de Jesus Cristo. Ora, havemos de o ver, a noção de sacrifício ocupa um grande lugar no pensamento de João Eudes. Mais precisamente, encontrar-se-iam nos seus escritos aspectos bem característicos da doutrina de Condren. Por um lado, a noção condreniana do sacrifício por aniquilamento ("só Deus tem o direito de ser; o Universo deve ser destruído para Sua glória"~ parece aflorar aqui e ali em João Eudes, posto que bastante diluída. Por outro lado, Condren desenvolve com pujança ideia, muito mais tradicional, do amor como laço o alma do sacrifício (enquanto Bérulle se comprazia mais em exprimir-se em termos de adoração); veremos que aí se encontra igualmente um dos tópicos eudistas.

Sagrada Escritura.

Mas João Eudes fez trabalho pessoal. Refez, à sua conta, a síntese béruilliana, e imprimiu-lhe a marca das suas reacções pessoais. Este trabalho durou toda a sua vida, e disso encontramos prova ao longo das obras que publicou. Nelas podemos reconhecer a marcha progressiva do seu pensamento.

Porém, o período em que ele dispendeu maior esforço pessoal, foram os dois anos de repouso após a sua ordenação; foram-lhe concedidos, diz ele, "para os empregar no retiro e dedicar-se à oração e leitura dos livros de piedade..." (23). Que livros leu então? Podemos responder, pelo menos, que leu os Santos Padres (Santo Agostinho, de certeza; sem dúvida, também os Padres Gregos). Os seus mestres do Oratório, tilio versados nos estudos patrísticos, não puderam deixar de o entusiasmar nesse sentido; aliás, disso encontramos provas nos seus escritos. Seria interessante investigar, pelo estudo minucioso da sua obra, quais os autores que mais o marcaram.

Mas nem por isso é menos certo que, através dos Santos Padres ou directamente, ele adquiriu um profundo conhecimento pessoal da Sagrada Escritura, e muito especialmente de S. Paulo. Confidenciou um dia a M. Éinet, um dos seus primeiros companheiros, que tinha recebido de Deus uma grande inteligência das Epístolas paulinas. E, de facto, refere-se-lhes constantemente. A sua prosa é, muitas vezes, um tecido de palavras bíblicas, tanto no Reino de Jesus (1637), como no Coração admirável (acabado em 1680) ~ O seu vocabulário depende, mais estreitamente que o de Bérulle, das fontes escriturísticas; se nele se encontra com abundância o material familiar a Bérulle (honrar, referir, estados e mistérios, pertença), a ausência

ou raridade de certos vocábulos béruilianos não é menos significativa. Por exemplo, as palavras capacidade ou subsistência não se encontram em João Eudes: está muito longe da Bíblia. Pelo contrário, a formação de Jesus em nós, inspirada em Gál. 4, 19, toma nos seus escritos a força de uma expressão técnica (15). Alguns textos familiares, a maior parte das vezes paulinos, aparecem constantemente sob a sua pena, por citação ou alusão: como, *Omnia vestra sunt* (62) ou *Omnia in omnibus Christus* (1) - este divino oráculo, lemos no Reino de Jesus, pelo qual comecei e pelo qual quero acabar-. Tem-se a percepção de que o facto não é fortuito. João Eudes cita Santo Agostinho, dizendo dos Livros Santos que eles são --o Coração de Deus, que encerra os Seus decretos e é o princípio da vida dos Seus filhos--; e vive essa verdade. Tal orientação, de apelar constantemente para as fontes bíblicas, não é das menores riquezas do pensamento eudista (1, 2, 3, 7, 8, etc.

#### S. Francisco de Sales.

João Eudes também leu autores espirituais mais chegados a si: Não se trata de fazer aqui o estudo pormenorizado desse facto; quando muito, teremos de citar, por exemplo, as monjas alemãs do séc. XVI, Gertrudes e Mectildes de Helfta, já conhecidas de Bérulle.

Há, porém, um autor em que devemos demorar um pouco mais, pois a sua influência foi importante: S. Francisco de Sales. João Eudes não o conheceu, pois o bispo de Genebra morreu em 1622; mas leu as suas obras, particularmente o *Teótimo* --, como ele chama ao Tratado do Amor de Deus (1616). Quanto a Bérulle, esse tinha conhecido e apreciado muito o Senhor de Genebra; também o tinha lido, mas numa época em que o seu pensamento pessoal estava já formado. João Eudes, pelo contrário, recebeu dele uma influência profunda. Encontramos no Reino de Jesus expressões bem salesianas (*Rei dos Corações.. Viva Jesus ..*); onde Bérulle fala de refugio, João Eudes, como S. Francisco de Sales, prefere devoção; encontramos até, aqui e além, desenvolvimentos salesianos transpostos quase tais quais, por exemplo, um passo sobre a nossa pertença a Deus; e o final do Reino de Jesus faz eco às últimas linhas do Tratado do Amor de Deus. Em escritos como as Advertências aos confessores missionários ou as Constituições de Nossa Senhora da Caridade, sente-se dificuldade, por vezes, em distinguir o que provém de S. Francisco de Sales e o que é de João Eudes. Um pensamento do santo bispo parece ter sido decisivo na evolução da doutrina eudista do Coração; é este: "Se dos cristãos primitivos se diz que tinham entre si um só coração e uma só alma...-, com maioria de razão se há de crer que Cristo e Sua Mãe não têm

sengo um Coração. São João Eudes cita muitas vezes este texto, e celebra, entre as

33

almas devotas do Coração de Maria, leste grande santo, que era todo fogo e chama de amor para com Deus e para com a Mãe de Deus-.

Falando de modo mais genérico, parece que S. Francisco de Sales ajudou o béruiliano João Eudes a proclamar de modo mais explícito que seu mestre o papel essencial do amor na vida cristã. Não queremos dizer, é evidente, que Bérulle minimiza o papel do amor. Lemos com alegria, no livro de M. Cochois (24), que seria --- um grande equívoco-, pensar que Bérulle substituiu a adoração ao amor: "pelo contrário, identifica-os", a tal ponto a adoração béruiliana é um impulso de todo o ser para o Deus único. Mas, enfim, Bérulle fala mais vezes de adoração que de amor. João Eudes, já o vimos, é muito fiel a Bérulle; o clima eudista é também profundamente religioso, adorador e contemplativo, e as palavras adorar, glorificar, honrar, são-lhe familiares. Mas devemos confessar que ele explicita mais o papel do amor; fala mais vezes que Bérulle de caridade, amor, união.

Parece-nos sugestiva, a este propósito, uma palavra de Dom Huijben. Ele nota (25) que Bérulle, quando aconselha a praticar---talacção em honra de tal mistério" de Cristo, parece fazer uma transposição modal religiosa da fórmula de Santa Mectildes: agir em tudo em uníffio com Cristo. Qualquer que seja o valor desta hipótese, como não pensar que a fórmula eudista incessantemente repetida agrupa precisamente estas duas expressões? A fórmula é esta, por exemplo: "ó Jesus, ofereço-vos esta recreaçffo em honra e união das santas recreações e divinas alegrias que Vós tivestes... - Fiel à atitude de adoração de Bérulle, ele explicita mais o seu rico conteúdo de caridade teológica. Santa Mectildes pôde fornecer-lhe fórmulas; mas parece fora de dúvida que S. Francisco de Sales fez muito para o lançar por esse caminho (38, 39, 40)..

Vocaçffo pessoal.

Mas nem tudo foi questão de leituras ou influências. Devemos ter em conta a contribuição do temperamento pessoal e os apelos da acção.

João Eudes foi um homem de acção, inteiramente voltado para os outros, aguilhado pelo desejo de ajudar os outros a caminhar para Deus. E esses outros em quem pensa sem cessar, porque lhes é enviado, não são apenas os "espirituais", já iniciados na vida interior: são também e sobretudo as multidões de cristãos mais ou menos ignorantes, mais ou menos tíbios, nos quais se trata de despertar e estimular a fé e o amor. João Eudes procura falar-lhes ao coração. Ele sente, e procura sentir ainda melhor, o que é preciso dizer e não dizer para os converter e instruir sem os desorientar. Todo o seu pensamento é marcado por esta orientação. Fiel a Bérulle, ele vai, no entanto, escolher e reter

dos seus ensinamentos sobretudo o que pode atingir e impressionar os mais simples do seu auditório;

34

aliás, ele não possui, e bem o sabe, a alta inteligência especulativa do seu mestre, e não se aventura em contemplações sublimes, mas difíceis, sobre as relações trinitárias ou a união hipostática; desenvolve de preferência, por exemplo, o que diz respeito aos sacramentos. Igualmente porá de parte uma terminologia excessivamente teológica; se, como acima notamos, prefere os termos bíblicos, isso provém, muitas vezes, e em parte, desta orientação apostólica.

Também evitará cuidadosamente as perspectivas e fórmulas que poderiam causar estranheza nos principiantes ou provocar os mal intencionados - esses mal intencionados dos quais Bérulle recebera tantos dissabores (quando João Eudes chegou, em 1623, ele ainda mal se tinha desenredado das dificuldades que tivera com as carmelitas). É ver, por exemplo, como Jogo Eudes se inspira numa bela página do seu mestre sobre a "profissão cristã de adesão a Jesus Cristo: deixa de parte tudo quanto se relaciona com o "voto de escravidão(que, no entanto, ele próprio tinha feito, quando jovem oratoriano, dia 25 de Março de 1624, e ao qual entendia continuar fiel); não retém senão - mas isso quase à letra - o que se relaciona com o baptismo.

Precisamente, do baptismo fará ele um dos seus temas maiores (6 a 10). A sua doutrina baptismal, muito rica, haurida nos Santos Padres, prolonga a de Bérulle; mas ocupa um lugar muito mais importante. E isso é significativo.

Quanto às aberturas béruilianas sobre a vida mística, por mui discretas que sejam, João Eudes, que provavelmente as tinha acolhido com júbilo para uso pessoal, não se faz eco delas na sua obra. Limita-se, no seu ensinamento sobre a oração (14, 31, 32) e sobre a docilidade ao Espírito Santo (27) a convidar as almas generosas a tornarem-se disponíveis sem reticências à, graça divina. Apóstolo, quer falar para todos, ser compreendido por todos; tem a preocupação constante de mover, de convencer. Se escreve, é para mostrar o que se deve fazer para agradar a Deus. O plano do Reino de Jesus é bem significativo a este respeito: a primeira parte contém ---alguns exercí(c)ios para viver cristi e santamente e para formar \* fazer reinar Jesus em nós---; a segunda,---o que é necessário fazer em toda \* nossa vida---; a terceira,---o que se deve fazer... cada ano---; depois,-- cada mês- , etc. Este plano, assim tão prático, é-lhe, aliás, familiar. Mesmo o seu livro mais "desinteressado", o grosso volume do Coração admirável da Mãe de Deus, ele quer que seja um livro que---pregue-,que 'lconvide poderosamente e atraia com eficácia- os corações a amar melhor e a melhor

viver. É esse o clima de toda a sua obra.

Principais temas.

O pensamento eudista é, pois, formado na esteira do pensamento béruiliano. Vamos agora apresentar as suas linhas mestras. Porém, como S. João Eudes nunca expôs o seu pensamento sob a forma dum sistema organizado, julgamos ser mais fiéis ao seu espírito estudando sucessivamente alguns temas que lhe são mais familiares:

o Primeiro, a fé no Verbo Incarnado, recapitulando na unidade do Seu Corpo Místico toda a humanidade resgatada; os princípios da ascese de S. João Eudes prendem-se directamente com este tema.

- Depois, o lugar da Virgem Maria no plano de Deus.
- Em seguida, o tema do primado do amor subjacente a tudo.
- Uma visão do sacrifício como oferenda e consumação do amor.
- Finalmente, rematando e sintetizando tudo, a doutrina do Coração.

O Corpo Místico de Cristo.

Conforme já dissemos, João Eudes repete constantemente as grandes palavras de S. Paulo, reveladoras da vida invisível de Cristo na Sua Igreja e da união misteriosa que se estabelece entre Ele e os homens resgatados, para que tudo em Cristo se recapitule e Cristo seja tudo em todos. A expressão de João Eudes é, por vezes tão paulina, que, lendo um resumo da mesma, perguntar-nos-amos se não se trata do pensamento directo de S. Paulo. Baste-nos recordar que os cristãos, membros de Cristo místico, mantêm com a sua Cabeça um dupla relação: Jesus é para eles, ao mesmo tempo, o caminho e o termo da sua marcha; ao mesmo tempo, o salvador, fonte, modelo perfeito e princípio vital da sua santificação, e o Senhor, objecto único da sua adoração, do seu serviço e do seu amor, que devem glorificar por toda a sua vida; ao mesmo tempo o meio e o fim do seu regresso a Deus (1 a 5, 15, 18, 25, etc.). Devem a Jesus Cristo a adesão total da sua fé; e Jesus Cristo dá-lhes a Sua graça, que os salva e os torna conformes a Si. Toda a vida cristã se torna, assim, uma continuação de vida de Cristo. E este misterioso intercâmbio realiza-se, antes de mais, no sacramento do baptismo.

A fé é o "primeiro fundamento da vida cristi---. Citaremos todo o trecho ( 4 - 5) dum pensamento original, em que S. João Eudes nos mostra que a fé é uma participação da "luz e ciência divina, infundido na alma senta de Jesus no

momento da Sua Incarnação". Nesta luz, descobrimos, primeiro, o duplo nada do homem, pura criatura, que recebe de Deus o seu ser, e pecador, que rejeitou o dom do Amor. E S. João Eudes, discípulo de

36

Santo Agostinho como os seus mestres do Oratório, não tem palavras assás expressivas nem imagens bastante impressionantes para marcar o nosso nada e a nossa decadência originais (7 - 11). - Mas o mesmo olhar da fé atinge a graça que se manifestou em Jesus Cristo e as maravilhas da salvação que nos é oferecida.

É o baptismo, sacramento da fé, que nos introduz na vida do Corpo Místico. E S. João Eudes nunca se cansou de pregar a grandeza e pormenorizar as riquezas deste sacramento. O baptismo é um segundo nascimento, que nos faz filhos de Deus Pai, membros e irmãos de Jesus Cristo, animados pelo Seu Espírito Santo; um nascimento que tem "por exemplar e protótipo a geração e nascimento eternos do Filho de Deus no seio do Pai, e a Sua geração e nascimento temporal no seio virginal de Sua Mãe a Virgem Maria (6).

O baptismo estabelece entre a Santíssima Trindade e o cristão uma aliança maravilhosa (um ---contractoconforme o título do seu livrinho; mas, na sequência, parece ter abandonado esta expressão, aliás familiar aos seus contemporâneos). Nessa aliança, Deus une-nos ao Seu Filho único por uma união que é a imagem viva da unidade divina do Pai e do Filho; e, com Seu Filho, dá-nos tudo. Por nossa parte, renunciando a Satanás e aderindo a Cristo, nós damos-nos a Deus (8).

Renúncia e doação radicam num mistério mais profundo: o próprio Mistério Pascal. De facto, o baptismo faz-nos participar na morte e ressurreição de Cristo: morte para o pecado, vida para Deus e caridade (Ta 10).

Esta perspectiva está na base de toda a doutrina ascética de S. João Eudes, de todos os seus conselhos para a prática da vida cristã. O que ele nos pede, sob diversas formas, é sempre:

1) Que renunciemos ao pecado, ao mundo e a nós próprios: ao pecado., que nega o amor criador; ao mundo (no sentido em que S. João emprega esta palavra no Evangelho), porque o mundo é inimigo de Deus e instrumento de Satanás; e a nós mesmos, quer dizer, é claro, ao que em nós já é pecado, mas também à posse egoísta de nós mesmos sob a forma de ---amor próprio- (26), de vontade própria. Aquele Cristo que nós continuamos, não se pertenceu a Si mesmo; nunca

fez senão a vontade muito querida de Seu Pai (11 a 14).

2) Que nos dêmos a Cristo, para que Ele nos liberte por Sua graça e venha "formar-Se em nós", para ser Ele mesmo a nossa santidade e leve à perfeição, em nós, os Seus leitados e mistérios". Aqui, João Eudes segue muito de perto o seu mestre Bárulle, e o seu vocabulário é quase o mesmo.

O Ano Litúrgico recoloca, sucessivamente, todos estes estados e mistérios sob os olhos da nossa fé. Melhor dito, torna de novo presente e

activa a graça destes mistérios, e permite a cada um tomar parte neles, segundo a medida da sua fé e a sua vocação própria. Assim, cada ano que passa deve deixar-nos um pouco mais conformes a Cristo em Seus diferentes mistérios (que são senão diversas facetas do Seu único Mistério); cada ano, Cristo vem viver mais em nós os Seus mistérios, continuando assim o crescimento do Seu Corpo Místico.

Mas não somente as acções litúrgicas que permitem a Cristo acabar em nós os Seus mistérios: todas as acções da nossa vida quotidiana imitam as acções de Cristo, e por isso Lhe dão honra e nos unem a Ele, na medida em que as praticamos com Ele e para Ele, lem honra e unifico com as Suas---. Melhor dito, os diferentes estados- em que nos coloca a nossa vocação fazem-nos participar dos estados de Jesus: o apóstolo continua a Sua "vida conversante", o doente completa a Sua Paixão, as almas aflitas vivem a Sua agonia, etc. (3,16- 18, 37-40).

A mesma perspectiva se impõe nos nossos esforços de progresso moral. Nestes esforços, nós não olharemos para nós próprios, nem para os nossos defeitos, nem para os nossos progressos, nem para o nosso ideal subjectivo: olharemos para Jesus Cristo. As virtudes cristãs são as virtudes de Jesus Cristo. Não contaremos com os nossos próprios esforços; claro que eles são necessários, mas para nos abrir à graça de Cristo. É só a Ele que pediremos, com humildade e confiança nos comunique as Suas virtudes. Finalmente, o motivo dos nossos esforços não será o desejo da nossa própria perfeição, mas sim o desejo de deixar em nós todo o espaço livre para Cristo, e de viver as virtudes de Cristo no mesmo espírito com que Ele as viveu (19 - 24). Numa palavra: esforçar-nos por fazer "Jesus reinar e viver em nós- - única "finalidade para a qual tende toda a vida, piedade e devoção cristã.

De todas as nossas actividades, a que mais nos une a Cristo é a oração. A nossa oração é a oração de Cristo em nós; todo o nosso esforço estará em renunciar a nós mesmos, para nos unirmos a Cristo que ora em nós. Tal é a natureza da oração cristã. - Quanto ao seu objecto, ele será ainda, quase sempre, um olhar dirigido a Cristo, a união de fé e amor com Cristo. O nosso desejo de corresponder ao chamamento de Deus levar-nos-á a contemplar as virtudes e a santidade de Jesus, a dar-nos a Ele, para que continue e aperfeiçoe em nós aquelas virtudes e disposições da Sua santa alma, para que ponha o Seu Espírito e o Seu Coração no lugar dos nossos (31 a 36).

João Eudes evoca muitas vezes, de modo original, a comunhão dos santos. Não podemos encerrar este resumo da doutrina eudista do Corpo Místico, sem fazer alusão a estes misteriosos intercâmbios de vida, que unem os seus

membros entre si. Ele repete e medita sem cessar, desde o

38

Reino de Jesus ao Coração admirável, os grandes textos em que S. Paulo nos diz: com Cristo, Deus deu-vos tudo; tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus. Tudo é vosso: o amor e o Coração da Virgem Maria, de todos os santos, dos vossos irmãos da terra; tudo é vosso, e vós podeis fazer uso de tudo como de coisa vossa; os trabalhos, os sofrimentos, a vida de todos os homens, vós podeis juntá-los aos vossos e oferecê-los a Jesus em honra dos Seus (2, 60, 62, 64). Mostraremos, mais adiante, como a fé na comunhão dos santos encontra uma rica expressão na doutrina do Coração.

A Virgem Maria Ufe de Deus.

Mais que qualquer outra criatura, a Virgem Maria teve a sua parte nesta comunhão. Mas quis João Eudes venerá-la tanto como o seu mestre Béruile? Permitir-se-nos-á que citemos dois textos notáveis:-----De si mesma e por si mesma, ela não é nada,- seu Filho Jesus é que é tudo nela: Ele é o seu ser, a sua vida, a sua santidade, a sua glória, poder e grandeza... - E este outro: "Não sabeis vós que Maria não é nada, não tem nada, e tudo pode nada, senão de Jesus, em Jesus e por Jesus, e que Jesus é que é tudo, tudo faz e tudo pode nela?" O primeiro destes textos é de 1637; o segundo é de 1680; representam, pois, sem dúvida uma constante do pensamento eudista. Seria então João Eudes um minimista em matéria de devoção marial?

Pelo contrário. Ele dedicou a Nossa Senhora um amor e um respeito excepcionais. É de referir este gesto notável, aos 18 anos: ele põe um anel no dedo numa imagem da Senhora, depois de ter redigido um "pacto de santo aliança com a Santíssima Virgem Maria---; e retomará esse texto ousado para o aperfeiçoar, cinquenta anos mais tarde... Foi-nos conservada a cópia numa carta comovedora, escrito ao Padre Eudes em 1660 por um padre jesuíta, que tinha ouvido falar dele lá em Quebec, no Canadá---; eis como começa: "Fiquei consolado ao ouvir da boca de M. Torcapel a sentença ambígua que tendes de ultrapassar quem quer que seja no amor de Nossa Senhora. Queira Deus possais comunicar este espírito a todos os ambiciosos da terra---. E o bom padre pede ao seu correspondente que o una, como o mais pequeno dos seus irmãos-, ao seu amor para com Nossa Senhora (28).

Enfim, não há muitos autores que tenham consagrado a Maria tantas páginas impressas, nem tão entusiastas... Mas também não haverá muitos - - e é o que revelam os textos acima citados - que tenham afirmado tão resolutamente o

carácter Iristocêntrico- da verdadeira devoção marial. Foi para nos conformar com este pensamento (cujo valor sentimos ainda mais nestes tempos de ecumenismo), que, nos extractos que fizemos, não consagramos uma secção especial a Maria; citamos muitos textos, mas

todos a propósito de Cristo ou da vida cristã - de tal maneira que Maria está como que presente em toda a parte, sem concentrar sobre si a atenção (41-42,48,60-61,63).

A devoção marial de João Eudes pode resumir-se em alguns pontos muito simples:

o Contemplar Jesus em Maria e Maria em Jesus: o Senhor Jesus vive em Sua Mãe, porque reina no Coração dela, perfeita imagem do Seu e a Ele unido por um amor total; Maria vive em Jesus Seu Filho, porque vive da Sua vida e se conduz pela Sua Vontade. É esta união íntima da Mãe ao Filho, que faz a sua grandeza, e nos permite chamá-la Senhora e Rainha

o Continuar e completar em nós o amor filial de Jesus para com Sua Mãe Santíssima (42).

o Pedir a Maria, Mãe de Jesus nosso Chefe, Mãe de todo o Corpo Místico de seu Filho, que continue a formá-lo em nós (15-16, 60-61).

o Finalmente, ir a ela com o coração, e descobrir que o que conta nela é o Coração, em que ela guarda tudo - com amor puríssimo tudo o que diz respeito ao Senhor Jesus seu Filho; o seu Coração que bate do amor maternal puro e forte com que a todos nos envolve em seu Filho. É bom precisar com S. João Eudes, que a palavra "coração" encerra aqui uma tríplice realidade - tríplice e una, aliás:

- primeiro, o "Coração corporal" da Virgem Maria, sinal de amor e (para as pessoas do século XVI) princípio da vida sensitiva;

- depois, o "Coração espiritual", o centro mais íntimo da alma (estaremos aqui muito afastados do sentido pascaliano da palavra coração?), donde brota o amor espiritual; e o amor será, afinal, a nota dominante;

- enfim, o "Coração divino", quer dizer, o próprio Senhor Jesus Cristo, que reina perfeitamente no Coração de Sua Mãe: "Jesus, o Santíssimo Coração de Maria", repete frequentemente João Eudes (60, 61, 63).

Tais são as notas harmônicas da palavra Coração, tal como aqui a entende João Eudes.

A atitude que nos convém não pode ser outra senão a de corresponder ao amor com o amor, de admirar esta obra-prima de Deus, e, sobretudo, de conformar o nosso coração ao seu - ou, melhor ainda, de amar e orar com o

Coração da nossa Mãe, que é também o nosso: -Tudo é vosso...

O primado do amor.

Deus foi o primeiro a amar-nos. Como Bérulle, João Eudes repete-o,

40

maravilhado. Encantam-no os textos de Isaías sobre a ternura divina: ---Ele me trouxe sempre em Seus braços, até mesmo em Seu seio e em Seu Coração, com mais carinho e amor que uma mãe com seu filho-. Foi por amor que Deus nos deu o Seu Filho único; foi por amor que Cristo Se aniquilou e morreu na cruz (24).

A partir daí, a nossa vida já não tem sentido senão na medida em que paga amor com amor, em que é--- um perpétuo acto de amor e de glorificação de Jesus". O amor de Jesus, o humilde desejo de amar Jesus! João Eudes tem para o exprimir palavras ardentes. Os textos de amor- da quarta parte do Reino de Jesus contam entre as mais belas das suas páginas. E nós somos exortados a renovar, tantas vezes quanto possível, a expressão deste amor, para que ele transfigure toda a nossa actividade; com a ajuda da graça e ---um pouco de cuidado e de fidelidade da nossa parte, isso transformar-se-á quase numa segunda natureza- (25).

Porém, atenção! Se existe, já desde este mundo, alguma felicidade em amar a Cristo; se o dom de nós mesmos faz, por vezes, vibrar de alegria a nossa sensibilidade, que não seja nunca por amor desta felicidade que nós amamos Jesus, mas só por Ele, e bem decididos a arrá-lo no sofrimento e na obscuridade, até mesmo no despojamento mais completo, se Ele ro-lo pedir. É no centro da nossa vontade que verdadeiramente amamos, pela generosa e total submissão da mesma vontade a Deus.

Reconhecemos aqui a doutrina do---puro amor- cara a S. Francisco de Sales, e ainda indomne dos desvios quietistas. Atentos a renunciar a toda a busca de nós mesmos, a toda a satisfação própria, dar-nos-emos a todas as nossas actividades, das mais espirituais às mais humildemente quotidianas, animados do puro desejo de sermos o que Deus quer e não vivermos senão para Ele. Amá-lo é isso.

Este é um tema frequentemente retomado, quer como ensinamento (13 - 14, 26), quer como expressão duma atitude pessoal (27 - 28). Talvez João Eudes, esse impulsivo (próximo de Rodrigo e de Augustino, seus contemporâneos) que podia ter sido um orgulhoso dominador, talvez sentisse mais que ninguém a

necessidade de renunciar à alegria de querer, ao prazer de ser senhor de si e das coisas. Sem esse desapego de si mesmo, não há verdadeiro amor.

Mas isso não está ao alcance das nossas próprias forças. Por isso, a caridade é-nos dada pelo Espírito Santo: é o próprio amor de Jesus e a Sua submissão à vontade do Pai, que nós devemos continuar, pois que somos Seus membros. Temos que Lhe pedir que aniquile em nós tudo o que constitui obstáculo à caridade, e em nós estabeleça o Seu próprio Coração e o Seu amor, a fim de que O amemos - e nEle todos os nossos irmãos - - como Ele ama o Pai e como o Pai O ama a Ele. Porque João Eudes sabe

41

muito bem que só há um amor: quando amamos os irmãos, é ainda o amor primordial das Três Pessoas divinas que está operante em nós; e é isso o que faz a grandeza sagrada da caridade fraterna. Eis a razão porque, nas Constituições dos eudistas, se prevê que a regra das regras é a caridade". Os seus membros devem olhar-se uns aos outros "como membros duma mesma Cabeça e dum mesmo Corpo---; e a vida comum é uma realização do Corpo Místico e uma efusão do Amor Trinitário (29, 62,64).

Sacrifício e sacerdócio.

A consumação do amor é o sacrifício. O sacrifício cristão é, em primeiro lugar, o sacrifício de Jesus Cristo, oferecendo-Se, desde o momento da Sua Incarnação, como "hóstia e vítima, totalmente consagrada e imolada à glória do Pai". Esta oblação total, por amor, conduziu Jesus Cristo à morte, para glória do Pai e salvação nossa (43).

Mas Jesus é também a Igreja. Jesus quer continuar o Seu estado de hóstia e de vítima no Seu Corpo e em cada um dos Seus membros. Devemos, pois, viver, oferecendo-nos por amor, e pedir a Cristo 'Ique nos tome dignos de ser outras tantas vítimas sacrificadas com Ele,- que nos arraste no Seu sacrifício,- que nos imole consigo à glória do Pai e nos consuma nas chamas sagradas do Seu santo amor- (43 - 44).

Por isso, a perfeição da vida cristã, a perfeita realização do baptismo, é o martírio, último testemunho do amor. Todo o cristão, membro de Cristo, deve aceitar essa hipótese e "Viver em espírito de martírio---. Pessoalmente, João Eudes ofereceu-se, em forma de voto, para sofrer o martírio se Deus assim o quisesse, ou, pelo menos, "para fazer tudo e tudo sofrer por amor dAquele que tudo fez e tudo sofreu- por amor de nós (45 - 47).

O sacrifício é acto do sacerdócio. Cristo é 'VSumo Sacerdote que Se imolou a Si mesmo---. Pelo próprio facto da 1ª encarnação, Jesus, Homem-Deus, faz a Seu Pai uma homenagem total e perfeita de Si mesmo e de toda a humanidade em Si; no acto perfeito deste sacrifício, juntam-se ---estas duas qualidades de Sacerdote e Hóstia(43).

Cristo abrange em Si mesmo a humanidade resgatada; age como Cabeça, e Seus membros participam no Seu sacerdócio: todo o Povo de Deus é um povo sacerdotal. Incluiremos nos extractos uma parte do belo texto sobre a Missa, em que S. Jogo Eudes explica aos cristãos como, membros de Cristo Sacerdote e Hóstia, devem nela tomar parte na qualidade de sacerdotes ou sacrificadores, para oferecerem com Jesus Cristo Sumo Sacerdote o mesmo sacrifício que Ele oferece,- do mesmo modo que na qualidade de hóstias e de vítimas, que oferecem uma hóstia, como não só mais que um sacerdote, com Jesus Cristo---

42

Depois disso, S. João Eudes poderá exaltar e servir - como Bérulle e Condren - o "sacerdócio ministerial", que é o dos padres, que recebem o sacramento da Ordem. Ao fazê-lo, temos a certeza de que não rebaixará por isso o sacerdócio baptismal (29). Pelo contrário, toda a sua vida ele procurou dar aos cristãos a consciência de serem um povo santo e consagrado à glória de Deus, convencê-los de que são membros de Cristo Sacerdote e de que, em Cristo, ---tudo lhes pertence- " Este esforço punha em plena luz a participação de toda a Igreja no sacerdócio da sua Cabeça. Por isso, servir como ele serviu o sacerdócio dos padres não é, em fim de contas, procurar restaurar a santidade sacerdotal de toda a Igreja? O seu itinerário espiritual, das missões aos seminários, foi sem dúvida guiado pela evidência de que, sem padres humildemente conscientes da grandeza do sacerdócio, era impossível à comunidade dos baptizados realizar de modo estável, na vida do dia-a-dia, o mistério da sagração baptismal.

O sacerdócio dos padres é, com efeito, uma outra participação, mais íntima e misteriosa, no sacerdócio de Cristo, e isso ao serviço do sacerdócio comum a toda a Igreja. Eles têm por missão - pela pregação do Evangelho, pela celebração dos sacramentos, pela direcção das almas e das comunidades cristãs - chamar à fé, libertar do pecado, abrir à graça da salvação, oferecer o sacrifício; numa palavra, reunir e consagrar o Povo de Deus.

É certo que S. João Eudes não se demorou a analisar a natureza do "carácter- sacerdotal conferido pelo sacramento da Ordem, nem a precisar as relações mútuas entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio de toda a Igreja.

Em compensação, escreveu longas páginas, e por vezes muito belas, em que mostra aos sacerdotes - digamos com mais precisão: aos pastores, encarregados duma missão junto das almas - por um lado, a grandeza oculta do sacerdócio de Jesus que lhes é comunicado, esses poderes misteriosos que lhes são confiados; por outro, e sobretudo, a importância e a santidade da sua missão apostólica: cooperar com Cristo na obra da salvação das almas, "a mais divina das coisas divinas". Sabemos, aliás, que havia então muito que fazer para restituir aos padres (e a muitos bispos) o humilde orgulho e o respeito pelo seu sacerdócio, o amor clarividente e corajoso das suas funções pastorais. Os extractos que faremos ligam-se a um ou outro destes pontos de vista (49 - 59).

### O Coração do Senhor.

Nas páginas que precedem, não falamos muito do Coração do Senhor; e no entanto, já quase dissemos tudo. Porque o sinal do Coração é a expressão duma óptica de fé muito rica, e o ponto para onde convergem as diversas linhas que temos seguido.

Foi na Bíblia, em primeiro lugar, que João leu esta palavra. Na Bíblia, o coração é o princípio da vida consciente, a fonte de todos os actos psicológicos, sejam eles da ordem sensível, intelectual ou moral; também o amor, portanto, aí tem a sua fonte, mas esse aspecto será, antes, secundário. Todavia, no Evangelho, o Coração humano do Senhor, sobre o qual o Apóstolo João reclinou a cabeça, e que foi rasgado pela lança, é para nós sinal do Seu amor, e os textos precedentes encontram aí uma nova luz. Este tema tornara-se tradicional, e João Eudes leu-o nos escritos inflamados de S. Bernardo, de S. Boaventura, dos místicos alemães e de S. Francisco de Sales. Finalmente, o uso da língua francesa, naquela época mais marcado do preciosismo, tendia a reforçar este simbolismo amoroso. É essa a nota dominante em S. João Eudes. Mas o aspecto de princípio da vida, de foco íntimo do ser, donde a vida se espalha por todo o corpo, era também nitidamente marcado, com ligação parcial, sem dúvida, aos conceitos fisiológicos vigentes na época. Deste modo, tinha-se ali uma palavra de ressonâncias complexas e ricas, feitas de interioridade, de difusão de vida e, sobretudo, de amor.

Em definitiva, para João Eudes, o Coração é o sinal de Deus Amor, revelando-Se e dando-Se aos corações dos homens em Jesus Cristo.

Aliás, a reflexão convida-o a discernir aí três planos, análogos aos que indicamos a propósito da Virgem Maria: Coração corporal, Coração espiritual e Coração divino. A própria multiplicidade destes aspectos algo revela das riquezas secretas do símbolo. O Coração corporal de Cristo é, para João Eudes, o princípio da Sua vida natural e difunde a vida no Seu Corpo sagrado; é também e sobretudo sinal de amor, pois que bate ao ritmo do amor salvífico, ao mesmo tempo divino e humano, com que Cristo nos ama; foi trespassado pela lança na cruz; talvez tenha estalado sob a violência do Amor - e o sangue e água que dele manaram são o símbolo dos sacramentos da nossa vida. Quanto ao Coração espiritual do Senhor, ele é o mais íntimo da Sua alma, o foco e princípio da Sua vida interior, da Sua santidade - e, portanto, antes de mais, do Seu amor.

Devemos demorar um pouco mais no que S. João Eudes chama o Coração divino de Cristo; fazendo-o, reencontraremos o tema, já evocado, do primado do amor.

Com efeito, neste sentido divino, o simbolismo de amor da palavra coração aparece como em estado puro. O Coração divino de Jesus é o amor divino que une o Verbo ao Pai; e este amor, ---quero é senão um com o Coração e amor do Pai, do princípio do Espírito Santo. Motivo por que, quando nos deu o Seu corpo, nos deu também o Coração do Pai e o Seu adorável Espírito-. Notemos, aliás, que este amor do Verbo, orientado para o Pai, está também orientado para os homens;

parafrazean

44

do o Evangelho de João, o Padre Eudes diz então que o Filho nos ama com o mesmo Coração e com o mesmo amor com que ama o Pai e com que pelo Pai é amado. Noutros passos, toma este amor enquanto Pessoa, e então é o Espírito Santo que é chamado Coração divino de Jesus, Ido qual a Sua Humanidade adorável foi sempre mais animada e vivificada do que da Sua alma própria e do Seu próprio Coração". Finalmente, o Coração divino de Jesus parece, às vezes, designar o amor essencial, idêntico com o próprio ser de Deus, comum às Três divinas Pessoas (30j. Como se está vendo, esta reflexão sobre o Coração de Jesus abre vastas perspectivas sobre o mistério de Deus e sobre a vida trinitária, que é o Amor.

Abre-as também sobre o Corpo Místico de que Cristo é a Cabeça. Porque se Jesus é a Cabeça deste Corpo que é a Igreja, o Seu Coração (quer dizer, o Seu Amor, o foco da Sua santidade) é o coração de todo o corpo e de cada um dos seus membros. É dele que cada membro recebe a vida.

Esta meditação estava esboçada desde o Reino de Jesus; liga-se àquele texto já por nós mencionado: - Tudo é vosso-. Tudo, portanto, é meu, e eu posso amar pelo Coração de Jesus, pelo Coração de Maria, e pelo de todos os santos; e é do conjunto de todos estes corações (que pelo amor e pela graça não são senão um só coração), que deve entender-se a expressão bíblica: ex toto Corde meo - --detodo o meu coração- (31) (62).

Esta meditação, tantas vezes repetida, vai enriquecer-se um dia (32) em que S. João Eudes descobrirá o grande texto do capítulo XXXVI de Ezequiel, que mais tarde servirá de leitura na Missa do Sagrado Coração de Jesus. Ali, Deus promete aos israelitas: "Dar-vos-ei um coração novo, um coração de carne em lugar do vosso coração de pedra; um espírito novo, que será o Meu Espírito---. Num encandeamento de luz, S. João Eudes leu: "Dar-vos-ei o Coração do Meu Filho bem-amado, dar-vos-ei o Espírito de Amor que é o Meu próprio Coração ". Era ampliar, embora respeitando-o, o sentido deste texto profético. Tanto mais que tal texto anuncia também a - água pura - (do baptismo), que "há-de congregar- o povo novo (o Corpo Místico); e S. Paulo, por seu turno, parece fazer-se eco do mesmo pensamento: "A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito (e o Coração, precisará João Eudes, no Gradual da Missa) do Seu Filho, que clama: Abba, Pai!" O que S. João Eudes celebra é o amor que Deus nos deu no Coração de Seu Filho, para que nós próprios vivamos (nós, que somos Seus membros) na Sua humildade e caridade (62, 64).

O terceiro tema, o de sacrifício, não nos surpreende, uma vez que o Coração é o sinal do Amor - e que o sacrifício é o dom total do amor.

"Dar a vida por aqueles que se ama": o Evangelho da missa do Sagrado Coração de Jesus lembra-nos que está aí a consumação do amor. A imagem que S. João Eudes mais frequentemente evoca é a do fogo: os nossos corações devem imolar-se, consumir-se no fogo do amor. O Coração de Cristo, que é o nosso, é eternamente o centro da Cruz: Centrum Crucis (60 - 64).

Tal é a doutrina espiritual de João Eudes. Alheio a vaidades, ele criou pouco por si mesmo; até no vocabulário, aproxima-se muitas vezes de S. Francisco de Sales, ou então, mais vezes ainda, de seu mestre Bérulle. No entanto, a sua síntese é vigorosa. Prolonga S. Francisco de Sales, tornando mais explícita, na escola de Bérulle, a fé no mistério de Cristo continuado na Igreja. Menos sublime e eloquente que Bérulle, exprime-se de maneira mais simples; mas pela tônica posta sobre o Amor e pelo sinal do Coração, aumenta a força de penetração do pensamento bérulliano.

Divulgação.

João Eudes ensinou a sua doutrina. Ela não tinha outra finalidade mais que instruir na ciência da salvação e converter a Jesus os corações.

Ensinou-a pelos seus livros, destinados, uns aos sacerdotes, outros a todos os cristãos conscientes do seu baptismo e em busca de Deus. Esses cristãos e essas cristãs, ele conhecia-os: eram, em Caen e nas missões, os seus penitentes ou os seus colaboradores. Por exemplo, aquele admirável Gaston de Renty, que foi para ele um amparo e um amigo: leigo casado numa vida interior profunda, exercia uma vasta acção apostólica, à escala do reino, quando morreu, pai de cinco filhos, na idade de apenas 37 anos (1649). Os extractos que faremos dos livros de João Eudes permitem-nos fazer uma ideia do que representava para ele este modo de apostolado.

Ensinava também pelas suas conversas e cartas de direcção. Conservam-se muitas das suas cartas (27, 28). A doutrina é a dos livros, às vezes expressa nas próprias palavras da Escritura. O tom, frequentemente, muito humano, muito cordial. Quando, em 1661, Madame de Camilly, ---suamuito única filha", perde o marido - aquele que o Padre Eudes chamava Iseu irmão do coração - ele testemunha-lhe uma ternura preocupada: -Que fazeis vós, minha pobre querida filha afilhada?... Parece-me que há já muito tempo que não recebo nenhuma das vossas estimadas cartas. (Não havia dez dias!). Penso em vós a toda a hora ... Esta carta está recheada de altos ensinamentos, em que reencontramos todos os grandes temas eudistas. Aquela cristã devia repetir a Deus as palavras de --- Seu Filho Jesus, nosso Chefe-, penetrando-se do espírito com que Ele as disse; tais palavras, saídas ---doCoração amável de Jesus- são as duma

submissão generosa à -adorabilíssima vontade de Deus---; exprimem o amor infinito com que Jesus se sacrificou por nós:---emuniffio com este mesmo amor-, é necessário que ela Lhe dê e sacrifique de todo o coração o que lhe era tão caro; ela o fará, unindo-se a Nossa Senhora ao pé da cruz, totalmente unida ela própria ao sacrifício do seu Filho... Realmente, se precisássemos duma confirmação para a análise dos principais temas espirituais de S. João Eudes, esta carta dar-nos-ia plena satisfação.

Mas, sobretudo, João Eudes pregava. Infelizmente, não possuímos o texto dos seus sermões, embora ele desejasse a sua publicação. No entanto, podemos reconhecer algumas migalhas, incorporadas nas suas obras. E sobretudo, possuímos um livro, o Pregador apostólico, em que ele nos expõe pormenorizadamente os seus princípios de pregação. Tinha a preocupação dominante de "se acomodar à inteligência e capacidade da maior parte do auditório": pregava, pois, antes de tudo, a moral, o bem a fazer e as faltas a evitar, os deveres de cada condição. Todavia, não era ---moralizante-: não impunha as regras por si mesmas; anunciava religiosamente a Vontade de Deus, a santidade e o amor de Deus. Aliás, não eram as suas ideias pessoais que ele pregava: "A matéria e o assunto de todas as pregações deve ser a Sagrada Escritura---. Religiosa e bíblica, a sua pregação procurava também, tanto quanto possível, declarar o Mistério de Cristo. Em todo o caso, pregava os sacramentos, inclusive a santidade do sacramento do Matrimónio,---que é uma das coisas mais importantes- entre as que se devem pregar. Temos, aliás, um documento precioso: é o Catecismo de Missão, que ele explicava familiarmente, quase todos os dias, nas missões que pregava, às crianças e, quando possível, aos pais.

Ora, este ensinamento, muito simples, preciso e prático, abre-se vigorosamente sobre o mistério da nossa vida em Cristo. A vida eterna, lê-se ali, --é aquela de que um cristão deve viver neste mundo---; a Igreja é --- o Corpo Místico de Jesus Cristo, do qual Ele é a Cabeça---; o Matrimónio ---representa a uniffio santa e divina de Jesus Cristo com a Sua Igreja-; e os cristãos, muitas vezes rudes, que seguiam estas catequeses, são convidados a oferecer as suas refeições a Jesus, em honra e união das refeições- que Ele e Sua santa Mãe tomaram na terra. Eis uma pregação popular, que é bem uma pregação da escola francesa! Em todo o caso, uma pregação verdadeiramente cristã, a dos verdadeiros---servos de Cristo e administradores dos mistérios de Deus", de que falava S. Paulo.

III. ----EQUE O VOSSO FRUTO PERMANEÇA..."

S. João Eudes terminou a sua missão. Deixou acaso na história da Igreja um sulco visível? Fixemos alguns pontos de referência.

Aos institutos que fundou, ele deu, ao mesmo tempo, o sopro da vida e as estruturas que lhes permitissem durar. Em 1789, a Congregação de Jesus e Maria dirigia 16 seminários e 4 colégios ligados a seminários; a Revolução ia dispersar tudo. Tardamente refeitos, em 1826 os eudistas enveredaram pelo apostolado dos colégios; depois, a pedido de Leão XI, foram prestar o seu concurso aos seminários da Colômbia. Hoje, têm além-mar obras em pleno desenvolvimento: na Colômbia, no Canadá, na Venezuela; e trabalham na formação de futuros padres na Costa do Marfim. Fiéis ao espírito de S. João Eudes, eles querem viver o sacerdócio o mais plenamente possível, dedicando-se a todas as tarefas sacerdotais ao lado dos padres seculares; querem servir o sacerdócio dando a sua preferência, tanto quanto possível, às obras orientadas no sentido da ordenação sacerdotal: seminários, lares de acolhimento, retiros sacerdotais... Procuram cumprir todas estas tarefas em união com Cristo-Sacerdote, e exprimindo por sua palavra e por sua vida algo daquele amor que Deus nos dá no Coração de Seu Filho.

As religiosas, filhas de S. João Eudes, trabalham no mesmo espírito. Também elas continuam a orar como S. João Eudes lhes ensinou, a celebrar os seus ofícios em honra do Coração de Cristo e do Coração da Virgem. Haurem aí a força necessária para a sua acção de apostolado e de misericórdia, que é igualmente tão conforme à tradição eudista. Com efeito, a Ordem de Nossa Senhora da Caridade -contava 7 conventos na altura da Revolução; menos duramente atingidos que os seminários, depressa recuperaram a sua vitalidade, e multiplicaram-se no século XIX. A casa fundada em Angers por Santa Maria Eufrásia Pelletier tornou-se, para a nova Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, a sede de generalato, a que Gregório XV I deu a sua aprovação em 1835. Sob uma ou outra forma, Nossa Senhora da Caridade, com 500 casas e 12.000 religiosas, está hoje presente em todo o mundo.

Acrescentemos que muitas famílias cheias de vida foram fundadas, nos séculos XVIII e XIX, quer por inspiração dos Padres Eudistas, quer por outras filhas de S. João Eudes, terceiras do Coração de Maria. Não podemos mencioná-las todas. A mais antiga é, sem dúvida, a do Bom Salvador, em que recentemente se uniram duas Congregações vizinhas, nascidas na Normandia quase nos tempos do Padre Eudes; dedicam-se ao cuidado dos doentes, educação e reeducação. Há contemplativas, como a Sagrada Família de Sées. São, porém, mais numerosas as sociedades consagradas ao ensino, à assistência, às obras paroquiais, como as de Coutances, Saint-Quay, Paramé, consagradas do Coração de Jesus e Maria, ou a Providência de Évreux. As Damas de S. Rafaci acolhem em suas casas mães solteiras; quiseram trazer sobre o seu hábito a imagem do Coração. E todo

o mundo conhece as Irmãzinhas dos Pobres e a sua missão de humilde caridade... Todos estes institutos permanecem fiéis à memória de S. Jogo Eudes; neles se apreciam os retiros e cursos de espiritual idade, que lhes permitem conhecer melhor a sua doutrina e nutrirem-se dela (33).

Estas fundações, porém, não são tudo o que resta de S. Jogo Eudes; a sua mensagem também frutificou, num influxo difícil de calcular, mas que, no entanto, se distingue.

Em primeiro lugar, a doutrina do Coração, sinal do Amor salvador, que convida ao amor e o faz nascer. Em vez de traçar a história dessa corrente, reparemos num facto em que ela aparece. Um estudo recente (34) apresentava um manual publicado em 1742 para uma Confraria do Sagrado Coração, criada a pedido de Maria Leczinska. Dois caminhos convergentes fazem aflorar aqui a acção de S. João Eudes: por um lado, este manual, cio duma cadeia de manuais análogos, contém elementos tirados dos ofícios de S. João Eudes, misturados com outros que se devem aos jesuítas, discípulos de Santa Margarida Maria (a qual, aliás, recebeu a sua missão num convento em que se celebravam os ofícios eudistas); por outro lado, a iniciativa de Maria Leczinska evoca-nos a rápida difusão na Polónia das Beneditinas do Santíssimo Sacramento, que para ali tinham levado, nos fins do século XVII, a devoção, recebida de S. João Eudes, aos Corações de Jesus e de Maria. Sem tentar seguir em pormenor a história da doutrina eudista do Coração, notemos somente que Pio XII, na Encíclica Haurietis aquas sobre o culto do Sagrado Coração, desenvolveu com riqueza temas em que S. João Eudes nos tinha iniciado (35).

Menos fácil de distinguir, e no entanto profundo, é o influxo sacerdotal de S. João Eudes. Neste capítulo, ele tomou lugar - entre muitos outros, mas com notável vigor - num vasto movimento de restauração do sacerdócio, necessário à restauração da santidade baptismal. Seus filhos, dispersos pela Revolução ou martirizados, bem como aqueles que, na actualidade, continuam a sua missão, não são disso as únicas testemunhas. Porque, se se não realizou totalmente a inquietação que se apoderava de M. Vincent ao pensar que talvez um dia as nossas aldeias ficariam privadas da fé; se, inclusivamente, assistimos hoje, através de rudes purificações, a uma subida de fé cristã, deverno-lo, em grande parte, a estes corajosos apóstolos do século XVIII, que acreditaram, contra tudo e apesar de tudo, na santidade do baptismo e do sacramento da Ordem. E S. João Eudes foi um deles.



## NOTAS

- (1) Diário  
do P. Eudes (O. C. XII). Havemos de o citar frequentemente, ao longo das páginas seguintes.
- (2) A  
capela desta casa ainda hoje existe, convertida no templo reformado (protestante) do Oratório da Rua Saint-Honoré.
- (3) Bula  
Socrosanctae Romanae Ecclesiae, de 10 de Maio de 1613.
- (4~  
2Mac.1,3.-Vejam-seasConstituiçõesO.C.IX,144.
- W OLIER, Morndrias, t. li, p. 221, nos Arquivos de S. Sulpício. Cf.---Notre Vie", t. Vi (1956-57), p. 297.
- (6) Carta  
de M. J. Desdamos, in VICENTE DE PAULO, Correspondência... P.P. Merre Costa, Paris 1920, t. Vil 1, p. 310.
- (7)O. C. V, 283. Destacamos outros passos análogos e ensaiamos uma aproximação com Molière, no nosso artigo sobre a prática da renúncia, in L'ê renoncement dans la vie chrétienne selon saint Jean Eudes, Paris 1956, p. 68 ss.
- (8)Cf.'Ch. 8. DU CHESNAY, L'ê fondateur dos Eudistes, saint Joan Eudes, in--- Notre Vie-, t. Vi (1956-57), p. 34. - Veja-se também A. DEGERT, Histoire dos semineiros françaisusqu'ii /à Révolution, Paris 1912, t. 1. p. 28.
- ~9)  
VICENTE DE PAULO, oc. li, 459.
- (10) Lettres du P. Ch. de Condren, Paris 1943, p. XXVI 11.
- (11) Diário de M. du Forrier, citado por BOISARD, Lo Compagnie de Saint-Sulpico, trois s»cles d`bistoiro, ed. renot. 1962, t. 1, p. S.
- (12) Vejam-se as notas do P. Ch. 8. OU CHESNAY, in---Notre Vie-, t. Vil (1958-59), p. 48 o 111; t. VIII (1960-61), p. 302.

(13) Vejam-se as Lettras do P. Ch. de Condren, Paris 1943, Carta 68, p. 214-219.

(14) Muito pelo contrário, na conclusão do Coração admirável, espécie de testamento espiritual (1680), podemos ler estas palavras solenes: "Para fugir a um perigo iminente em que ou estava de me perder, vós me comprometestes no Congregação de Jesus e Maria, que vós e vosso Filho bem-amado tínheis estabelecido no unto Igreja". O. C. VIII, 354.

(15) Veja-se Ch. B. DUCHESNAY, "Les fondations de saint Jean Eudes dans leur temps", in "L'histoire religieuse à l'école de saint Jean Eudes", Paris 1963, p. 35.

(16) COSTIL, Annales de Notre-Dame de Charité, ed. renot. t. 1, p. 56.

(17) Veja-se J. ARRAGAIN, "Le Coeur du Seigneur", Paris 1955, p. 66.

(18) BÉRULLE, Oeuvres, ed. Migne, col. 1002, cit. por S. João Eudes em "O Coração admirável", O. C. VI], 344 e ~.

(19) Der Prophet der Horizonte ist die (título) da vida de S. João Eudes em alemão, pela senhora ODA SCHNEIDER, Viena 1947.

50

(20) Por exemplo, em Paray-le-Monial, a narrativa dum aparição a Santa Margarida Maria é datada desta festa do Coração de Maria. Cf. LEBRUN, "La dévotion au Coeur de Marie", Paris 1917, p. 186.

(21) HÉRIBOURG, "Saint Jean Eudes, ses vertus", Paris 1926, p. 34.

(22) P. COCHOIS, "L'histoire religieuse française", Ed. du Seuil, coleção "Mestres spirituels", Paris 1963, p. 146.

(23) Diário, O. C. X 11, 107.

(24) P. COCHOIS, o.c., p. 72.

(25) J. HUIJOEN, "Aux sources de la spiritualité française du XVIII<sup>e</sup> siècle", in "Supplément à la Vie spirituelle", t. XXVI 1 (1931), p. 36.

- (26) Amor próprio, na linguagem do séc. XV 11, não significa "Vaidade", mas "amor de si mesmo".
- (27) O francês tem duas palavras diferentes para designar oração: prière, para a oração vocal, e oraison, para a oração mental. No João Eudes emprega a palavra oraison, mesmo quando não se trata de oração, mental.
- (28) HÉ RAMBOURG, o. c., p. 103.
- (29) AMELETE escrevia: "Sentimos agora (entenda-se: depois de Béruile) que o baptismo nos faz religiosos, que nos incorpora ao sacerdócio real---. -La vie du P. Ch. de Condren, Paris 1643, 11, p. 83.
- (30) Cf L. COGNET, L'Ê Coeur de Jésus et la Trinité, in "L'Ê Coeur du Seigneur", Paris 1955, especialmente p. 113.
- (31) Veja-se o Reino de Jesus, O. C. 1, 395-411, 467, etc.
- (32) Talvez entre 1652 e 1654. Em 1652, o texto não é ainda introduzido no hino do Ofício do Coração de Maria, como o será um pouco mais tarde; mas em 1654 ele é citado no Contrato. Ver O. C. XI, 266 e 271; O. C. li, 215. O P. J. ARRAGAIN analisou com grande argúcia (embora pudessem fazer-se certos pequenos reparos), a evolução do pensamento de S. João Eudes sobre o Coração do Senhor, in "L'Ê Coeur du Seigneur", p. 43 e segs. - Ver também J. HANIMANN, Saint Jean Eudes et le sens biblique du mot coeur, in "Le coeur du Seigneur" P.91.
- (33) Veja-se Logrande famille d'un grand saint. "Notre Vie", Paris 1948.
- (34) A JOLY, L'Ê "Confrérie de la dévotion ou Sacré-Coeur de Jésus" de Notre-Dame de Versoix, in Mission et Charité. Outubro 1962, p. 431.
- (35) Veja-se J. ARRAGAIN, L'Encyclique "Haurietis aquas", in "Notre Vie", t. VI (1956-57), p. 129.



## CRONOLOGIA

1575 - Nascimento de Pierre de Bérulle. 1581 - Nascimento de S. Vicente de Paulo. 1588 - Nascimento de Charles de Condren. 1598 - Edito de Nantes: paz religiosa. 1601 - Nascimento de Lu(sXIII).

14 de Novembro: Nascimento de João Eudes.

1608 - Nascimento de Jean-Jacques Olier.

1610 - Assassinato de Henrique IV.

1611 - Nascimento de Gaston de Renty. Fundação do Oratório de Jesus.

1612 - S. Francisco de Sales: Tratado do Amor de Deus.

1615 - João Eudes no Colégio du Mont, em Caen.

1618 - JoSo Eudes na Congregação Mariana. Morte de Madame Acarie

(Maria da Incarnação).

1621 - João Eudes recebe a Tonsura e Ordens Menores.

1622 - Morte de S. Francisco de Sales.

1623- João Eudes no Oratório, em Paris.

1624- Richefleu entra para o Conselho do rei.

1625- M. Vincent funda a Congregação da Missão.

20 de Dezembro: João Eudes é ordenado sacerdote...

25 de Dezembro: ... e celebra a sua primeira Missa.

1627 - Nascimento de Jacques-Benigne Bossuet. Peste na região de

Argentan. Jollio Eudes em Caen. 1629 - Morte de Bérulle. Condren superior do Oratório. 1630 - Fundação da Companhia do Santíssimo Sacramento.

52

1631 (?)Peste de Caen.

1632 - Primeiras missões de João Eudes.

1636 - Corneille publica Le Cid.

1637 -

et le Royaume de Jésus dans les âmes chrétiennes.

Descartes: Discours de la méthode.

La vie

1638 - Nascimento de Luís XIV. Prisão de Saint-Cyran.

1639 - Revolta dos---Pós-Descalços- na Normandia.	
1640 - Eudes superior do Oratório de Caen. Publicação do Augustinus de Jansênio.	João
1641 - de Condren; Bourgoing superior do Oratório. JoSo Eudes encontra Marie des Valiées. Funda em Caen Nossa Senhora do Refúgio. M. Olier começa um seminário em Vaugirard.	Morte
1642 - Vincent começa um seminário no Colégio des Bons-Enfants. Morte de Richelieu.	M.
1643- de Luís X 111. 19 de Março: João Eudes abandona o Oratório para fundar um Seminário. 25 de Março: Estabelece em Caen a Congregação de Jesus e Maria.	Morte
1643-51 François Eudes de Mézeray publica a sua História da França.	
1648 - Autun: Primeira celebração pública da festa do Coração de Maria.	Em
1649 - Morte do Bargo de Renty.	
1650- Fundação do Seminário de Coutances.	
1651 - Senhora do Refúgio torna-se a Ordem de Nossa Senhora da Caridade. João Eudes prega em Paris (S. Sulpício).	Nossa
1652- as Constituições da sua Congregação.	Redige

1653-

Seminário e colégio de Lisieux.

1654- Contrato do homem com Deus pelo santo batismo.

1656 - Morte de Marie des Vallées.

1657 - Fundação do Seminário de Ruão. Morte de M. Olier.

1658 - Molière instala-se em Paris.

1660 -

de S. Vicente de Paulo. Casamento de Luís XIV.

Dissolução da Companhia do Santíssimo Sacramento.

Joffo Eudes prega em Paris (Quinze-Vingts e Saint-Germain des Prés).

Morte

1666 -  
Janeiro: Aprovação da Congr. de Nossa Senhora da Caridade  
pelo Papa Alexandre VII. O bom confessor.

1667 - Fundação do Seminário de Évreux.

1670-  
Fundação do Seminário de Rennes.

1671 - João Eudes prega em Versalhes.

1672 - Primeira festa litúrgica do Coração de Jesus.

1673 - Mosteiro de Nossa Senhora da Caridade em Rennes.

1674-79 Cai na desgraça do rei.

1676 -  
Mosteiros de Nossa Senhora da Caridade em Hennebont e Vanves.  
última missão de João Eudes (Saint-Lô).

1680 - 19 de Agosto: Morte de João Eudes.

1792 -  
de Setembro: François-Louis Hábert, François Le Franic e  
Pierre-Claude Pottier, eudistas, martirizados em Paris.

1835 -  
Aprovação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, pelo  
Papa Gregório XVI.

1925 - 31 de Maio: Canonização de S. João Eudes.

54

## BIBLIOGRAFIA

1. - Obras de S. João Eudes

a) Edições antigas

- Exercice de piété. Caen, Poisson, 1636, in-32. Muitas vezes reeditado.
- La vie et le royaume de Jésus dans les âmes chrétiennes. Caen. Poisson, 1637, in-12, (18)-404 fis. Cerca de vinte edições no decurso do século XV 11, em Caen, Ruffo, Paris, Lyon... A partir de 1662, o livro inclui uma Oitava parte contendo as Méditations sur l'humilité e os Entretiens intérieurs de l'âme chrétienne avec son Dieu. Deve ter-se como definitiva a ed. de 1670, am Paris, Fr. Léonard.
- Le testament de Jésus et le testament du véritable chrétien, 1641.
- La vie du chrétien ou le catéchisme de la mission. Caen, Poisson, 1642, in-1 2. Numerosas edições em Caen, Lyon, Paris, Ruão.
- Avertissements aux confesseurs missionnaires. Caen, Poisson, 1644, in-32. Várias reedições.
- La dévotion du Très Saint Coeur et du Très Sacré Nom de la Bienheureuse Vierge Marie. Autun, Simonnot, 1648, in-12. Várias reedições
- Offices dressés en l'honneur de Notre-Seigneur Jésus-Christ, de sa Très Saint Mère, etc. Caen. Poisson, 1652, in-12. Reedições refundidas e completadas. Deve considerar-se definitiva a edição de 1672, em Caen, Poisson.
- Contrat de l'homme avec Dieu par le saint Baptême. Caen, PierrePoisson, 1654, in-32. Numerosas reedições.
- La manière de bien servir la messe. Caen, Poisson, 1660, in-12. (A primeira ed. foi talvez em 1654 ou 1655; mais tarde foi -junta ao Catéchisme de la mission).
- Le bon confesseur. Caen, Poisson, 1666, in-8. Numerosas reedições.
- Manuel.. pour l'usage d'une communauté ecclésiastique. Caen, Poisson, 1668, in-12.
- Règles de saint Augustin et Constitutions pour les Soeurs religieuses de Notre-Dame de Charité. Caen, Marin Yvon, 1670, in-32.

Embora no decorrer da Introdução tenhamos citado em português as obras de S. Jogo Eudes - e precisamente por isso - nesta Bibliografia registamos com os

títulos originais em língua francesa.

55

- L'Enfance admirable de la Très Sainte Mère de Dieu. Paris, René Guignard, 1676, in-12.
- Le Coeur admirable de la Très Sacrée Mère de Dieu. Caen, Jean Poisson, 1681, in-4, 774 págs e índice.
- Le Mémorial de la vie ecclésiastique. Lisieux, Remy Le Boulenger, 1681, in-12.
- Le prédicateur apostolique. Caen, Jean Poisson, 1685, in-1 2.

b) Principais edições modernas (em francês).

- OBRAS COMPLETAS, com introduções e notas, publicadas pelos Padres J. DAUPH 1 N et Ch. LEB RUN. Vannes, Lafolye, 1905-1911, 12 vols in-8.

Além das obras anteriormente publicadas, esta edição comporta muitos textos até então inéditos, particularmente três livros de Cartas, o Memoriale beneficiorum Dei (ou seja o Diário), e diversos outros opúsculos e fragmentos. - É sempre a esta edição que nos referimos no decurso deste trabalho, utilizando a sigla convencional O.C. seguida do número do volume.

- Obras escolhidas, publicadas pelo P. Ch. LEBRUN. Paris, Lethielleuse, 1931-1937, 8 vols. in-16.
- Cartas escolhidas - Cartas inéditas. Textos escolhidos apresentados por P. Ch. BERTHELOT du CHESNAY, Namur, Ed. du Soleil Levant, col. -Les écrits des Saints- in-1 6, 192 págs.

2. - Escritos sobre a Vida e Doutrina de S. João Eudes

a) Fisionomia, vida e acção de S. João Eudes.

Mgr ANDRÉ PIOGER, Un orateur de l'École française, saint Jean Eudes. Paris, Bloud et Gay, 1940, in-8, VI 1-462 págs.

Id., Saint Jean Eudes d'après ses traités et sa correspondance. Essai de psychologie religieuse. Paris, Bloud et Gay, 1940, in-8, 180 págs.

ÉMILE GEORGES, Saint Jean Eudes 3.a ed. Paris, Lethielleux, 1936, in-8, 512 p.

HENRY JOLY, Saint Jean Eudes, 5.a ed. Paris, J. Gabalda, 1926, in-16, VI 11-216 p.

Ver: Saint Jean Eudes, in "Fêtes et Saisons", Janeiro 1956, Paris, Ed.

56

du Cerf.

Ver, finalmente, in "Notre Vie", revista eudista, vários artigos do P. Ch. BERTHELOT DU CHESNAY, trazendo à história de S. Joffo Eudes e das suas fundações importantes contributos, que se não encontram em nenhuma outra obra até agora aparecida.

b) Doutrina de S. João Eudes.

CHARLES LEBRUN, La spiritualité de saint Jean Eudes. Paris, Lethielleux 1933, in-8, VI-270 pàgs.

JACQUES AR RAGAIN, Le Coeur du Seigneur. Études sur les écrits et l'influence de saint Jean Eudes dans la dévotion au Coeur de Jésus. Paris, La Colombe, 1955, in-8, 203 pàgs.

Ver também a série dos Cahiers eudistes.

Le saint Coeur de Marie dans la spiritualité eudiste, Paris, "Notre Vie 1948, in-16, 128 pàgs.

L'oraison dans spiritualité eudiste, ib. 1952, 155 pàgs.

Le renoncement dans la vie chrétienne selon saint Jean Eudes et ses disciples, ib. 1956, 144 pàgs.

Les vertus chrétiennes selon saint Jean Eudes et ses disciples, ib. 1960, 172 pàgs.

La vie religieuse à l'école de saint Jean Eudes, ib. 1963, 166 pàgs.

Spiritualité de l'École française et saint Jean Eudes, ed. refundida, Québec, 1962, in-8, 143 pàgs.

NOTA:

Esta bibliografia é voluntariamente sumária.

Poderão encontrar-se indicações mais pormenorizadas em:

Saint Jean Eudes, *Lettres choisies - Lettres inédites*, "Les écrits des Saints", Namur 1958, atrás cit.

e sobretudo na tese de M<sup>re</sup> PIOGER, *Un orateur de PÉcole française*, Paris 1940, também já atrás citada. Esta última obra apresenta, além disso, uma lista de fontes manuscritas, particularmente documentos conservados nos Arquivos da Congregação dos Eudistas, Rue Jean-Dolent n.º 1, Paris (XIV).

MARIE DES VALLÉES. Miniatura, num medã1hio de 6 5 em, desaparecida em 1944.

Textos escolhidos (.)

(\*) Salvo indicaçãR em contrário, estes textos sgo extraídos do livro *La via et la royaume de Jésus dans las &nas chrdtiennes*, quase sempre designado simplesmente por O Reino de Jesus.

## I. - O CORPO BIISTICO DE JESUS CRISTO

### 1. "Omnia in omnibus Christus" O.CA,114.

. É sobretudo no segundo porte do Reino de Jesus que JoSo Eudes exoe as grandes perspectivas da fé que unificam o seu pensamento. Com um simples olhar, apreende Cristo; e, no plano de Deus, Cristo é "tudo em todas as coisas---.

O primeiro e principal, direi mesmo, o único objecto do olhar, do amor e da complacência do Pai Eterno, é Seu Filho Jesus. Digo o único, porque, assim como Deus Pai quis que Seu Filho Jesus seja tudo em todas as coisas, e que todas as coisas subsistam nele e por Ele (E f. 1, 23; C o 1. 3, 11, 17), segundo a palavra do Apóstolo, assim também Deus contempla e ama todas as coisas nEle, e não contempla nem ama senão a Ele em todas as coisas. É assim como o mesmo Apóstolo nos ensina que Deus fez todas as coisas nE7e e por Ele, do mesmo modo nos ensina que fez todas as coisas para Ele (Col. 1, 16; H eb. 11, 1 o). E ainda: assim como pôs nE7é todos os tesouros da Sua ciência e sabedoria (Col. 2, 3), da Sua bondade e beleza, da Sua glória e felicidade e todas as Suas outras infinitas perfeições, assim também Ele próprio nos comunica em alta voz e em muitas ocasiões que pôs toda a Sua complacência e Suas delícias neste Filho único e bem-amado (Mt. 3,17; cf. 2 Pet. 1, 17). O que todavia não exclui o Espírito Santo, pois é o Espírito de Jesus e um só com Jesus.

A imitação do Pai celeste, que devemos seguir e imitar como a nosso Pai, Jesus deve ser também o único objecto do nosso espírito e do nosso coração. Devemos ver e amar tudo nEle, e não devemos ver nem amar senão a Ele em tudo. Devemos fazer todas as nossas acções nEle e para Ele... E por isso nos ordena que façamos nEle a nossa morada: "Permanecei em Mim " O o. 15, 4) - preceito que o Discípulo amado nos reitera por duas vezes: Permanecei nEle, nos diz, meus filhinhos, permanecei nEle (1 Jo. 2, 27). E S. Paulo, para nos levar a isso, afiança-nos que nffio há condenaç,ffo para os que permanecem em Jesus Oisto (Rorn. 8, 1). Assim como, pelo contrário, podemos dizer que, fora desse caminho, nffo há senão perdição, maldiçffo e inferno...

Quando digo que Jesus Cristo deve ser o nosso único objecto, não quero excluir o Pai nem o Espírito Santo. Jesus, assegurando-nos que quem o vê a Ele vê o Pai (Jo. 14, 9), ... permite-nos concluir que quem fala dEle fala também do Pai e do Espírito Santo; quem O honra e O ama, honra e ama igualmente o Pai e o Espírito Santo; e quem O contempla como único objecto do seu olhar, juntamente contempla o Pai e o Espírito Santo.

## 2. O Corpo Místico.

O.C.1,161.

Eis aqui uma das páginas em que Jogo Eudes exprime a sua fé no Corpo Místico de Jesus Cristo.

Jesus, Filho de Deus e Filho do Homem, Rei dos homens e dos anjos, não é somente nosso Deus, nosso Salvador e nosso soberano Senhor: é também nossa Cabeça, pois que nós somos Seus membros e Seu corpo, como diz S. Paulo, osso dos Seus ossos e carne da Sua carne (E f. 5, 30). E por conseguinte, estando unidos a Ele com a união mais íntima que possa pensar-se, qual seja a dos membros dum corpo com a respectiva cabeça; unidos com Ele espiritualmente pela fé e pela graça que nos deu no santo Baptismo; unidos com Ele corporalmente pela união do Seu santíssimo Corpo com o nosso na santa Eucaristia ... ; - assim como os membros sffo animados pelo espírito da cabeça e vivificados pela mesma vida, assim também nós devemos ser animados pelo Espírito de Jesus, viver da Sua vida, andar pelos Seus caminhos, estar penetrados dos Seus sentimentos e inclinações, praticar todos os nossos actos nas disposições e segundo as intenções com que Ele praticava os Seus; numa palavra, continuar e realizar a vida, a religião e a devoção que Ele exercitou enquanto esteve na terra.

Esta doutrina é muito bem fundamentada; porque se apoia, em muitos lugares, nas palavras sagradas dAquele que é a própria verdade. Não O ouvis dizer, em diversos passos do Evangelho: Eu sou a vida, e: Eu vim para que tenhais vida.. Eu vivo e vós vivereis? E acrescenta: Naquele dia, vós conhecereis que Eu estou no Pai, e vós em Mim, e Eu em vós (Jo. 14, 6; 10, 10; 14, 19). Quer dizer que, assim como Eu estou no Pai, vivendo da vida que Ele Me comunica, assim vós estais em Mim, vivendo da Minha vida, e Eu estou em vós, comunicando- vos esta mesma vida; e assim Eu vivo em vós, e vós vivereis comigo e em Mim...

Jesus Nosso Senhor tem duas espécies de corpos e duas espécies de vida. O primeiro corpo é o Seu corpo pessoal, que Ele tomou da Santíssi

ma Virgem; e a primeira vida é a que Ele teve neste mesmo corpo, enquanto viveu na terra. O segundo corpo é o Seu Corpo Místico, isto é, a Igreja, que S. Paulo chama Corpus Christi, o corpo de Jesus Cristo; e a segunda vida é a que Ele tem neste corpo e em todos os verdadeiros cristãos, que são membros deste corpo. A vida passível e temporal que Jesus teve no Seu corpo pessoal cumpriu-se e acabou no momento da Sua morte; mas Ele quer continuar essa mesma vida no Seu Corpo Místico até à consumação dos séculos, para glorificar o Pai pelas acções e sofrimentos duma vida mortal, laboriosa e sofredora, não somente no espaço de trinta e quatro anos, mas até ao fim do mundo. De tal modo que a vida passível e temporal que Jesus tem no Seu Corpo Místico, isto é, nos cristãos, ainda não está cumprida, mas realiza-se dia a dia em cada cristão autêntico e só terá sua realização plena no fim dos tempos.

Por isso diz S. Paulo que completa o que falta aos sofrimentos de Jesus Cristo em favor do Seu Corpo que é a Igreja (Coi. 1, 24). E o que S. Paulo diz de si mesmo, pode dizer-se de cada um dos verdadeiros cristãos, quando sofrem qualquer coisa com espírito de submissão é de amor para com Deus. E o que S. Paulo diz dos sofrimentos pode dizer-se de todas as mais acções que um cristão pratica na terra...

De modo que, quando um cristão faz oração, continua e completa a oração que Jesus fez na terra; quando trabalha, continua e completa a vida laboriosa de Jesus Cristo; quando trata com o próximo em espírito de caridade.. continua e completa a vida ---conversante- ou de relações sociais de Jesus Cristo...

Uma vez que Jesus é a nossa Cabeça e nós Seus membros, tendo com Ele uma união incomparavelmente mais estreita, mais nobre e mais elevada que a união existente entre a cabeça e os membros dum corpo natural ( ... ), devemos estar animados do Seu espírito e viver da Sua vida com mais particularidade e perfeição que os membros dum corpo natural estão animados do espírito e vivem da vida da sua cabeça.

### 3. Os "estados e mistérios" de Cristo.

O.CA,310.

A terceira parte do Reino de Jesus explica "o que se deve fazer cada ano-, deve, sobretudo, estar-se unido aos "estados e mistérios" de Cristo, seguindo o ritmo do Ano Litúrgico.

Devemos continuar e completar em nós os estados e mistérios de Jesus, e pedir muitas vezes ao mesmo Jesus que os aperfeiçoe e complete em nós e em toda a Sua Igreja... Os mistérios de Jesus não estão ainda em sua completa perfeição e acabamento... Posto sejam perfeitos e completos

na pessoa de Jesus, ainda não são completos e perfeitos em nós, que somos Seus membros, nem na Sua Igreja, que é Seu Corpo Místico.

Porque o Filho de Deus Se propôs dar uma participação, fazer como que uma extensão e continuação, em nós e em toda a Igreja, do mistério da Sua Incarnação ( ... ), do Seu Nascimento, da Sua vida oculta, formando-Se e como que incarnando em nós e nascendo nas nossas almas, pelos santos sacramentos do Batismo e da divina Eucaristia, e fazendo-nos viver duma vida espiritual e interior oculta com Ele em Deus.

Propôs-Se aperfeiçoar em nós o mistério da Sua Paixão, Morte e Ressurreição, fazendo-nos sofrer, morrer e ressuscitar com Ele e nEle'

Propôs-Se completar em nós o estado de vida gloriosa e imortal, que é o Seu no Céu, fazendo-nos viver com Ele e nEle, quando lá estivermos também, uma vida gloriosa e imortal.

E assim, propôs-Se aperfeiçoar e completar, em nós e na Sua Igreja, todos os Seus outros estados e mistérios, por uma comunicação e participação que nos quer conceder, e por uma continuação e extensão que quer realizar em nós destes mesmos estados e mistérios...

Os mistérios de Jesus não serão completados, até ao fim dos tempos que o mesmo Jesus determinou para a consumação dos Seus mistérios em nós e na Sua Igreja; quer dizer, até ao fim do mundo.

Oza, a vida que nós temos na terra não nos é dada senão para a empregarmos no cumprimento deste grande plano que Jesus tem a nosso respeito. Por isso devemos empregar todo o nosso tempo, nossos dias e anos, em cooperar e trabalhar com Jesus nesta divina empresa da consumação dos Seus mistérios em nós. Devemos cooperar pelas boas obras, pelas orações, e por uma constante aplicação do nosso espírito e do nosso coração em contemplar, adorar e honrar os diversos estados e mistérios de Jesus nos diversos tempos do ano, e em nos dar a Ele, para que Ele realize em nós, por esses mesmos mistérios, tudo quanto em nós deseja realizar para a Sua glória.

## 11. A ENTRADA NO CORPO MISTICO

### 4. A fé. O.C.1,168.

Para João Eudes, os---fundamentos"da vida cristã são: a fé, a renúncia ao pecado, a renúncia a si mesmo e a oração. Tudo começa, pois, pela fé, e pelo Batismo, sacramento da M.

O primeiro fundamento da vida cristã é a fé. Efectivamente, S. Paulo declara que se queremos caminhar para Deus e ter acesso junto da Sua Divina Majestade, o primeiro passo que devemos dar é crer, e que, sem fé é impossível agradar a Deus., A fé, diz o mesmo Apóstolo, é a substância e a base das coisas que esperamos (Heb r. 11, 6, 1 ). É a pedra de alicerce da casa e do Reino de Jesus Cristo. É uma luz celeste e divina, uma participação da luz eterna e inacessível, um raio da face de Deus; ou, para falar em conformidade com a Escritura, a fé é como um carácter, uma marca divina, pela qual a luz da face de Deus é impressa nas nossas almas (Sl. 4, 6). É uma comunicação e como que uma extensão da luz e ciência divina, que foi infundida na alma santa de Jesus no momento da Sua Incarnação. É a ciência da salvação, a ciência dos Santos, a ciência de Deus, que Jesus Cristo hauriu no seio do Pai, e que trouxe à terra para dissipar as nossas trevas, iluminar os nossos corações, dar-nos os conhecimentos necessários para servir e amar a Deus com perfeição, submeter e sujeitar os. nossos espíritos às verdades que Ele nos ensinou e que nos ensina ainda por Si próprio e pela Sua Igreja. Desse modo Se propõe exprimir, continuar e realizar em nós a submissão, docilidade e sujeição voluntária e clara, que Seu espírito humano teve em relação às luzes que o Pai Eterno Lhe comunicou e às verdades que Lhe ensinou. Assim, pois, a fé que nos é dada para cativar e sujeitar os nossos espíritos à crença das verdades que nos são anunciadas da parte de Deus, é uma continuação e uma realização da submissão amorosa e perfeitíssima que o espírito humano de Jesus teve às verdades que o Pai Eterno Lhe anunciou...

De modo que, se olharmos para Deus com os olhos da fé, vê-LO-ernos na Sua

verdade, tal qual é, e em certo sentido, face a face. Porque, embora a fé esteja ligada à obscuridade e nos faça ver a Deus, não claramente como

se vê no Céu, mas obscuramente e como através duma nuvem, contudo não abate a Sua grandeza suprema ao alcance do nosso espírito, como faz a ciência, mas penetra, através das sombras e obscuridades, até ao infinito das Suas perfeições, e no40 faz conhecer tal como Ele é, quer dizer, infinito no Seu ser e em todas as Sua divinas perfeições...

Se nos olharmos a nós mesmos e a todas as coisas do mundo com os olhos da fé, veremos muito claramente que, de nós mesmos, apenas somos nada, pecado e abominação; e que tudo o que há no mundo não é mais que fumo, vaidade e ilusão.

S. Vida de fé.

O.C.1,171.

Assim como devemos olhar todas as coisas à luz da fé para as conhecermos em toda a verdade, assim devemos praticar todas as nossas acções sob a conduta desta mesma luz, para as fazer santamente. Porque, assim como Deus Se conduz por Sua sabedoria divina; os anjos, por sua inteligência angélica; os homens privados da luz da fé, pela razão; as pessoas do mundo, pelas máximas da sociedade; os amigos do prazer, pelos sentidos - - assim os cristãos se devem deixar conduzir pela mesma luz pela qual Se conduz Jesus Cristo, seu chefe, ou seja, pela fé, participação da ciência e da luz de Jesus Cristo.

Por isso, devemos esforçar-nos, por toda a espécie de meios, por aprender bem esta ciência divina, e nada empreender jamais senão guiados por ela. Com esse fim, no princípio das nossas acções, especialmente das mais importantes, ponharno-nos aos pés do Filho de Deus, adoremo40 como autor e consumidor da fé, e como Aquele que é a verdadeira luz que alumia a todo o homem que vem a este mundo: como ao Pai das luzes.

6. O Baptismo é unia nova criação.

O.CAI,18.

Os Coléquios - Entretiens de l'âme chrétienne avec Son Dieu - foram acrescentados ao Reino de Jesus (oitava parte) a partir de 1662. Encontramos aí uma expr~ acabade do pensamento eudista sobro o Baptismo.

Na Sagrada Escritura, o Baptismo é chamado regenerago e renascimento, "pela água do novo nascimento" - "quem ndo renascer pela água e

pelo Espírito Santo", etc. (Tit. 3, 5; Jo. 3, 5). Geração e nascimento que têm por exemplar e protótipo a geração e nascimento eterno do Filho de Deus no seio do Pai, e a Sua geração e nascimento temporal no seio virginal de Sua Mãe.

66

De facto, assim como na Sua geração eterna o Pai Lhe comunicou o Seu ser, a Sua vida e todas as Suas perfeições divinas, assim no nosso Baptismo o mesmo Pai nos dá, por Seu Filho e em Seu Filho, um ser e uma vida inteiramente santa e divina.

E assim como, na geração temporal do Filho de Deus, o Pai Lhe dá um novo ser e uma nova vida, mas uma vida que, conquanto santa e divina, está revestida de mortalidade, de passibilidade e de todas as misérias da vida humana, - assim a vida nova que Deus nos dá pelo Baptismo é toda cercada e assediada de fragilidade, fraqueza, mortalidade e todas as enfermidades da vida humana a que está conjunta.

Além disso, assim como o Espírito Santo é enviado para formar o Filho de Deus nas sagradas entranhas da Bem-aventurada Virgem Maria, assim é também enviado para o formar e fazer viver pelo Baptismo no seio da nossa alma, e para nos incorporar e unir a Ele e nos fazer nascer e viver nEle...

E assim como as Três divinas Pessoas cooperaram conjuntamente e por um mesmo poder e bondade na obra admirável da Incamação, assim as mesmas divinas pessoas Se encontram presentes no nosso Baptismo e cooperam conjuntamente para nos dar o novo ser e a nova vida em Jesus Cristo, que aí nos é dada.

7. O baptismo é uma morte e uma ressurreição.

0. C. 11, 182.

O baptismo é uma morte e uma ressurreição.

É uma morte. Porque, diz S. Paulo, "se um morreu por todos, logo todos morreram" (2 Cor. 5, 14); quer dizer, todos os que são incorporados em Cristo como seus membros pelo Baptismo. Pois que, sendo membros duma Cabeça que morreu e foi crucificada, nós devemos ser crucificados e mortos ao mundo, ao pecado e a nós próprios.

É uma ressurreição, pois que pelo Baptismo saímos da morte do pecado para entrar na vida da graça.

O Baptismo é uma morte e uma ressurreição, que tem por modelo a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo. - A Sua Morte: porque, diz S. Paulo, nós fomos baptizados na Morte de Jesus Cristo; fomos pelo Baptismo sepultados na morte com Cristo. - A Sua Ressurreição: porque, tal como Jesus Cristo ressuscitou dos mortos e entrou numa nova vida, assim nós devemos viver duma vida nova (Rom. 6, 3). Do mesmo modo que, pelo Baptismo, somos obrigados a morrer a tudo para vivermos com Cristo Jesus uma vida inteiramente celeste e como pessoas que já não são

da terra mas do Céu, que têm todo o seu coração e todo o seu espírito no Céu, segundo se exprimiam os primeiros cristãos, falando pela boca de S. Paulo: A nossa vida é nos céus. E são do mesmo Apóstolo estas palavras: Se ressuscitastes com Cristo, procurai e amai as coisas do Céu, e não as da terra (Fil. 3, 20; Col. 3, 1).

Finalmente, pelo Baptismo, estamos obrigados a realizar em nós estas divinas palavras: Vós morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus (Col. 3, 3). Devemos estar mortos a tudo o que não é Deus, para não vivermos senão em Deus e com Jesus Cristo: Tamquam ex mortuis viventes, diz S. Paulo (Roman. 6, 13), como pessoas ressuscitadas e que, por conseguinte, devem levar na terra a vida do Céu, isto é, uma vida santa e ornada de toda a espécie de virtudes, que seja um exercício contínuo de amor, adoração e louvor a Deus, e, de caridade para com o próximo.

S. Pelo Baptismo, Deus faz-nos entrar na comunhão com Ele.

0. C. 11, 184.

Por um acto de misericórdia e bondade incompreensível, Deus liberta-nos da maldita aliança que tínhamos com Satanás, de quem éramos filhos e membros pelo pecado, e faz-nos entrar numa maravilhosa sociedade com Ele: "Vós fostes chamados à sociedade de Seu Filho, Jesus Cristo Nosso Senhor". Isto vos dizemos, para que entreis em sociedade conosco, e a nossa sociedade seja com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo " (1 Cor. 1, 9; 1 Jo. 1, 3).

Que sociedade é esta? É a mais nobre e perfeita que possa ser. Porque não é uma sociedade simplesmente de amigos com seu amigo, de irmãos com seu irmão, de filhos com seu pai, de esposa com seu esposo; mas de membros com sua cabeça, que é a mais íntima e estreita de todas as sociedades.

Mas, o que é muito mais, é que a união natural e corporal das varas da vide com a cepa e dos membros do corpo humano com a cabeça, embora seja a mais estreita de todas as uniões que possam imaginar-se nas coisas naturais, contudo não passa dum figura e sombra da união espiritual e sobrenatural que temos com Jesus pelo Baptismo.

Porque as coisas corporais e naturais não são mais que as sombras e figuras das coisas espirituais e sobrenaturais. E, além disso, a união das varas com a cepa da videira e dos membros do corpo com a cabeça corporal é conforme à qualidade e natureza inferior e material das coisas que une; ao passo que a união dos membros de Jesus Cristo à Sua Cabeça é conforme à excelência

e natureza santa e divina das coisas que une. E por

68

consequente, quanto mais esta Cabeça divina e estes membros sagrados se elevam acima da cabeça e membros naturais, tanto mais a aliança dos cristãos com Jesus ultrapassa a união entre a cabeça e os membros dum corpo humano.

Mas ainda há mais. É que a sociedade que, pelo Baptismo, formamos com Jesus Cristo, e por Ele com o Pai, é tffo alta e divina, que merece ser comparada pelo mesmo Jesus à unidade existente entre Ele e o Pai. Eis as palavras de Jesus: 'Para que sejam um, como nós somos um, Eu neles e Tu em Mim; para que sejam consumados na unidade...' (jo. 17, 22). De modo que a unidade do Pai e do Filho é o modelo da união que temos com Deus pelo Baptismo; e esta mesma uniffo é a imagem viva desta adorável unidade.

Além disso, o que põe em relevo e enobrece maravilhosamente a aliança que temos com Deus pelo Baptismo, é que ela é fundada e começada, se pode assim dizer-se, no precioso Sangue de Cristo e feita pelo Espírito Santo. De forma que o mesmo Espírito, que é a unidade do Pai e do Filho - segundo as santas palavras da Igreja: in unitate Spiritus Sancti -, Ele mesmo, digo, é o laço sagrado da sociedade e união que temos com Jesus Cristo e, por Ele, com o Pai Eterno; uniffo marcada nestas divinas palavras: 'Tara que sejam consumados na unidade' (jo. 17, 23).

Vemos, assim, que, pelo Baptismo, não somos senão um com Jesus Cristo e, por Jesus Cristo, com Deus, do modo mais elevado e mais perfeito que é possível, depois da união hispostática da natureza humana com o Verbo eterno. Oh aliança incomparável!... Da nossa parte, nós nos apresentamos, nos oferecemos, nos damos e consagramos a Deus pelas mãos dos nossos padrinhos e madrinhas; prometemos-Lhe rebunciar a Satanás e às suas obras, quer dizer, a toda a espécie de pecado, e às suas pompas, quer dizer, ao mundo, e a aderir a Jesus Cristo. Porque, segundo a antiga forma do Baptismo, aquele que desejava ser baptizado voltava-se para Ocidente e dizia: Abrenuntio tibi, Satana! - "Renuncio a ti, Satanás!-; e depois, voltando-se para Oriente, dizia: Adhaereo tibi, Christe! - "Adiro a Ti, ó Oisto!". O mesmo se faz ainda hoje, noutros termos, mas equivalentes.

Esta é a promessa que fizemos a Deus no nosso Baptismo, promessa solene, feita à face da Igreja; promessa ligada e encastoadada num grande sacramento; promessa tffo obrigatória, que ninguém nos pode jamais dispensar dela; promessa escrita, diz Santo Agostinho, pelas mãos dos anjos, e sobre a qual seremos julgados na hora da morte.

11

69

9 e 10. O "carácter" baptismal. O. C. 11, 226.

Para completar a doutrina do Baptismo, escolheremos dois PaSSOS extraídos do Contrato do homem com Deus pelo santo Baptismo (1654).

O sacerdote marca com uma cruz a fronte e o coração do baptizado.

Este carácter ou marca exterior de Jesus Cristo, que é a cruz, significa um outro carácter interior do mesmo Jesus, que é gravado em vossa alma pelo sacramento do Baptismo; e tão profundamente, que nada há que o possa apagar. Estando, pois, assim marcados pelo Seu selo no corpo e na alma, vós não mais vos pertenceis: Non estis vestri; pertenceis àquele divino Redentor que vos resgatou com o preço infinito do Seu Sangue e da Sua Cruz: Vos autem Quisti. E, assim, não mais tendes o direito de viver senão para Aquele que imolou a Sua vida por vós na morte da Cruz, segundo as palavras do grande Apóstolo: "Oisto morreu por todos, para que os vivos não vivam mais para si próprios, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles " (1 Cor. 6, 19; 1 Cor. 3, 23; 2 Cor. 5, 15).

O. C. 11, 23 1.

Depois do Baptismo propriamente dito, o sacerdote faz a unção com o crisma.

Isso significa que Cristo vos tomou, de certo modo, participantes do Seu divino sacerdócio, para que vós Lhe ofereçais um sacrifício perpétuo de louvor e de amor e vos imoleis sem cessar, vós e tudo o que vos pertence, à glória da Sua divina Magestade. É isso que faz com que S. Pedro chame ao cristianismo Regale sacerdotium, "Sacerdócio real"; e que, segundo a Sagrada Escritura, todos os cristãos tenham a qualidade de reis e sacerdotes: 'Fízeste de nós uma realeza de sacerdotes para o nosso Deus" (1 Pet. 2, 9; Apoe. 1, 6 e 5, 10).

### III. - MORTE E VIDA NOVA EM JESUS CRISTO

S. JoSo Eudes explica-nos o que significa, concretamente, para nós, a morte e vida nova cujo génen o Baptismo depositou em nós. Primeiro, temos de morrer ao pecado, ao mundo e a nós mesmos; isso constitui o segundo e o terceiro "fundamento" da vida cristi.

11. Morte ao pecado.

O.CA,173.

Pois que estarnos obrigados a continuar na terra a vida santa e divina de Jesus, devemos revestir-nos dos sentimentos e inclinações do mesmo Jesus, segundo ensina o Apóstolo: "Tende em vós os sentimentos de Chsto JeSUS" (F i 1. 2,5). Ora, Jesus Cristo( ... ) tem tal horror ao pecado, que desceu do Céu à terra, aniquilou-Se a Si mesmo tomando a forma de servo, viveu na terra trinta e quatro anos uma vida cheia de trabalhos, desprezos e sofrimentos, derramou Seu sangue até à última gota e morreu da mais cruel e afrontosa de todas as mortes, tudo isso pelo ódio que tem ao pecado e pelo desejo extremo que tem, de o destruir em nós.

Devemos continuar em nós estes sentimentos (...); devemos prosseguir na guerra que Ele fez ao pecado enquanto viveu na terra.

12. Renúncia ao mundo.

O.CA,177.

Para um cristão não basta viver desapegado do vício e ter horror a toda a espécie de pecado; para além disso, é necessário que trabalheis com cuidado e

afinco em estabelecer-vos num perfeito desapego do mundo e das coisas do mundo. Por mundo, entendo a vida corrupta e desregrada que se leva no mundo, o espírito condenável que aí reina, os sentimentos e inclinações preversas que aí se seguem, e as leis e máximas perniciosas segundo as quais os mundanos se regem. E por coisas do mundo, entendo tudo o que o mundo estima, ama e tão afanosamente procura, a saber: as

honras e louvores dos homens, os vãos prazeres e deleites, as riquezas e comodidades temporais, as amizades e afeições fundadas na carne e no sangue, no amor próprio e no próprio interesse...

O mundo foi sempre e sempre será contrário a Jesus, sempre o perseguiu e crucificou, e há-de persegui-lo e crucificá-lo sem cessar, até à consumação dos séculos; e os sentimentos e inclinações, as leis e máximas, a vida e o espírito do mundo são de tal modo opostos aos sentimentos e inclinações, leis e máximas, vida e espírito de Jesus, que é impossível possam subsistir juntos. Porque todos os sentimentos e inclinações do mundo apenas têm em vista o pecado e a perdição...

O espírito de Jesus é um espírito de luz, de verdade, de piedade, amor, confiança, zelo e reverência em relação a Deus e a todas as coisas de Deus; o espírito do mundo é um espírito de erro, de incredulidade, de trevas, cegueira, desconfiança, murimiração, impiedade, irreverência e obstinação com respeito a Deus e às coisas de Deus.

O espírito de Jesus é um espírito de humildade, de modéstia, de desconfiança de si mesmo, mortificação, abnegação, constância e firmeza; pelo contrário, o espírito do mundo é feito de orgulho, presunção, amor desordenado de si mesmo, levandade e inconstância.

O espírito de Jesus é um espírito de misericórdia, caridade, paciência, doçura e unificação em relação ao próximo; o espírito do mundo é um espírito de vingança, inveja, impaciência, cólera, maledicência e divisão...

Se desejais ser verdadeiramente cristão, quer dizer, se desejais pertencer perfeitamente a Jesus Cristo, viver da Sua vida, estar animados do Seu espírito e comportar-vos segundo as Suas máximas, tendes necessariamente de vos manter em estado de renúncia inteira e eterno adeus ao mundo. Não quero dizer que seja necessário abandonar o mundo para vos fechardes dentro de quatro paredes, a não ser que Deus a isso vos chame; mas sim que cuideis em viver no mundo como se dele não fósseis, isto é, que façais profissão pública, generosa e constante de não viver da vida do mundo, de não vos guiardes pelo seu espírito e leis.

13. Desprendimento de si.

O.CA,184.

Já é muito renunciar ao mundo do modo que acabamos de dizer; mas ainda

não bastante para atingir o perfeito desprendimento, que é um dos primeiros fundamentos da vida cristã. Porque Nosso Senhor prega bem alto: que aquele que quer segui-10, renuncie a si mesmo e 0 Siga (M t. 16, 24). E por isso, se queremos ser do número dos que seguem

72

Jesus e pertencer-Lhe, temos de renunciar a nós mesmos, isto é, ao nosso próprio espírito, ao nosso próprio sentir, às nossas próprias vontades, desejos e inclinações, e ao nosso amor próprio, que nos induz a aborrecer e evitar tudo o que pode causar algum trabalho e mortificação ao espírito e à carne, e a amar e procurar tudo o que pode dar-lhes algum prazer ou alegria.

Sffo dois os motivos que nos obrigam a esta abnegação e renúncia de nós mesmos.

1. Porque tudo o que há em nós é de tal modo desregrado e mau, como consequência da corrupção do pecado, que não há nada em nós, enquanto de nós, que não seja contrário a Deus, não faça obstáculo aos Seus desígnios, não se oponha ao amor e glória que Lhe devemos.

2. Porque Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o nosso chefe e modelo, e no qual nada havia que não fosse inteiramente santo e divino, viveu, no entanto, em tal desprendimento de Si e tal aniquilamento do Seu espírito humano, da Sua vontade própria e do amor de Si mesmo, que nunca jamais fez o que quer que fosse por Seu próprio parecer e espírito humano, mas apenas segundo a orientação e espírito do Pai; nunca jamais seguiu a própria vontade, mas sempre a do Pai...

Se somos de verdade Seus membros, devemos entrar nos Seus sentimentos e disposições, e tomar a firme resolução de viver desde agora numa total separaçffo, olvido e aborrecimento de nós mesmos.

Para tanto, tende o cuidado de adorar frequentemente Jesus neste desapego de Si mesmo, e de vos dar a Ele, pedíndo-Lhe que vos desprenda inteiramente de vós, do vosso próprio espírito, da vossa própria vontade e do vosso amor próprio, para vos unir perfeitamente a Si e vos dirigir em tudo segundo o Seu espírito,segundo a Sua vontade e o Seu puro amor...

Ao começardes as vossas acções, elevai assim o vosso coração para Ele: "Oh Jesus, renuncio com todas as minhas forças a mim próprio, ao meu espírito, à minha vontade e amor próprio, e entrego-me todo a Vós, ao Vosso santo

espírito e ao Vosso divino amor; arrastai-me para fora de mim e guiai-me, nesta acção, segundo a Vossa santa vontade ".

Nos momentos de contrariedade, devido à diversidade de opiniões que a toda a hora se manifestam, ainda mesmo que estejais convencido ter do vosso lado a razão e a verdade, não vos importeis - contanto que não esteja em jogo a glória de Deus; antes regozijai-vos por ter uma ocasião de renunciar ao vosso modo de sentir e ceder à opinião alheia.

Quando sentirdes quaisquer desejos e inclinações a respeito de qualquer coisa, volta! imediatamente o vosso coração e os vossos afectos para Jesus, assim: "Meu amado Jesus, entrego-Vos todo o meu coração e os

meus afectos. Vós, que sois o único objecto do meu amor, fazei que ndffo ame coisa alguma, a nio ser em Vós e para Vós ".

Quando vos sobrevierem motivos de mortificação para o corpo ou para o espírito, ou ocasiões de vos privardes de alguma satisfação ( o que acontece a toda a hora), aceitai tudo de boa vontade, por amor de Nosso Senhor, e agradecei-Lhe o dar-vos ocasião de mortificar o vosso amor próprio e de honrar as mortificações e privações que Ele sofreu na terra.

E quando sentirdes alguma alegria e consolação, devolvei-a Àquele que é a fonte de toda a consolação, e dizei-Lhe: "Oh Jesus, eu não quero jamais outra alegria sendo a satisfação da Vossa santa vontade. Para mim, Senhor, já é alegria bastante saber que sois Deus e que sois o meu Deus. Ah Jesus, sede sempre Jesus, quero dizer, sempre cheio de glória, de grandeza e alegria, e eu serei sempre feliz!

14. Desprendimento do próprio Deus.

O.C.1,187.

A perfeição da abnegação ou desprendimento cristão não consiste somente em viver desapegado do mundo e de si mesmo: leva-nos até, em certo sentido, a vivermos desapegados de Deus. Não sabeis que Nosso Senhor, quando estava ainda na terra, afirmou aos Seus Apóstolos que era conveniente separar-Se deles e ir para Seu Pai, para lhes enviar o Seu Espírito Santo? Porquê isso, senão porque eles estavam apegados à consolação sensível que a presença e trato visível da Sua humanidade sagrada lhes proporcionava, e que era um obstáculo à vinda do Espírito Santo? Tão necessário é viver desapegado de todas as coisas, por santas e divinas que sejam, para estar animado do Espírito de Jesus, que é o espírito do cristianismo!

Por isso digo que é necessário, em certo sentido, desapegarmo-nos do próprio Deus, quer dizer, das doçuras e consolações que acompanham, de ordinário, a graça e o amor de Deus; dos projectos piedosos que formamos para a glória de Deus; dos desejos que temos duma maior perfeição e amor de Deus; e, até, do desejo que podemos ter de sermos libertos da prisão do corpo, para ver a Deus, para estarmos perfeitamente unidos a Ele e para O amarmos pura e continuamente. Porque, quando Deus nos faz sentir as doçuras da Sua bondade durante os exercícios de piedade, devemos ter o cuidado de não nos repousar e apegar a isso, mas antes humilharmo-nos imediatamente, julgando-nos de todo indignos de qualquer consolação, estando preparados para ser dela despojados, e protestando que só desejamos servi-10 e amá40, não pela consolação que nos

dá, neste mundo ou no outro, a nós e àqueles que O amam e O servem, mas pelo amor

74

dEle mesmo e só por Sua satisfação.

Quando empreendermos algum piedoso plano ou praticarmos qualquer acção santa para glória de Deus, ainda que devamos fazer tudo o que pudermos para a levar a efeito, contudo devemos nos guardar de qualquer apego; de tal maneira que, se por qualquer acaso formos forçados a interromper ou pôr totalmente de parte esse projecto ou acção, nem por isso percamos a paz e serenidade do espírito, mas fiquemos contentes na contemplação da vontade ou permissão divina, que tudo conduzem e são sempre dignas de amor.

Similhantermente, posto devemos empenhar todo o nosso esforço em vencer as nossas paixões, vícios e imperfeições e em nos tomarmos perfeitos no exercício de todas as virtudes, contudo devemos trabalhar nisso sem ansiedade nem apego; de maneira que, quando não sentimos tantas virtudes e amor de Deus como desejávamos, fiquemos sempre em paz e sem perturbação, humilhando-nos pelo obstáculo que para tal constituímos, alegrando-nos na nossa própria abjecção, contentando-nos como que a Deus apraz conceder-nos, perseverando sempre no desejo de adiantar, e tendo confiança na bondade do Senhor, que nos há-de dispensar as graças necessárias para O servir segundo a perfeição que de nós exige.

De modo paralelo, embora devemos viver numa expectativa, num desejo e cuidado contínuos a respeito da hora e momento feliz que nos há-de separar inteiramente da terra, do pecado e da imperfeição, para nos unir a Deus e ao Seu puro amor; e embora devemos trabalhar com todas as forças para a realização da obra de Deus em nós, para que, quanto mais depressa acabada, tanto mais depressa Ele nos chame a Si; - contudo este desejo deve ser sem apego nem ansiedade. De modo que, se for do agrado de Nosso Senhor que fiquemos ainda muitos anos separados da duicíssima vista da Sua divina face, fiquemos contentes à vista da Sua amável vontade, ainda que seja do Seu agrado prolongar esta privação até ao dia do juízo.

Eis o que eu chamo viver desapegado de Deus. Eis em que consiste o perfeito desprendimento, que todos os cristãos devem ter, do mundo, de si mesmos e de tudo. Oh como é bom ser assim livre e desprendido de tudo!

1 S. Fundação de Jesus em nós. O.CA,271.

Esta vida nova é a vida de Jesus em nós.

O mistério dos mistérios e a obra das obras é a formação de Jesus, que nos é indicada nestas palavras de S. Paulo: "Meus filhos, por quem eu sinto de novo as dores do parto, até que Jesus Cristo seja formado em Vós... " (Gai. 4, 19).

O maior acto do Pai Eterno, em toda a eternidade, é estar continuamente gerando Seu Filho em Si mesmo. E fora de Si mesmo nada faz de mais admirável que quando O forma no seio puríssimo da Virgem, no momento da Incarriação. Também a obra mais excelente que o Filho de Deus realiza na terra é o formar-Se, em Sua santa Mãe e na Eucaristia. E do mesmo modo, a operação mais nobre do Espírito Santo é o tê-IO formado nas sagradas entranhas da Virgem, a qual também jamais fez nem fará nada de mais digno do que cooperar nesta divina e maravilhosa formação de Jesus em si. Finalmente, esta é a tarefa mais santa e mais sublime da Santa Igreja, a qual nada pode fazer de mais relevante do que quando O produz, de certo modo admirável, pela boca dos seus sacerdotes, na divina Eucaristia, e O forma nos corações dos seus filhos, não tendo em todas as suas funções outra finalidade mais que formar Jesus nas almas de todos os cristãos.

Deve também ser o nosso desejo, o nosso cuidado e ocupação principal: formar Jesus em nós, quer dizer, fazê-IO viver e reinar em nós, e em nós fazer viver e reinar o Seu espírito, a Sua devoção, as Suas virtudes, sentimentos, inclinações e disposições. A e~te fim devem tender todos os nossos exercícios de piedade. E a obra que Deus nos põe entre mãos, para nela, trabalharmos continuamente.

Duas razões muito poderosas devem animar-nos a trabalhar com todas as forças na realização desta obra:

1. Para que seja satisfeito o desígnio e desejo muito grande do Pai Eterno, de ver Seu Filho viver e reinar em nós... Ele ama tanto este amabilíssimo Filho, que não quer ver nada senão Ele em todas as coisas; nem quer ter outro objecto do Seu olhar, da Sua complacência e do Seu amor...

2. Para que, uma vez formado e estabelecido em nós, Jesus em nós ame e glorifique dignamente ao Pai Eterno e a Si mesmo, conforme estas palavras de S. Pedro: "que em tudo quanto fazeis, Deus seja glorificado por Jesus Oisto" (1 Pet. 4, 11); pois que só Ele é capaz de amar e glorificar dignamente a Seu Pai Eterno e a Si mesmo.

16. Como formar Jesus em nós.

O.CA,273.

Temos quatro coisas a fazer para formar Jesus em nós.

1. Devemos excitar-nos em vê-IO em tudo e em nffo ter, em todos os

nossos exercícios de devoção e em todas as nossas acções, outro objecto senão Ele em todos os Seus estados e mistérios, virtudes e acções. Porque

76

Ele é tudo em todas as coisas: é o ser das coisas que são, a vida das coisas que vivem, a beleza das coisas belas, o poder dos poderosos, a sabedoria dos sábios, a virtude dos virtuosos e a santidade dos santos. E quase não há acção que nós façamos, que Ele não tenha praticado alguma semelhante quando andava neste mundo, e que nós devemos ter presente e imitar ao praticar a nossa. Deste modo, encheremos de Jesus o nosso entendimento, e O formaremos e estabeleceremos no nosso espírito, pensando assim muitas vezes nEle e vendo-O em todas as coisas.

2. Devemos formar Jesus, não só no nosso espírito, pensando nEle e vendo-O em tudo, mas também nos nossos corações, pelo exercício frequente de actos do Seu divino amor...

3. É necessário formar Jesus em nós por um total aniquilamento de nós mesmos e de tudo em nós. Porque, se desejamos que Jesus viva e reine perfeitamente em nós, temos de fazer morrer e aniquilar todas as criaturas nos nossos espíritos e nos nossos corações, e não as ver nem amar em si mesmas, mas em Jesus e Jesus nelas...

Devemos também esforçar-nos por nos aniquilar a nós mesmos, isto é, o nosso modo de sentir, a nossa vontade própria, o nosso amor próprio, o nosso orgulho e vaidade, todas as nossas inclinações e hábitos perversos, todos os desejos e instintos da natureza depravada, e tudo o que é de nós mesmos...

4. Mas, porque esta grande obra da formação de Jesus em nós ultrapassa de longe as nossas forças ( ... ), peçamos com frequência à Santíssima Virgem e a todos os anjos e santos, que nos ajudem por sua intercessão. Entreguemo-nos ao poder do Pai e ao amor e zelo ardentíssimo que tem por Seu Filho, suplicando-Lhe nos aniquile inteiramente para fazer viver e reinar em nós o Seu Filho.

Ofereçamo-nos também ao Espírito Santo pela mesma intenção, fazendo-Lhe a mesma súplica.

Aniquilemo-nos muitas vezes aos pés de Jesus, a nós e a tudo quanto nos diz respeito, e supliquemos-Lhe, por aquele grande amor que O levou a aniquilar-Se, empregue o Seu divino poder para nos aniquilar e Se estabelece Ele em nós.

17. Uma bela oração.

0. C. 111, 287. Diariamente, antes do meio-dia, S. Joãb Eudes e seus discípu

los param um momento íunto de Cristo, para fazerem o acto de renúncia a si mesmos, oferecerem-se à Sua graça e deixarem-nO formar-Se neles cada vez mais. Este momento de oraço termina pela fórmula seguinte, que se encontra no Manual do Congregaçãô.

77

Cristo Jesus fez-Se, por vontade de Deus, nossa salvação, nossa justiça e nossa santificação; morreu por nós, para que os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou.

V. Senhor Jesus, nós queremos...

R. Que Vós reineis em nós.

OREMOS

Destruí totalmente em nós, Deus de poder e bondade, tudo o que a Vós se opõe; excitai o Vosso poder e tomai conta dos nossos corações e dos nossos corpos, para neles estabelecer perfeitamente o reino do Vosso Amor. Por Cristo Nosso Senhor. AMEN.

18. "Vinde, Senhor Jesus..."

O.C.1,439.

A quinta parte do Reino de Jesus termina por um belo comentário de oração Veni, Domine Jesu, composta sem dúvida pelo P. de Condren e por ele dada a muitos dos seus discípulos; um deles, M. Olier, transformou-a no célebre oração O Jesu vivens in Maria(\*).

Vinde, Senhor Jesus, vinde a mim, para em mim viver e reinar plenamente, para em mim Vos amardes e glorificardes dignamente, para em mim cumprirdes os desígnios da Vossa bondade, consumardes a obra da Vossa graça e estabelecerdes para sempre o reino da Vossa glória e do Vosso puro amor. Veni, Domine Jesu, veni in plenitudine virtutis tuae, in sanctiitate Spiritus tui, in perfectione mysteriorum tuorum, et in puritate viarum tuarum. Vêni, Domine Jesu.

Vinde, Senhor Jesus, vinde a mim na plenitude da Vossa virtude, para destruir tudo o que Vos desagrade e para realizar tudo quanto desejais para a Vossa glória. Vinde na santidade do Vosso Espírito, para me desapegar inteiramente de tudo o que não sois Vós, para me unir perfeitamente convosco, para me guiar santamente em todas as minhas acções. Vinde na perfeição dos Vossos mistérios, isto é, para realizar perfeitamente em mim o que desejais realizar pelos Vossos mistérios, e para glorificar, completar e consumir em mim os Vossos mistérios. Vinde na pureza dos Vossos caminhos, isto é, para cumprir, a meu respeito, seja a que preço for e sem me poupar de modo algum, todos os desígnios do Vosso puro amor, e

(\*) Veja-se o estudo de 1. NOYE, in -8u11crin du Comitd dos ótudos de Saint-Sulpi ca-, Outubro de 1954.

78

guiar-me nos caminhos certos deste mesmo puro amor, sem pem-dtír que me desvie, nem para a direita nem para a esquerda, sem nada ceder às inclinações e sentimentos da natureza corrompida e do amor próprio. Vinde, Senhor Jesus!

#### IV. - CONTINUAR AS VIRTUDES DE JESUS CRISTO.

Cristo é a nossa salvaçãô, a nossa santidade; Ele mesmo é a nosse caridade, a nosse humildade. Este vída de fé orienta todos os esforços do cristffio. É ainda o Reino de Jesus (segunda parte) que no-lo lembra.

19. As virtudes cristãs.

O.CA,205.

Pois que devemos continuar e completar a vida santa que Jesus viveu na terra, devemos também continuar e completar as virtudes que na terra praticou... Encontram-se muitas pessoas que amam a virtude, que a desejam, a procuram, e empregam muito cuidado e trabalho em adquiri-la; e no entanto poucos se encontram ornados das sólidas e verdadeiras virtudes cristãs. Uma das principais causas disto, é porque, na busca da virtude, se conduzem, nffo tanto segundo o espírito do cristianismo, como segundo o espírito dos filósofos pagãos, dos hereges e políticos...

Quereis ver a diferença que há entre estes dois espíritos, no que respeita ao exercício das virtudes?

1. Os que procuram a virtude à maneira dos filósofos pagãos, dos hereges e políticos, olham-na com os olhos da simples razão humana, estimam-na como uma coisa muito excelente em si mesma, muito conforme à raz~o e necessária à perfeição dum homem, para o distinguir dos irracionais.

2. Persuadem-se que a poderão adquirir por seus próprios esforços, à força de cuidado e vigflância, reflexões, propósitos e práticas. No que se enganam grandemente, não considerando que nos é impossível, sem a graça divina, praticar o mínimo acto de virtude cristã.

3. Amam a virtude e esforçam-se por adquiri-la, não tanto por amor de Deus e da Sua glória, como por amor de si próprios, quer dizer, para seu próprio mérito, interesse e satisfação, e para se tomarem mais excelentes e perfeitos...

Pelo contrário, os que se deixam conduzir pelo espírito e graça de Jesus Cristo no exercício da virtude:

1. Consideram-na, não em si somente, mas no seu princípio e origem, isto é, em Jesus Cristo, que é a fonte de toda a graça e contém eminentemente e em grau soberano toda a espécie de virtudes; nEle a virtude tem uma excelência infinita.

2. Sabem muito bem que não podem praticar o mais pequeno acto de virtude por si próprios; que, pelo contrário, se Deus Se retira deles, logo caem no abismo de todos os vícios; e que, sendo a virtude um dom da pura misericórdia de Deus, é preciso pedir-Lha com confiança perseverante.

3. Desejam a virtude ( ... ), não para si nem para seu interesse, satisfação ou recompensa, mas para agrado e interesse de Deus, para se tomarem semelhantes ao seu chefe Jesus Cristo, para O glorificar, e para continuar o exercício das virtudes que Ele praticou na terra; é nisto que propriamente consiste a virtude cristã. A humildade cristã é uma continuação da humildade de Jesus Cristo, a caridade cristã é uma continuação da caridade de Jesus Cristo, e assim das mais virtudes.

20. Um exemplo.

O. C. 111, 296.

Nos orações "antes do meio-dia-, S. João Eudes põe à consideração dos seus discípulos tal ou tal perfeição de Deus, tal mistério, tal virtude de Cristo. Compõe para tanto uma série de textos sóbrios e belos. Eis um exemplo, tirado do Manual da Congregação.

Adoremos Jesus na Sua obediência exactíssima, muito pronta e perfeita, que O fez obediente até à morte da cruz. Agradeçamos-Lhe a glória que deu ao Pai por esta virtude. Peçamos-Lhe perdão das faltas cometidas contra ela. Entreguemo-nos a Ele, para entrar no Seu espírito de obediência; e supliquemos-Lhe aniquile a nossa vontade própria, e faça viver e reinar em nós a vontade divina, por uma obediência perfeita. Imploramos, com essa intenção, a assistência da Mãe de Deus, dos anjos e dos santos.

21. A humildade e a confiança.

O.CA,214.

Voltemos ao Reino de Jesus, para aí encontrarmos alguns outros exemplos.

Se tendes verdadeiro e perfeito propósito de viver cristã e santamente, um

dos vossos maiores e principais cuidados deve ser estabelecer-vos conscientemente na humildade cristã; porque não há virtude mais necessária

80

ria e importante que esta. É aquela que Nosso Senhor nos recomenda com mais cuidado e instância, nas divinas e amáveis palavras que devemos muitas vezes repassar no espírito e repetir com os lábios: Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis repouso para as vossas almas (m t. 11, 29). É esta virtude que S. Paulo chama por excelência a virtude de Jesus Cristo. É a virtude própria e específica dos cristãos, sem a qual é impossível ser verdadeiramente cristão...

E esta virtude, junta com o amor sagrado, que faz os santos, os grandes santos. Pois a verdadeira medida da santidade é a humildade...

22. A humildade de espírito.

O.C.1,215.

Há duas espécies de humildade, a saber: a humildade de espírito e a humildade de coração; juntas, fazem a perfeição da humildade cristã.

A humildade de espírito é um profundo conhecimento daquilo que somos na verdade aos olhos de Deus. Porque, para bem nos conhecermos, temos de nos ver, não segundo o que parecemos aos olhos e juízo enganador dos homens, e da vaidade e presunção do nosso espírito, mas segundo o que somos aos olhos e juízo de Deus. Para isso, temos de nos ver à luz e verdade de Deus, por meio da fé.

Ora, se nos olharmos a esta luz celeste e com os olhos de Deus, veremos ( ... ) que não temos nenhuma hipótese de salvação, senão a de renunciar a Adão e a tudo que dele temos, a nós, ao nosso próprio espírito e às nossas próprias forças, para nos darmos a Jesus Cristo e entrarmos no Seu espírito e na Sua virtude... Nós não podemos ser livres da escravidão do pecado, se Ele nos não libertar; sem Ele não podemos nada de nada; e depois de tudo termos feito, podemos e devemos dizer com verdade que somos servos inúteis... Por nós mesmos, não somos capazes de pensar fazer qualquer coisa; mas toda a nossa suficiência vem de Deus; nós nem sequer poderíamos pronunciar o santo nome de Jesus sem a assistência do Seu Espírito (Jo. 8, 33 e 15, 5; Le. 17, 10; 2 Cor. 3, 5; 1 Cor. 12, 3). Isso provém, não só do nada da criatura, que de si mesma nada é e nada pode, mas também da sujeição em que estamos ao pecado, porque

somos filhos de Adão, que realmente nos gerou, mas em estado de condenação; e nos deu a natureza e a vida, mas no poder e cativo do pecado, tal como ele a tinha depois da sua falta...

Se desejais agradar a Deus e servi-Lo com perfeição, aplicai-vos conscientemente ao estudo desta divina ciência do conhecimento próprio; firmai bem em vosso espírito estas verdades, considerando-as frequentemente diante de Deus e pedindo todos os dias a Nosso Senhor que as

imprima bem fundo na vossa alma.

Notai, todavia, que, embora como homem, como filho de Adão e pecador, vós sejais tal como acabo de dizer, no entanto, como filhos de Deus e membro de Jesus Cristo, se estais na Sua graça, tendes em vós um ser e uma vida muito nobre e sublime, e possuís um tesouro infinitamente rico e precioso. Notai igualmente, que, embora a humildade de espírito vos faça conhecer o que sois em vós mesmos e em Adão, ela não deve, contudo, ocultar-vos o que sois em Jesus Cristo e por Jesus Cristo, nem obrigar-vos a ignorar as graças que Deus vos fez por Seu Filho; doutro modo, seria uma falsa humildade; pelo contrário, ela vos faz reconhecer que tudo o que tendes de bom vem da puríssima misericórdia de Deus, sem que vós o tenhais merecido. Aí está no que consiste a humildade de espírito.

1

23. A humildade de coração.

O.CA,221.

Não basta possuir a humildade de espírito, que nos faz conhecer a nossa miséria e indignidade. Temos de aprender do nosso divino Doutor, que é Jesus, a ser humildes, não só de espírito, mas também de coração.

A humildade de coração consiste em amar a nossa baixaza e abjecção, em gostar de ser pequenos, objectos e desprezíveis; tratar-nos em particular como tais; alegrar-nos por ser tidos e tratados como tais pelos outros; não nos desculpar ou justificar senão por grande necessidade; e nunca nos queixarmos de ninguém, lembrados de que, tendo em nós a fonte de todo o mal, somos dignos de toda a espécie de censuras e maus tratos; amar e abraçar de todo o coração os desprezos, humilhações, opróbrios, e tudo o que é capaz de nos abater...

Além disso, a humildade de coração consiste, não somente em arriar as humilhações, mas também em odiar e detestar toda a grandeza e vaidade, segundo aquele divino oráculo, saído da boca sagrada do Filho de Deus, que eu vos peço tenhais muito em conta e graveis fortemente no vosso espírito: O que é grande aos olhos dos homens é abominável aos olhos de Deus (Lc. 16, 15). Disse toda a grandeza; porque não basta desprezar as grandezas temporais e ter em horror a vaidade da estima e louvores dos homens; devemos ter em horror ainda mais a vaidade que pode resultar das coisas espirituais.

Enfim, a verdadeira humildade de coração, que Nosso Senhor Jesus Cristo

quer que aprendamos dEle, e que é a perfeita humildade cristã, consiste em ser humilde como Jesus o foi na terra; quer dizer ( ... ), em estar disposto a querer ser tratado não só como um pecador o merece,

82

mas até a suportar todas as ignomínias e humilhações devidas ao próprio pecado, uma vez que Jesus Uosso chefe, que é o santo dos santos e a própria santidade, as suportou também, e nós bem as merecemos, não sendo, de nós mesmos, mais que pecado e maldição.

24. A confiança.

O.CA,233.

A humildade é a mãe da confiança. Porque, vendo-nos destituídos de todo o bem, de toda a virtude e de toão o poder e capacidade de servir a Deus; vendo que somos um verdadeiro inferno, cheio de toda a espécie de mal e horror, - isso nos obriga a não nos apoiarmos em nós mesmos nem em nada que de nós proceda; mas a sair para fora de nós como para fora dum inferno, para nos refugiarmos em Jesus como em nosso paraíso, no qual encontraremos em muita abundância tudo o que nos falta; e para nos apoiarmos e confiarmos nEle, como nAquele que nos foi dado pelo Pai Eterno para ser a nossa redençffo, a nossa justiça, a nossa virtude, nossa santificaçlÔ, nosso tesouro, nossa força, nossa vida e nosso tudo. É a isso que Ele nos chama, quando nos convida com tanto amor e empenho a ir a Ele com confiança, dizendo: Vinde a Mim, vós todos os que trabalhais e vos sentis carregados, e Eu vos aliviarei e descarregarei do fardo das vossas misérias; e afiançando-nos que não repelirá nenhum dos que vierem a Ele (m t. 11, 28; Jo. 6, 37).

Para nos firmar melhor nesta sagrada confiança, o nosso dulcíssimo e amabilíssimo Salvador toma, em relação a nós, os nomes e qualificativos mais doces e amorosos que possa haver. Porque'Se diz, e é com efeito, nosso amigo, nosso advogado, nosso médico, nosso pastor, nosso irmão, nosso pai, nossa alma, nosso espírito e esposo das nossas almas; e chama-nos Suas ovelhas, Seus irmãos, Seus filhos, Seu quinhffo. Sua herança, Sua alma e Seu coração, e às nossas almas Suas esposas.

Assegura-nos, em diversos lugares das Sagradas Escrituras, que está num cuidado e vigiUncia contínua com respeito a nós; que nos leva e levará sempre, Ele em pessoa, ao Seu colo, no Seu Coração e nas Suas entranhas.. E noutro passo: que, mesmo que houvesse uma mae que viesse a esquecer o filho das suas

entranhas, Ele nunca nos esquecerá (1 Pet. 5, 7; Is. 46, 3 e 49, 1 s). Se O ofendemos, Ele promete-nos que, voltando-nos para Ele com humildade, arrependimento, confiança na Sua bondade e resolução de abandonar o pecado, há-de receber-nos e abraçar-nos, esquecerá todos os nossos pecados, e revestir-nos-d da veste da Sua graça e do Seu amor, de que tínhamos sido despojados por nossa falta (Lc. 15, 22; Ez. 18, 21).

Finalmente, a confiança é um dom de Deus, que acompanha sempre a humildade e o amor. Por isso, pedi-a a Deus, e Ele vo-la dará. E ponde cuidado em praticar todas as vossas acções em espirito de humildade e por puro amor de Deus; e experimentareis bem depressa a doçura e paz que acompanha a virtude da confiança.

25. Actos de amor a Jesus.

0. C. 1, 383 e segs.

S. Jogo Eudes põe constantemente em relevo o papel primordial do caridade. Aduziremos três séries de textos característicos, correspondentes a três grandes temas familiares ao nosso santo.

Entre os deveres e exercícios duma alma verdadeiramente cristff, o mais nobre, mais santo, mais elevado, e que Deus nos pede de preferênciã, é o exercício do amor divino. Por isso, deveis ter grande cuidado, em todos os vossos exercícios de piedade e em todas as vossas acções, de protestar a Nosso Senhor Jesus Cristo que quereis fazê-los, não pelo temor do inferno nem pela recompensa do céu, nem para vosso mérito, satisfação ou consolação, mas só por amor dEle, para Lhe dar prazer, só para Sua glória e por Seu puríssimo amor.

o Ai! É verdade e eu bem sei, meu Salvador, que este pobre e mesquinho coraçffo não é digno de Vos amar. Mas Vós sois digníssimo de ser amado e não criastes este pobre coraçffo senão para Vos amar; e até lhe impondes, sob pena de morte, e morte eterna, que Vos ame. Ali Deus do meu coração, tal mandamento não é necessário: porque é isso que eu quero, Senhor, é o que eu desejo, é por isso que o meu coração suspira. Sim, meu Jesus, eu desejo ardentemente amar-Vos. Sim, meu querido Jesus, eu nffo quero ter outro desejo senão este. Adeus a todo outro pensamento, a toda outra inclinação, a todo outro querer. Não suspiro senffo por uma coisa, não desejo mais nada, não quero mais nada, senffo amar Jesus.

o Oli Desejado da minha alma, atendei a minha oração, por favor. Escutai os suspiros do meu coração e tende piedade de mim. Vós bem o sabeis, Senhor, bem sabeis o que tenho a pedir-Vos. O meu coração já Vo-lo disse tantas vezes! Não peço nada senffo a perfeição do Vosso santo amor. Não desejo mais nada senffo amar-Vos e crescer sempre mais e mais neste desejo.

\$ Amor divino, sede a vida da minha vida, a alma da minha alma e o coraçffo do meu coração. Que eu nffo viva mais senão em Vós e de Vós. Que eu mais não subsista senão por Vós. Que eu nffo mais tenha qualquer pensamento, não mais

diga qualquer palavra, não mais faça qualquer

84

acção, senffo por Vós e para Vós.

o Oli beleza eterna, eterna bondade! Se eu tivesse uma eternidade de vida na terra, devia empregá-la toda no Vosso amor. Quanto mais, por conseguinte, sou obrigado a empregar nele o pouco de vida e de tempo que me resta! Ali meu Senhor, consagro-a toda ao Vosso santo amor. Fazei que eu nffo viva senão para Vos amar, e que nem mais um momento da minha vida passe sem ser empregado no Vosso divino amor. Ou morrer, ou amar. Mas, sobretudo, fazei que eu Vos ame por toda a eternidade. Aconteça o que acontecer, desde já me junto a todo o amor que Vos será consagrado em toda a eternidade.

o Ah Senhor meu Deus! Como a Vossa bondade é excessiva, como o Vosso amor é admirável para comigo! Amais-me, desejais-me, procurais-me com tanto empenho e ardor como se tivésseis necessidade de mim, como se eu fosse qualquer coisa, como se eu Vos fosse muito necessário. Desejaís a tal ponto possuir-me e receais tanto perder-me, como se, possuindo-me ou perdendo-me, possuísseis ou perdêsseis algum grande tesouro. Procurais a minha amizade com tanta insistência, como se disso dependesse a Vossa felicidade...

Por favor: eu quero que todos os meus pensamentos, palavras e acções, todo o uso dos sentidos do meu corpo e das faculdades da minha alma, todas as minhas aspirações, todas as pulsações do meu coração, todos os movimentos das minhas veias, todos os momentos da minha vida, todas as coisas que foram, sffo ou serffo em mim, inclusivamente todos os meus pecados (tanto quanto isso é possível pelo poder da Vossa sabedoria e da Vossa bondade, que sabe fazer com que tudo, até os pecados, cooperem para o bem dos que Vos amam): eu quero, repito, que tudo isto se trans

forme noutras tantas vozes, pelas quais eu Vos vá dizendo continuamente, eternamente, com todo o amor do Céu e da Terra: Amo te, amo te, etiam, Domine Jesu, amo te: "Eu Vos amo, eu Vos amo, sim, Senhor Jesus, eu Vos amo".

o Mãe de Jesus, anjos de Jesus, santos e santas de Jesus, todas as criaturas de Jesus, tende compaixão do meu sofrimento. Falai por mim ao bem-amado da minha alma, dissei-Lhe que desfaleço de amor por Ele. Dissei-Lhe que não quero nada, no tempo nem na eternidade, senffo o Seu

puro amor; nem o Céu, nem a glória do Céu, nem as grandezas do paraíso, nem as

doçuras da Sua graça; só o Seu puríssimo amor. Dizei-Lhe que eu já

não posso mais viver sem este puro amor. Dizei-Lhe que, portanto, Se dê pressa em realizar em mim os desígnios e a obra da Sua graça, e em me consumir to4o no Seu divino amor, a fim de 4quanto antes me transportar ao reino eterno do amor. Amen, veni, Domine Jesu: 'Assim seja! Vinde,

b 85

Senhor Jesus! "

o Oh Jesus, Vós sois todo amor, em todos os momentos, estados e mistérios da Vossa vida; mas, sobretudo, Vós não sois sen~o amor e doçura, no momento do Vosso nascimento e no estado da Vossa santa infância. Quanto Vos amo, pois, neste momento e neste estado! Que o Céu e a Terra Vos amem comigo, e todo o mundo se transforme em amor para com Aquele que o criou e é o seu Deus, todo transformado em doçura e amor pelo mundo.

Oh amor de Jesus, que de Jesus triunfas em todos os Seus estados e mistérios, mas principalmente no estado da Sua infância e no mistério da Sua cruz, e que, nestes dois mistérios, levas em triunfo a Sua onipotência na impotência, a Sua plenitude na pobreza, a Sua realeza na dependência, a Sua sabedoria eterna na infância, a Sua bem-aventurança e felicidade nos sofrimentos, e a Sua vida na morte: triunfa de mim, quero dizer, do meu amor próprio, da minha vontade própria e das minhas paixões, e põe-me num estado de impotência, de indigência, de dependência, de santa e divina infância, e de morte ao mundo e a mim - estado que vá adorando e glorificando a impotência, a dependência, a infância e a morte a que reduziste o meu Jesus, no mistério do Seu nascimento e da Sua paixão.

26. A submissão à vontade divina.

O.CA,245.

A contínua submissffo que devemos ter à santa vontade de Deus é a mais universal das virtudes, e cujo exercício deve ser para nós mais ordinário. Porque a toda a hora se nos apresentam ocasiões de renunciar à vontade própria para nos submetermos à de Deus.

Desde o primeiro momento da Sua vida e da Sua entrada no mundo, Jesus Cristo Nosso Senhor fez profissfo de jamais fazer a Sua vontade mas sim a do Pai, segundo testemunho autêntico de S. Paulo escrevendo aos Hebreus: Ao entrar no mundo, Jesus disse (falando com Seu Pai Eterno): Eis-Me aqui, acabo de chegar, no princípio do livro está escrito a Meu respeito que Eu faça, ó Deus, a Vossa vontade; e, segundo o que Ele próprio disse depois: Desci do Céu, ndo para fazer a Minha vontade, mas a vontade d4quele que Me enviou (H eb. 10,5; Jo. 6, 38). Por isso, nunca jamais a fez. Embora a Sua vontade fosse santa, deificada e adorável, no entando Ele pô-la de parte e como que a aniquilou, para seguir a do Pai, dizendo-Lhe incessantemente, em todas as circunstâncias, o que Lhe disse na véspera da morte no Jardim das Oliveiras: Ndo se faça a Minha vontade, mas a Vossa, ó Pai (U. 22, 42)...

Se considerarmos que Deus ordena e dispõe tudo o que acontece no mundo; que dispõe todas as coisas para a Sua glória e o nosso maior bem; e que essa disposição é muito justa e amável; - nós não atribuiremos aquilo que acontece, nem à fortuna ou ao acaso, nem à malícia do demônio ou dos homens, mas à disposição de Deus, que amaremos e abraçaremos com ternura, na certeza absoluta de que ela é muito santa e amável e tudo ordena e permite para nosso maior bem e para a maior glória do nosso Bom Deus, a qual devemos amar acima de tudo, pois não estamos no mundo senão para amar e procurar a glória de Deus...

Não somente Jesus Cristo Nosso Senhor fez todas as vontades do Pai e Se submeteu a Ele e a tudo por amor dEle, senão que pôs toda a Sua alegria e felicidade e o Seu paraíso nisso: "O Meu alimento, diz Ele, é fazer a vontade do Pai que Me enviou " (Jo. 4, 34), quer dizer: nada tenho de mais desejável nem de mais delicioso do que fazer a vontade de Meu Pai. Porque, efectivamente, em tudo quanto fazia, Jesus tinha uma alegria infinita em fazê-lo por ser essa a vontade do Pai. Punha a Sua alegria e felicidade espiritual nos sofrimentos que suportava, porque eram do agrado do Pai. Em razão disso, o Espírito Santo, falando do dia da Paixão e Morte de Jesus, chama-lhe o dia da alegria do Seu Coração (Cânt. 3, 11 ). Do mesmo modo, em tudo o que via acontecer e haver de acontecer no mundo, Ele encontrava a paz e alegria do Seu espírito, tanto mais quanto em tudo via apenas a amabilíssima vontade do Pai.

Assim, na qualidade de cristãos que devem incamar os sentimentos e disposições do seu chefe, nós devemos, não somente submeter-nos a Deus e a tudo por amor de Deus, mas ainda pôr nisso a nossa alegria, a nossa felicidade, o nosso paraíso. ... É essa a oração que todos os dias fazemos a Deus: "seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu 11.

Eu não digo que tendes uma alegria e contentamento sensível em tudo quanto fazeis e suportais, e em tudo o que acontece no mundo; isso é próprio dos Bem-aventurados; falo aqui da alegria e contentamento de espírito e vontade, que podeis ter facilmente, com a ajuda da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, pois é só dizer: "Meu Deus, eu quero, se é do Vosso agrado, e por amor de Vós, pôr todo o meu contentamento em querer, fazer ou sofrer isto ou aquilo, porque essa é a Vossa vontade e com isso ficais contente". E por este modo, vós gozareis em tudo da paz do espírito e da vontade. E mais: esta prática, muitas vezes repetida, diminuirá e destruirá o sofrimento e repugnância natural que poderíeis sentir em muitíssimas coisas, e fará com que encontreis doçura e contentamento, mesmo segundo os sentidos, lá onde antes encontráveis

amargura e sofrimento.

87

Ponhamos de parte, por momentos, o Reino de Jesus, para lermos duas belas cartas sobre o mesmo assunto.

27. A vontade divina.

O. C. X, 522.

Carta à Irmã Natividade Herson.

Ruão, 7 de Janeiro de 1660.

Minha queridíssima Irmã:

Que a divina vontade seja nosso guia em todas as coisas.

Realmente, os meus meses são um bocado compridos, às vezes, e mais do que eu penso, mas não mais do que eu quero. Porque, pela misericórdia do meu Senhor, parece-me que não quero nada, nem neste mundo nem no outro, senão uma só coisa: abandonar-me inteiramente nas doces mãos da adorabilíssima, vontade do meu Deus, para que ela me leve aonde for do Seu agrado, e faça de mim, em todo o lugar e em todo o tempo, o que Lhe for mais agradável. É por isso que não posso dizer-Lhe ainda quando voltarei a Caen; estou certo de que, com a graça de Nosso Senhor, será quando eu quiser, mas ainda não sei quando é que o quereirei, quero dizer, não sei quando é que Deus o quereirá.

A querida Irmã expõe muito bem o seu interior. A tudo isso, não tenho mais nada a dizer, senão que faça o possível por não se inquietar na sua pobreza e nas suas misérias; mas por ficar em paz, na humildade, na paciência, na submissão e abandono à divina vontade, na confiança e obediência à sua Superiora, na fidelidade à observância das suas Regras.

28. A vontade divina.

O. C. X, 537.

Carta à Irmã Maria da Assunção Eustáquio de Taillefer.

(Paris, Setembro/Outubro 16609)

L. M. i.

Mil agradecimentos, queridíssima Filha, e também a todas as nossas

caríssimas Irmãs, pelas vossas caridosas lembranças e pelas vossas sinceras cordialidades. Podem estar certas de que não as esqueço diante de Deus, e todos os dias as levo, a todas e a cada uma em particular, ao santo altar.

Se eu seguisse as minhas inclinações, afianço-lhes que preferia estar em Caen, para as entreter de quando em quando sobre as bondades incomparáveis do nosso boníssimo e adorabilíssimo Salvador, do que estar aqui a correr as ruas de Paris. Mas Deus nos livre de fazer jamais a nossa vontade, e nos faça a graça de reconhecer inteiramente que não temos neste

88

mundo outro negócio senão o de fazer em tudo a Sua, Corde magno et animo volenti! E que alegria, sabermos que é esse o nosso único negócio, e que todos os poderes da terra e do inferno, não só não poderão (se nós quisermos, com a graça de Deus) impedir-nos um só momento de tratar deste único negócio, mas até, quanto mais se esforçarem por no-lo impedir, mais nos ajudarão a realizá-lo.

29. Caridade fraterna.

O.CA,257.

O amor de Deus e do próximo são inseparáveis. Não são dois amores, é um só e único amor. E nós devemos amar o nosso próximo com o mesmo coração e com o mesmo amor com que unamos a Deus, porque o devemos amar, não em si nem por si, mas em Deus e por Deus; ou, para melhor dizer, é o próprio Deus que devemos amar no próximo.

É assim que Jesus nos ama. Ama-nos em Seu Pai e para Seu Pai; ou antes: ama o Pai em nós, e quer que nós nos amemos uns aos outros como Ele nos ama. Este é, diz Ele, o Meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei (Jo. 15,12).

É nisto que consiste a caridade cristã: em amar-nos uns aos outros como Jesus Cristo nos ama. Ora, Ele ama-nos tanto que nos dá todos os Seus bens, todos os Seus tesouros, a Si mesmo; emprega todos os Seus poderes, todos os recursos da Sua sabedoria e bondade, para nos fazer bem. A Sua caridade para conosco é tão excessiva, que Ele sofre durante muito tempo e com grande doçura e paciência os nossos defeitos; e é o primeiro a nos procurar, quando O ofendemos...

Para vos mover e animar mais a isso, vede o vosso próximo em Deus, e

Deus no vosso próximo. Quer dizer, olhai-o como coisa saída do Coração e da bondade de Deus, como uma participago de Deus, criada para voltar para Deus, para ser um dia alojada no seio de Deus, para glorificar a Deus eternamente e na qual Deus será com efeito eternamente glorificado, seja por misericórdia, seja por justiça. Vede-o como uma coisa que Deus ama, qualquer que seja o seu estado; porque Deus ama tudo quanto criou, mesmo os demónios, enquanto criaturas Suas, e não odeia nada daquilo que fez. Vede-o como aquele que saiu do mesmo princípio que vós, que é. filho do mesmo Pai, que foi criado para o mesmo fim, que pertence ao mesmo Senhor, que foi resgatado com o mesmo preço, isto é, com o precioso Sangue de Jesus Cristo; que é membro da mesma Cabeça, isto é, Jesus, e do mesmo corpo, isto- é, a Igreja de Jesus; que é alimentado com o meuno alimento, isto é, a preciosa Carne e o precioso Sangue de Jesus; e com quem, por conseguinte, vós nKo deveis ter senfo um espírito, uma

alma, um coração...

Oli se pensássemos bem na importância destas verdades, que caridade, que respeito, que honra teríamos uns para com os outros! Que receio teríamos de ofender a união e caridade cristã, por pensamentos, palavras ou acções! O que não faríamos, o que não seríamos capazes de sofrer uns pelos outros! Com que caridade e paciência suportaríamos e desculparíamos os defeitos de outrem! Com que doçura, modéstia e moderação conversaríamos uns com os outros! Que cuidado poríamos em contentar a cada um, em comprazer a todos no bem, para edificaffio de todos (R o m. 15, 2) ...

Nos serviços que prestais aos outros e em tudo quanto fazeis a favor do próximo, seja por obrigago, seja por caridade, elevai o vosso coraçffo para Jesus e dizei-Lhe assim:

"Oh Jesus, eu quero fazer isto, se é do Vosso agrado, em honra e uniffio da caridade que Vós tendes para com esta pessoa, e por amor de Vós mesmo, que eu desejo ver e servir nesta mesma pessoa ".

Quando, por necessidade, daís algum repouso, alimento ou recreio ao vosso corpo, fazei-o com a mesma intençffo, olhando a vossa saúde, a vossa vida e o vosso corpo, não como coisa vossa, mas como um dos membros de Jesus, segundo a palavra sagrada, e como coisa que pertence a Jesus, segundo o divino oráculo: Corpus autem Domino, do qual, por consequência, deveís ter cuidado, não para vós, mas para Jesus, tanto quanto necessário para o Seu serviço... Quando saudais ou homenageais alguém, fazei-o como a um templo e imagem de Deus, e como a um membro de Jesus Cristo.

Quando sentis alguma repugnância ou aversSo, ou sentimento de inveja a respeito de outrem, tende cuidado desde o princípio em pôr de parte esses sentimentos mui deveras, em aniquilá-los aos pés de Nosso Senhor, em pedir-Lhe que Ele próprio os destrua e vos encha da Sua infinita caridade... Esforçai-vos também por falar com essa pessoa e praticar para com ela acções exteriores de caridade, e não cesseis de assim proceder até que tenhais inteiramente apagado em vós esse sentimento de aversffo e repugnância.

30. Uma ~rase de S. Paulo (1 Cor. 13, 4).

O.C.IX,218.

É a conclusão dum capítulo das Constitui~ eudistas.

"A caridade é paciente, e não há sofrimentos ou contrariedades capazes de a fazerem murmurar. É cheia de doçura, e soa qual for a injúria que se lhe faça, ela não concebe jamais o propósito da vingança. A caridade

90

tem inveja a ninguém. Não é maliciosa, nem precipitada, nem insolente em seus actos. Não consente na vaidade. Não se deixa cegar pela ambição. Não se move principalmente pelos seus interesses; mas é mais sensível aos do próximo. Nada a azeda, nada a encoleriza. Não pensa em fazer mal. Quando alguém cai em falta, ri-se alegre com isso; pelo contrário, sente-se muito feliz com as boas acções que vê fazer. Suporta todos os fardos que lhe impõem, sem ceder ao seu peso. Acredita no que lhe dizem, não por fraqueza de espírito, mas por uma santa simplicidade. Se o próximo se não corrige, espera de boamente que o fará, e entretanto tudo lhe

11

suporta .

## V. - CONTINUAR A ORAÇÃO DE JESUS CRISTO.

As virtudes dum cristão são as virtudes de Jesus Cristo. Do mesmo modo, a oração dum cristão é a oração de Jesus Cristo.

### 31. A oração.

O.C.I,191.

O santo exercício da oração deve ser posto no lugar dos principais fundamentos da vida e santidade cristã. Porque toda a vida de Jesus Cristo não foi senão uma perpétua oração. E nós devemos continuá-la e exprimi-la em nossa vida, como coisa que é tão importante e tão absolutamente necessária. A terra que nos suporta, o ar que respiramos, o pão que nos sustenta, o coração que nos bate no peito, não são necessários ao homem para viver humanamente, como a oração é necessária a um cristão para viver cristãmente.

### 32. A oração mental.

O.C.I,194.

Há muitas maneiras de oração. Apontarei aqui as cinco principais.

A primeira é a que se chama oração mental ou interior, na qual a alma se entretém intimamente com Deus, tomando por assunto do seu entretenimento alguma das divinas perfeições, ou algum mistério, virtude ou palavra do Filho de Deus, ou o que Ele fez ou, faz ainda agora, na ordem da glória, da graça ou da natureza, em Sua santa Mãe, nos Seus santos, na Sua Igreja ou no mundo natural. E empregando primeiramente o entendimento em considerar, com doce e forte atenção e aplicação de espírito, as verdades que se encontram nesse assunto capazes de excitar ao amor

de Deus e a detestar os pecados, passa em seguida a aplicar o coração e a vontade em produzir muitos actos de affecto e adoração, louvor e amor, humildade e contrição, entrega e resolução de fugir do mal e partilhar o bem, e outros parecidos, segundo o Espírito de Deus lhe sugerir.

Esta maneira de oração é tão santa, tão útil e cheia de bênçãos, que não se pode explicar por palavras. Por isso, se Deus a ela vos chama e nela vos faz graça, deveis agradecer-Lhe muito, como um grande dom que Ele vos oferece. E se ainda vos não concedeu essa graça, pedi-Lhe que vo-la conceda, e da vossa parte fazei tudo o que puderdes para corresponder a tal graça e vos exereitardes nesta santa prática, a qual Deus vos ensinará melhor do que todos os livros e todos os doutores do mundo, se vos puserdes a Seus pés com humildade, confiança e pureza de coração, consoante agora direi.

### 33. A oração vocal.

O.C.1.195.

A segunda maneira de oração é a que se chama vocal, que se faz falando a Deus de boca, como recitando o Ofício Divino, o Terço, ou qualquer outra oração vocal. Esta é nada menos útil que a precedente, desde que a língua esteja unida ao coração, quer dizer, desde que, falando a Deus com a língua, Lhe faleis também com o coração e aplicação do espírito. Porque, deste modo, a vossa oração será vocal e mental ao mesmo tempo; ao passo que, se vos habituais a muitas orações vocais rotineiramente e sem atenção, saireis da presença de Deus mais dissipado, mais frio e mais frouxo no Seu amor do que antes. Por isso, exceptuando as orações de obrigação, aconselho-vos a antes fazer poucas, mas acostumar-vos santamente a fazê-las bem feitas, com muita atenção e aplicação a Deus, ocupando o vosso espírito e o vosso coração nalguns santos pensamentos e affectos, enquanto a vossa língua fala; lembrando-vos de que deveis continuar a oração de Jesus Cristo quando vivia na terra; entregando-vos a Ele para este efeito; unindo-vos ao amor, à humildade, pureza e santidade, e à atenção perfeitíssima com que Ele orava; e suplicando-Lhe que imprima em vós as disposições e intenções santas e divinas com que Ele fazia oração.

### 34. Praticar todas as acções em espírito de oração.

O.C.1,196.

A terceira maneira de oração é fazer cristã e santamente todas as acções, mesmo as mais pequenas, oferecendo-as a Nosso Senhor no princípio

pio, e elevando para Ele o coração de tempos a tempos, durante elas.

### 35. A leitura espiritual.

O.C.1,196.

A quarta maneira de fazer oração é pela leitura de bons livros - lendo, não à pressa e com precipitação, mas devagar e com aplicação de espírito ao que se lê, parando a considerar, ruminar, pesar e saborear as verdades que mais impressionam, para as imprimir no espírito e tirar delas diversos actos e afectos, conforme ao que se disse da oração mental. Este exercício é de grandíssima importância, e opera na alma os mesmos efeitos da oração mental...

Porém, tende cuidado, no princípio da leitura, em fazer entrega do espírito e do coração a Nosso Senhor, e pedir-Lhe vos dê a graça de tirar dali o fruto que Ele de vós exige, operando por ela, na vossa alma, o que for do Seu desejo para Sua glória.

### 36. Falar de Deus.

O.CA,198.

E esta é a "quinta maneira de oração "

Há também uma coisa muito útil, muito santa e que costuma inflamar muito os corações no amor de Deus; é falar e conferenciar algumas vezes familiarmente uns com os outros de Deus e das coisas divinas. Era nisto que os cristãos deviam passar uma parte do seu tempo, deviam ser estes os seus discursos e conversas ordinárias; disto deviam fazer a sua recreação e passatempo.

É ao que o Apóstolo nos exorta quando diz: Se alguém fala, que as suas palavras sejam como as palavras de Deus (1 Pet. 4, 11).

### 37. Começar as nossas acções com Jesus.

O.C.1,97.

Jesus, Filho único de Deus e Filho único de Maria, é, para empregar a

linguagem do Apóstolo, o autor e consumador da fé e da piedade cristã ; e, para empregar as Suas próprias palavras, é o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim de todas as coisas (Heb. 12, 2; Apoc. 22, 13). É, pois, justíssimo que Ele seja o princípio e o fim de toda a nossa vida, de todos os nossos anos, meses, semanas e dias, de todos os nossos exercícios. Por isso, assim como deveríamos ter-Lhe consagrado o princí

pio da nossa vida, se entffo tivéssemos o uso da razão; e assim como desejamos terminá-la na Sua graça e no exercício do Seu amor; - do mesmo modo, se desejamos obter da Sua bondade, esse favor, devemos ter o cuidado de Lhe consagrar, por algum exercício de piedade e de amor, o princípio e o fim de cada ano, mês e semana, e especialmente de cada dia. Porque é de grande importância começar bem e bem acabar cada dia - - mas particularmente começá-lo bem, enchendo desde pela manhff o nosso espírito de qualquer bom pensamento, e oferecendo a Nosso Senhor as nossas primeiras acções; porque daí depende a benção para todo o resto do dia.

Por isso, logo ao despertar pela manhff, levantai os olhos ao Céu e o coração a Jesus, para Lhe consagrar por esse modo o primeiro uso dos vossos sentidos e os primeiros sentimentos e affectos do vosso espírito e do vosso coração.

38. Na vida do dia-a-dia.

O.CA,442.

É muito importante - e nunca o direi demais - que n~o só os religiosos e religiosas, mas também todos os cristãos, qualquer que seja o seu estado ou condiçãb, que toda a gente saiba que, na qualidade de cristffos e membros de Jesus Cristo, estfo obrigados a viver da vida do seu chefe, quer dizer, duma grande vida, toda santa, e a fazer cristãmente todas as suas acções, grandes ou pequenas. Que significa 'DistôMente"? Significa santamente, divinamente, como Jesus fez as Suas. Isto é, em Jesus Cristo e para Jesus Cristo.

Para Ele, tanto mais que elas Lhe pertencem, pois tudo o que há nos membros pertence à cabeça. NEle, isto é, no Seu espírito, segundo as Suas disposições e intenções, porque os membros devem seguir e imitar a cabeça, e não devem ser animados doutro espírito que nffo seja o Seu, nem ter outras disposições e intenções senão as Suas.

Isto é de grande consequência. Tanto mais que a maior parte da nossa vida é ocupada por uma série de pequenas acções, como beber, comer, dormir, ler, escrever, conversar, etc., com as quais, se tivermos o cuidado de as fazer bem feitas, daremos muita glória a Deus e adiantaremos muito nos caminhos do Seu amor. E a nossa negligência é causa de que Ele seja privado da glória que Lhe devemos e nós percamos as graças que de outro modo nos daria. '

Por isso nos exorta S. Paulo a que, quer comamos, quer bebamos, quer façamos qualquer outra acçffo, por pequena ou indiferente que seja, tudo

façamos para a glória de Deus e em nome de Nosso Senhor Jesus

94

Cristo. O que quer dizer fazer tudo em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo? Quer dizer fazê-lo segundo o espírito de Jesus Cristo, ou, por outras palavras, segundo as disposições e intenções com que Jesus Cristo fazia o que nós fazemos, enquanto vivia na terra, e com que o faria ainda se estivesse em nosso lugar...

Tende, pois, o cuidado, no princípio das vossas acções, ao menos das principais, de elevar o vosso coração para Jesus e de Lhe protestar: 1) que renunciáis a vós mesmos, ao vosso amor próprio e ao vosso espírito, quer dizer, a todas as vossas disposições e intenções próprias; 2) que vos entregais a Ele, ao Seu santo Amor e ao Seu divino Espírito, e que desejais praticar as vossas acções segundo as disposições e intenções com que Ele praticou as Suas...

39. Por exemplo: os tempos livres...

O.C.1,447.

"Oh Jesus, ofereço- Vos esta recreação, em honra e união com as santas recreações e divinos prazeres que tivestes durante a Vossa vida mortal, com o Vosso Pai Eterno, com o Vosso Espírito Santo, com Vossa santa Mãe, com os Vossos anjos e santos. Porque Vós próprio, falando de Vós, dizeis: "Eu Me alegrava todos os dias, entretendo-Me diante dEle todo o tempo, entretendo-Me no orbe da Terra, e encontrando as Minhas delícias em estar com os filhos dos homens" (Prov. 8, 30). E o Vosso santo Evangelho conta-nos que Vos alegrastes no Espírito Santo e mandastes aos Apóstolos que descansassem após o trabalho "

40. ... ou as deslocações.

"Oh Jesus, que todas as minhas viagens, as minhas idas e vindas, saídas e entradas, todos os meus passos dêem glória às diversas viagens, idas e vindas, saídas e entradas, e todos os passos que destes na terra.

Oh Jesus, que todo o uso que eu faça dos meus olhos, da minha boca, das minhas mãos, dos meus pés, de todos os meus sentidos interiores e exteriores, seja uma homenagem ao divino uso que Vós fizestes dos Vossos divinos olhos, da Vossa boca sagrada, das Vossas benditas mãos, dos Vossos santos pés, e de todos os Vossos sentidos interiores e exteriores... "

Propus-vos estas pequenas práticas, para vos apontar a dedo o caminho que devemos seguir para caminhar sempre na presença de Deus e viver segundo o espírito de Jesus. Este mesmo Espírito vos ensinará muitas outras, se tiverdes o cuidado de vos entregar a Ele no princípio das vossas

acções. Efectivamente, peço-vos que noteis bem que a prática das práticas, o segredo dos segredos, a devoção das devoções, consiste em não ter apego a nenhuma prática ou exercício particular de devoção; mas em pôr grande cuidado, em todos os vossos exercícios e acções, em vos entregar ao Espírito de Jesus, e fazê-lo com humildade, confiança e desprendimento, para que, encontrando-vos desapegado do vosso próprio espírito, das vossas próprias devoções e disposições, Ele tenha pleno poder e liberdade de agir em vós segundo os Seus desejos, de vos dar as disposições e sentimentos de devoção que quiser, e de vos conduzir pelos caminhos que for do Seu agrado.

4 1. Maria na oração cristã.

O.C.1,337.

No Reino de Jesus não há qualquer secção reservada a Maria; mas dela se trate com frequência.

A devoção à Santíssima Virgem Mãe de Deus é tanto agradável a Seu Filho e tão recomendável, tão cara e familiar a todos os verdadeiros cristãos, que não é necessário recomendá-la aos que desejam viver cristãmente, como são aqueles a quem destino este livro.

Simplesmente, eu queria dizer-vos que não devemos separar o que Deus uniu tão perfeitamente. Jesus e Maria estão tanto estreitamente unidos, que quem vê Jesus vê Maria, quem ama Jesus ama Maria, quem tem devoção a Jesus tem devoção a Maria...

Uma vez que devemos continuar as virtudes e ter em nós os sentimentos de Jesus, devemos também continuar e ter em nós os sentimentos de amor, piedade e devoção que o mesmo Jesus teve para com Sua-Bem-aventurada Mãe...

Para honrá-la como Deus no-lo pede e como ela deseja, temos três coisas a fazer:

1. Temos de ver e adorar nela o seu Filho, e não ver nem adorar nela senão o seu Filho. Porque é assim que ela quer ser honrada, já que, de per si, ela nada é; seu Filho é que é tudo nela: o seu ser, a sua vida, a sua santidade, a sua glória, o seu poder e grandeza...

2. Devemos reconhecê-la e honrá-la como a Mãe do nosso Deus, e logo como nossa Mãe e Rainha; agradecer-lhe todo o amor, glória e serviços que

prestou a seu Filho Jesus Cristo Nosso Senhor; a ela, depois de Deus, referir o nosso ser e a nossa vida; pôr-nos na sua dependência, e pedir-lhe que tome a direcção de tudo o que nos diz respeito... Que ela disponha de nós como lhe agrada, para a glória de seu Filho; que ela se digne servir-se de todas as nossas acções para honrar as de seu Filho; e que ela nos associe

96

a todo o amor e a todos os louvores que Lhe deu e Lhe dará por toda a eternidade...

3. Podemos e devemos honrar esta Virgem digna de toda a veneração pelo pensamento e reflexão do espírito, considerando a santidade da sua vida e a perfeição das suas virtudes; por palavras, alegrando-nos com falar e ouvir falar das suas excelências; por actos, oferecendo-lhe as nossas acções em honra e união com as suas; pela imitação, esforçando-nos por imitá-la em suas virtudes, especialmente na sua humildade, na sua caridade, no seu amor puro, no seu desapego de tudo e na sua pureza divinal - cujo pensamento deve criar em nós um poderoso desejo de evitar, temer e detestar mais que a morte as mínimas coisas contrárias à pureza, em pensamentos, palavras e obras.

42. Uma oração-tipo. O. C. 111, 296.

Tal como aquele que já citamos (n. 20), este texto do Manual foi composto para as orações "antes do meio-dia".

Adoremos Jesus no imenso amor que sempre teve e eternamente terá para com Sua Mãe amabilíssima. Agradeçamos-Lhe todas as provas de amor que lhe deu, e o ter-no-la dado por Mãe. Peçamos-Lhe perdão de todas as nossas ingratidões para com Ele e para com Ela. Entreguemo-nos a Ele, para entrarmos no Seu amor para com tal Mãe, e no zelo que teve da sua honra; e peçamos-Lhe que nos tome participantes desses sentimentos. Ofereçamo-nos a esta Mãe de amor, protestando-lhe que a queremos servir, amar e honrar por todos os modos que nos for possível, mediante a graça de seu Filho.



## VI. - CONTINUAR O SACRIFICIO DE JESUS CRISTO.

### 43. Jesus sumo sacerdote. O. C. 111, 293.

Esta meditação do Manual para as preces "antes do meio-dia" situo-nos no coração do sacerdócio e do sacrifício de Jesus Cristo: o Amor.

Adoremos Jesus na Sua Cruz, como sumo Sacerdote que a Si mesmo Se imola, e como Hóstia santa que é imolada para a glória do Seu Pai e para a nossa salvação. Agradeçamos-Lhe, por um lado, o ter-Se assim sacrificado a Si mesmo, e, por outro, e ter-nos comunicado aquelas duas qualidades de Sacerdote e Hóstia. Peçamos-Lhe perdão de todas as faltas que tenhamos cometido nas funções sacerdotais. Entreguemo-nos a Ele, e supliquemos-Lhe que nos dê o espírito do Seu divino sacerdócio; que nos tome dignos de ser outras tantas vítimas sacrificadas com Ele; que nos arraste consigo no Seu sacrifício; que nos imole consigo à glória do Pai e nos consuma nas charnas sagradas do Seu santo amor.

### 44. Participação dos leigos na Missa.

O.CA,459.

O texto precedente dirigia-se a padres. O seguinte repete as mesmas ideias aos leigos, e eles participam também, ~ Baptismo, no Sacerdócio de Cristo.

Eis o que deve fazer-se para assistir dignamente ao santo sacrifício da Missa:

1. Logo que saís da vossa casa para ir à Missa, deveis entrar neste pensamento: que ides, não só assistir ou ver, mas praticar uma acção que é a mais santa e divina ( ... ) que se realize no Céu ou na Terra; e que, por conseguinte, deve ser realizada santamente e divinamente, quer dizer, com disposições todas santas e divinas e com grandíssimo cuidado e aplicação de espírito e coração, como o negócio de maior alcance que haja no mundo. Disse "que ides praticar". Efectivamente, não sendo todos os cristãos senão um em Jesus Cristo, que é o sumo Sacerdote, e, por conse

98

quência, sendo participantes do Seu divino Sacerdócio (motivo pelo qual são chamados sacerdotes na Bíblia), têm o direito, não só de assistir ao santo sacrifício da Missa, mas também de fazer com o sacerdote o que ele faz, isto é,

de oferecer com ele e com o próprio Jesus Cristo o sacrifício que sobre o altar é oferecido a Deus.

2. Ao entrar na igreja, deveis humilhar-vos profundamente no vosso coração, julgando-vos muito indignos de entrar na casa de Deus, de aparecer ante a Sua face e de tomar parte em tffo grande mistério, que encerra em si todos os mistérios e todas as maravilhas do Céu e da Terra...

3. Depois de ter adorado Nosso Senhor Jesus Cristo, que está presente no altar para receber de nós as homenagens e adorações a que tem di~élto; e depois de Lhe ter pedido que, assim como muda a natureza vil e terrestre do pffo e do vinho em Seu Corpo e Sangue, assim mude e transforme a lentidão, frieza e secura do nosso coraç~1o terrestre e4rido no ardor, ternura e agilidade dos affectos e disposições santas e divinas do Seu Coração divino e celeste; deveis lembrar-vos de que, nffo sendo senffo um com Jesus Cristo como os membros com a cabeça, e estando Jesus neste sacrifício na qualidade de sacerdote e juntamente de vítima, de modo semelhante todos os que a ele assistem devem fazê-lo na qualidade de sacerdotes ou sacrificadores, para oferecerem com Jesus sumo Sacerdote o mesmo sacrifício que Ele oferece; assim como, também, na qualidade de hóstias e de vítimas, que sJo uma só hóstia tal como sffo um só sacerdote com Jesus Cristo, devem ser imolados e sacrificados com o mesmo Jesus Cristo à glória de Deus...

E porque é necessário que a hóstia que há-de ser sacrificada seja imolada e em seguida consumida no fogo, pedi-Lhe que vos faça morrer a vós mesmo, isto é, às vossas paixões, ao vosso amor próprio e a tudo o que Lhe desagrade, que vos consuma no fogo sagrado do Seu divino amor, e faça com que desde agora toda a vossa vida seja um perpétuo sacrifício de louvor, glória e amor para com o Pai e para com Ele...

4. Finalmente, depois de ter agradecido a Nosso Senhor as graças que vos concedeu na santa Missa, parti com a firme resoluçEo de empregar bem o dia no Seu serviço, e com este pensamento: que deveis de futuro ser uma hóstia juntamente morta e viva - morta para tudo o que nffo é Deus, viva em Deus e para Deus, totalmente consagrada e sacrificada à pura glória e puríssimo amor de Deus.

#### 45. O martírio. O.CA,284.

A segunda parte do Reino de Jesus termina por reflexões acerca do martírio, "perfeição da vida cristã".

O cúmulo, perfeição e consumação da vida cristã é o santo martírio. A graça do martírio é o maior milagre que Deus realiza no meio dos cristãos. E é quanto há de maior e mais maravilhoso que os cristãos possam fazer por Deus: sofrer o martírio por Ele. É o favor mais assinalado que Jesus faz àqueles a quem dedica um amor especial: assemelhá-los a Si na vida e na morte, torná-los dignos de morrer por Ele, como Ele morreu pelo Pai e por eles. É nos santos mártires que Jesus faz aparecer mais o poder maravilhoso do Seu divino amor; e, entre todos os santos, os Mártires são os mais admiráveis diante de Deus...

Oli. excesso do amor e da bondade de Jesus com relação aos santos Mártires!... Oli como são bem-aventurados os que levam em si a imagem perfeita da Vossa santíssima vida e da Vossa amorosíssima morte!...

Para empregar a linguagem do Espírito Santo, no martírio está o fim de toda a conspurcação e perfeição, o ponto final e perfeito de toda a santidade; pois o homem não pode fazer nada de maior pelo Seu Deus, do que sacrificar-lhe o que tem de mais caro, a saber, o seu sangue e a sua vida, morrendo por Ele (Jo. 15, 13), que é em que consiste o verdadeiro e perfeito martírio...

Todos os cristãos, qualquer que seja seu estado ou condição, devem estar sempre preparados para sofrer o martírio por Jesus Cristo Nosso Senhor; e estão obrigados a viver na disposição e no espírito do martírio...

No Baptismo, fizemos profissão de aderir a Jesus Cristo, de O seguir e imitar, e por conseguinte de ser hóstias e vítimas consagradas e sacrificadas à Sua glória. Isso obriga-nos a segui-Lo na Sua morte, do mesmo modo que na Sua vida, e a estar sempre dispostos a sacrificar-Lhe a nossa vida e tudo o que é nosso, segundo as santas palavras: Somos entregues à morte todos os dias por amor de Vós, tidos como ovelhas de morte, que se levam ao matadouro (Si. 43, 22).

#### 46. O espírito do martírio.

O.C.1,296.

Qual é o espírito do martírio? É um espírito que tem cinco qualidades excelentes:

100

1. É um espírito de fortaleza e constância, que não pode ser abalado nem vencido por promessas nem ameaças, pela brandura nem pelo rigor, e que não teme senão Deus e o pecado.

2. É um espírito de humildade muito profunda, que tem horror à vaidade e glória do mundo e ama os desprezos e humilhações.

3. É um espírito de desconfiança de si mesmo e de confiança muito firme em Jesus Nosso Senhor, como nAquele que é a nossa força e em virtude do qual tudo podemos.

4. É um espírito de desprendimento muito perfeito do mundo e de todas as coisas do mundo. Porque os que hao-dé sacrificar a Deus a sua vida, devem também sacrificar-Lhe todas as outras coisas.

5. É um espírito de amor muito ardente a Nosso Senhor Jesus Cristo, que leva os que dele estão animados a tudo fazer e sofrer por amor dAquele que tudo fez e sofreu por eles.

47. O voto do martírio. O. C. XII, 136.

No mesmo ano em que apareciam no Reino de Jesus as páginas que acabamos de transcrever, Joio Eudes realizou, particularmente, um acto, que mostra melhor que tudo a importância que ele ligava ao martírio como perfeição do Baptismo e da Eucaristia; ele oferecia-se, por voto, para sofrer o martírio, ou, pelo menos, para viver "no espírito do martírio".

VOTO

ou Elevação a Jesus, para se Lhe oferecer em qualidade de hóstia e de vítima que deve ser sacrificada à Sua glória e Seu puro amor. (1637)

JESUS MARIA

Meu amabilíssimo Jesus, eu Vos adoro e glorifico infinitas vezes, no martírio cruento que sofrestes na Vossa Paixão e Cruz.

Eu Vos adoro e bendigo quanto posso, no estado de hóstia e de vítima em que Vos encontrais no Santíssimo Sacramento do altar, onde estais continuamente sacrificado à glória do Pai, por amor de nós.

Eu Vos honro e reverencio no martírio dolorosíssimo que Vossa santa Mãe suportou ao pé da Vossa Cruz.

Eu Vos louvo e exalto nos diversos martírios dos Vossos Santos, que sofreram por amor de Vós tffo atrozes suplícios.

Adoro e bendigo todos os pensamentos, desígnios e amor infinito que tivestes desde toda a eternidade, em relação a todos os bem-aventura

dos Mártires que houve desde o princípio e haverá até ao fim do mundo na Vossa Santa Igreja.

Adoro e reverencelo, de todos os modos que me é possível, o desejo extremo e a sede ardentíssima que tivestes, de sofrer e morrer até ao fim do mundo em Vossos membros, para completar o nústério da Vossa santa PaixSÓ, e de glorificar Vosso Pai pelo caminho dos sofrimentos e da morte, até ao fim do mundo.

Em honra e homenagem a tudo isto, e em uniffo com o grande amor com que Vos oferecestes ao Pai, desde o momento da Vossa Incamação, na qualidade de hóstia e de vítima, para ser imolado à Sua glória e por amor de nós, pelo dolorosíssimo martírio da Cruz; e ainda em união com todo o amor de Vossa Mãe sagrada e de todos os Vossos santos Mártires: - eu me ofereço e dou, me dedico e consagro a Vós, Jesus, meu Senhor, em estado de hóstia e de vítima, para sofrer no meu corpo e na minha alma, segundo o Vosso agrado e mediante a Vossa santa graça, toda a espécie de fadigas e tormentos, e mesmo para derramar o meu sangue e sacrificar-Vos a minha vida pelo gênero de morte que Vos aprouver; e isto para Vossa glória e pelo Vosso puro amor...

Oh Bom Jesus, recebei e aceitai este meu voto, este sacrifício que Vos faço do meu ser e da minha vida, em homenagem e pelos méritos do diviníssimo sacrifício que Vós fizestes de Vós mesmo ao Pai sobre a cruz. Olhai-me, desde agora, como uma hóstia e uma vítima destinada a ser totalmente imolada à glória do Vosso Santo Nome. Fazei, pela Vossa grande misericórdia, que toda a minha vida seja um perpétuo sacrifício de amor e louvor a Vós. Que a minha vida vá imitando e honrando a Vossa santa vida e a de Vossa Bem-aventurada Mffe e dos Vossos santos Mártires; que nffo passe um só dia sem que eu sofra qualquer coisa pelo Vosso amor; e que, finalmente, eu morra numa morte conforme à Vossa santa morte...

Mãe de Jesus, Rainha de todos os Mártires; santos Mártires de Jesus; peço-vos rogueis a Jesus que, por Sua infinita bondade, realize em mim tudo isto, unicamente para Sua glória e pelo Seu puríssimo amor. Oferecei-Lhe este meu voto, e pedi-Lhe que o ratifique e realize, pela virtude do Seu precioso Sangue, tal como o vou assinar com o meu próprio sangue, em testemunho do desejo que tenho de o derramar até à última gota por Seu amor.

Feito em Caen, no Oratório de Jesus, dia 25 de Março de 1637.

JOÃO EUDES.

## 48. Maria, tipo perfeito da vida cristã. O.C.1,432.

Jesus vivendo em Maria: toda a vida cristã é imagem desta perfeita realização.

1. Jesus, Filho único de Deus, Filho único de Maria, eu Vos contemplo e adoro vivendo e reinando em Vossa Mãe Santíssima, como sendo tudo e tudo operando nela. Se, conforme a palavra do Apóstolo, Vós sois tudo e fazeis tudo em todas as coisas (1 Cor. 12, 6; Ef. 1, 23), com certeza sois tudo e tudo fazeis em Vossa santa Mãe. Sois a sua vida, a sua alma, o seu coração, o seu espírito, o seu tesouro. Estais nela, santificando-a na terra e glorificando-a no Céu. Estais nela, nela realizando as coisas mais sublimes e dando a Vós próprio, nela e por ela, uma glória maior que em todas as outras criaturas do Céu e da Terra. Estais nela, revestindo-a das Vossas qualidades e perfeições, das Vossas inclinações e disposições, imprimindo nela uma imagem muito perfeita de Vós mesmo, de todos os Vossos estados, mistérios e virtudes, e tornando-a de tal modo semelhante a Vós, que quem vê Jesus vê Maria, e quem vê Maria vê Jesus. Bendito sejas, Jesus, por tudo o que sois e por tudo o que realizais em Vossa Mãe Santíssima!...

2. Mãe de Jesus, eu vos honro e admiro na vida santíssima e admirável que tendes, em Jesus Vosso Filho. Vida ornada de toda a espécie de virtudes e perfeições; vida, da qual um momento é mais caro a Deus que todas as vidas dos anjos e dos homens. Vida que dá mais honra e amor a Deus que todas as outras vidas juntas, da Terra e do Céu. Vida que não é outra senão a de Jesus Vosso Filho, que Ele vos vai comunicando de modo singularíssimo e inefável. Bendita sejas, Virgem santa, por toda a honra que destes a Vosso Filho bem-amado, em toda a vossa vida. Eu ofereço-vos toda a minha vida, ó Mãe da Vida e da Graça, e toda a consagro à honra da vossa; e suplico de todo o coração ao vosso Filho Jesus, Deus da Vida e do Amor, que por Sua grande bondade faça de modo que toda a minha vida renda homenagem contínua e eterna à Sua santíssima vida e à vossa.



## VI.1. - SANTIDADE DO SACERDÓCIO CRISTÃO.

Os textos dos n.os 49 a 59 são tirados das obras seguintes: O bom confessor;

O pregador apostólico;

Manual... para uso dum comunidade eclesialstica; Memorial da vida eclesialstica.

49 Sacerdócio e mistério da Santíssima Trindade. O. C. 111, 442.

S. João Eudes pede aos seus discipulos que, no dia 21 de Novembro, festa da Apresentação de Maria, renovem a sua própria "apresentação", quer dizer, a sua "Profissão eclesialstica". Eis uma parte do texto que se lê nessa circunstância.

Santíssima e adorabilíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo: prostrado aos Vossos pés com toda a humildade e devoção do Céu e da Terra, adoro-Vos em tudo o que sois, em Vós e em todas as Vossas obras, especialmente na Vossa Igreja e no divino sacerdócio que nela estabelecestes para Vossa glória e nossa salvação.

Vós sois, ó meu Deus, o princípio e fonte de toda a dignidade, poder e santidade do sacerdócio cristão; porque de Vós procede toda a espécie de bem. Vós sois o fim de todas as suas funções; pois elas não têm outra finalidade senão a honra devida à Vossa divina Majestade.

Vós sois a consagração, a bênção e santificação de todos os sacerdotes e levitas da Vossa Igreja. É pela eleição e vocação especial da Vossa adorável vontade, que eles são escolhidos e chamados a tão alta dignidade. É por uma comunicação da Vossa adorável paternidade, Pai Santo, que eles são feitos pais dos filhos da luz; é por uma participação do Vosso divino sacerdócio, Jesus, Filho único de Deus, que eles são os sacrificadores do Altíssimo; é por uma efusão especial da Vossa infinita santidade, Espírito divino, que eles são os santificadores das almas. É neles e por eles, ó Rei do Céu, que Vós vos tomais visível sobre a Terra e nela realizais obras que pertencem só a um poder e bondade infinitos. Enfim, Vós sois a sua herança, seu tesouro e sua glória, na Terra e no Céu.

Eu Vos adoro, Vos louvo e glorifico, augustíssima, Trindade, em

todas estas coisas e em tudo o que sois com relação a eles e à santa ordem em que os fizestes entrar. Que todas as criaturas do universo Vos bendigam comigo, Pai divino, por terdes querido estabelecer esta santa ordem na Vossa Igreja, ordem da qual Vós sois o primeiro princípio e o primeiro autor, sendo o Vosso Filho o seu instituidor e chefe, e o Vosso Espírito Santo seu director e santificador; e ainda por terdes querido fundar, acrescentar e santificar a Vossa Igreja através desta mesma ordem - a ordem sacerdotal.

SO, 51. "A santa ordem do Sacerdócio de Jesus .....

O.C.111,3 No princípio do Memorial da vida eclesiástica, S. João

Eudes pôs uma epístola de dedicatória:

**A TODOS OS SANTOS PASTORES, SACERDOTES e LEVITAS  
QUE ESTAO NA IGREJA TRIUNFANTE**

Grandes Santos, que fostes escolhidos desde toda a eternidade pelo Santo dos santos para serdes revestidos, de modo muito excelente, da Sua admirável santidade; Bem-aventurados Pastores, Sacerdotes e Levitas, escolhidos entre mil pelo Supremo Pastor e Sumo Sacerdote Jesus para serdes associados à Sua eminente qualidade de grande Pastor das almas e à sublime dignidade do Seu divino Sacerdócio: prostrado aos vossos pés com todo o respeito e humildade possível, eu vos saúdo e vos honro, de todos os modos que posso e devo segundo Deus, como a meus mestres e pais, astros brilhantes do céu da Igreja, verdadeiros pastores do rebanho sagrado de Jesus Cristo, oráculos do Verbo Eterno ( ... ), ornamento e glória do sacerdócio eterno, e pastores e padroeiros da maior, mais digna e admirável de todas as ordens da terra e do céu, que é a santa ordem do divino e real sacerdócio de Jesus, seu instituidor, fundador e chefe...

Reverenceio-vos como imagens vivas e perfeitas do nosso sumo Sacerdote Jesus Cristo, Filho único de Deus, com o qual vós todos juntos não sois mais que um único sacerdote, revestidos do mesmo sacerdócio que o Pai Eterno Lhe deu, fazendo um com Ele, como os membros são um com a cabeça.

O. C. 111, 8 e segs.

Díriga-se depois a todos os seus irmãos, sacerdotes de Igreja Militante, para lhes recordar a sua grandeza.

**A TODOS OS PASTORES E A TODOS OS SACERDOTES**

QUE VIVEM NO ESTADO ECLESIAÍSTICO.

Meus venerados Padres e caríssimos Irmãos:

105

Após me ter prostrado aos pés de todos os santos Pastores e de todos os santos Sacerdotes que vivem na Igreja Triunfante, para lhes prestar as minhas homenagens e lhes dedicar esta pequena obra, permiti-me me dirija agora a vós, e vos diga particularmente o que o príncipe dos pastores e dos sacerdotes, S. Pedro, diz de modo geral a todos os cristãos---: Quanto a vós. sois a raça escolhida, a ordem dos sacerdotes-reis, a nação santa, o povo resgatado; para publicardes as grandezas dAquele que das trevas vos chamou à Sua luz admirável" (1 Pet. 2, 9). Depois da Santíssima Virgem, vós sois a mais gloriosa conquista do Salvador e o mais precioso de todos os dons que o Pai Eterno Lhe deu. Sois o primeiro e mais excelente fruto do Seu trabalho, o mais digno preço do Seu Sangue, o Seu principal quinhão e a Sua mais nobre partilha, o Seu mais caro tesouro e a Sua mais rica herança, e de quem Ele também espera tirar para a glória do Seu Pai maior fruto que de todas as outras Suas riquezas. Por isso, Ele vos escolheu, para que O sirvais e ameis por vós mesmos, mas também para que O façais servir e amar pelos outros, e com esse fim anuncieis a todo o mundo as virtudes, quer dizer, as perfeições e excelências, mistérios e maravilhas dAquele que vos chamou das trevas do pecado e do inferno para a Sua luz admirável. Porque Aquele que disse, falando de Si mesmo: Eu sou a luz do mundo, diz-vos também a vós: Vós sois a luz do mundo; e a vós é dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus (Jo. 8, 12; Mt. 5, 14; Mt. 13, 11 ), e manifestá-los aos outros. É para vós que estão abertos os tesouros da sabedoria e da ciência de Deus, bem como os da graça e da misericórdia, para que sejais dispenseiros duns e doutros... Vós sois do Sangue real e divino de Jesus Cristo, Filho único de Deus; vós entrais na Sua genealogia; sois Seus irmãos e Seus membros, num grau bem mais eminente que os outros cristãos - porque estais revestidos do Seu sacerdócio real e o vosso sacerdócio é um só com o dEle e vós não sois com Ele mais que um único sacerdote. Tanto mais que, não havendo na religião cristã senão um sacerdócio - unum est sacerdotium - o qual originária e soberanamente reside em Jesus Cristo, e por extensão e comunicação nos outros sacerdotes, também propriamente falando não há senão um único sacerdote, que é este mesmo Jesus Cristo Sumo Sacerdote...

A qual dos anjos disse Deus jamais: "Tu és e serás sacerdote para sempre, segundo a ordem do verdadeiro Melquisedec" (si. 104, 4), quer dizer, segundo a ordem do Meu Filho Jesus Cristo? A qual dos anjos, dos principados ou das potestades, disse o Filho de Deus: "Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desatardes na terra será desatado no céu " (m t. 16, 19)? A qual dos Querubins ou dos Serafins deu Jesus o poder de perdoar o pecado, de comunicar a graça, de fechar o inferno e abrir o céu, de O formar- nos corações dos homens e na santa Eucaristia,

de O oferecer em sacrifício ao Pai Eterno, e de dar o Seu Corpo, o Seu Sangue e o Seu Espírito aos fiéis? Finalmente, a qual de todos os espíritos celestes disse o que diz a todos os sacerdotes: "Como o Pai Me enviou a Mim, assim Eu vos envio a vós " (Jo. 20, 21)? Quer dizer, envio-vos para o mesmo fim para o qual Meu Pai Me enviou; para anunciar o mesmo Evangelho que Eu anunciei, dispensar os mesmos mistérios e as mesmas graças que Eu dispensei, fazer e administrar os mesmos sacramentos que Eu instituí, oferecer a Deus o mesmo sacrifício que Eu ofereci; para dissipar as trevas do inferno que cobrem a face da terra; espalhar nela a luz do Céu, destruir a tirania de Satanás, estabelecer o Reino de Deus e, enfim, exercer na terra as mesmas funções sacerdotais que Eu nela exerci, e continuar e completar a obra da redenção do mundo e também continuar a mesma vida que Eu aí levei e as mesmas virtudes que Eu pratiquei...

Vós sois a parte mais nobre do Corpo místico do Filho de Deus. Sois os olhos, a boca, a língua do Coração do mesmo Jesus.

Sois os Seus olhos: é por vós que este Bom Pastor vela continuamente pelo Seu rebanho; é por vós que Ele o ilumina e conduz; é por vós que Ele chora aquelas das Suas ovelhas que caíram nas garras do lobo infernal, e derrama lágrimas sobre a morte do Seu amigo Lázaro, quer dizer, sobre as almas mortas pelo pecado.

Sois a Sua boca e a Sua língua: é por vós que Ele fala aos homens, que Ele continua a anunciar-lhes a mesma palavra e o mesmo Evangelho que lhes pregou pessoalmente quando andava na terra.

Sois o Seu coração; é por vós que Ele dá a verdadeira vida, a vida da graça na terra e a vida da glória no céu, a todos os verdadeiros membros do Seu Corpo. Oh! Quantas maravilhas!

Vós tendes uma aliança maravilhosa com as Três Pessoas Eternas. Sois os associados da Santíssima Trindade. Sois os coadjutores e cooperadores do Todo-Poderoso nas Suas maiores obras: Dei adjutores, cooperatores veritatis (1 Cor. 3, 9; 3 Jo. 8). Vós sois os sacrificadores do Altíssimo, os santificadores das almas, os mediadores entre Deus e os homens, os juizes das nações e os salvadores do mundo, que o grande Salvador deixou nesta terra em Seu lugar para continuar e completar a obra da redenção do universo. Por isso quis Ele que tivésseis, na Escritura, o nome de salvadores; porque é dos sacerdotes, especialmente dos primeiros, que se faz menção nestas palavras do profeta Abdias: "Os que devem salvar o povo subirão ao monte Siffio " (Abdias, 21); e Clemente de Alexandria não tem dificuldade em reconhecer-lhes a qualidade de

redentores On Oseam).

Do mesmo modo, vós sois Cristos vivos e peregrinos na terra, pois sois portadores do mais belo e santo Rome do Filho de Deus, que é o nome de Jesus e de Salvador; representais a Sua Pessoa; ocupais o Seu

lugar; estais revestidos da Sua realeza, do Seu sacerdócio, da Sua autoridade e das Suas outras divinas perfeições; agis em Seu nome e por Sua autoridade; estais ocupados nas Suas maiores obras e deveis continuar a vida que Ele levou na terra e todas as funções sacerdotais que Ele exerceu.

VIR. - MISSÃO DO SACERDOTE.

52. Mediador, juiz e salvador com Jesus Cristo.

0. C. 111, 187.

Após conselhos práticos sobre os deveres e funções dos sacerdotes, o Memorial da vida eclesiástica propõe alguns temas de meditação sobre o sacerdócio.

Estas são as três qualidades principais, que Nosso Senhor Jesus Cristo comunica aos sacerdotes, e especialmente aos pastores:

1. São mediadores entre Deus e os homens, para lhes anunciar as divinas vontades, para chamar, atrair e reconciliar os homens com Deus; para lhes prestar todas as homenagens, adorações, louvores e satisfações que eles Lhe devem; e para tratar entre Deus e os homens dos assuntos mais importantes do céu e da terra, que dizem respeito à Sua glória, à salvação do mundo, e ao completamento dos sofrimentos do Filho de Deus pela sua aplicação às almas.

2. São juizes do mundo com o Filho de Deus. Juizes, não em coisas terrestres e temporais, que não passam de lama e fumo, mas nas coisas celestes e eternas. Juizes, não dos corpos somente, mas das almas. Juizes, não para pronunciar uma sentença passageira, mas permanente e que ficará para toda a eternidade. Juizes à beira dos quais todos os juizes dos tribunais supremos, os reis e os monarcas devem dobrar os joelhos, submetendo-se ao seu poder e acatar o seu veredicto.

3. São salvadores do mundo com Jesus Cristo, e têm esse nome nas Escrituras... Porque o Filho de Deus os associa a Si nessa bela qualidade; quer que cooperem com Ele na salvação das almas... quer que cumpram o ofício de salvadores, e se ocupem em continuar e completar na terra a maior e mais divina de todas as Suas obras, que é a obra da redenção do mundo: "Eu vos envio, como o Pai Me enviou" (Jo. 20, 21).

Foi nesta obra que Nosso Senhor empregou todos os momentos do Seu tempo, todos os Seus pensamentos, palavras e ações, todos os Seus,,,

trabalhos, suores e lágrimas, o Seu Sangue e a Sua vida. É também a esta obra que os sacerdotes, e muito particularmente os que têm responsabilidades pastorais, devem dar todo o seu coração, o seu espírito, os seus pensamentos, os seus afectos, todo o seu tempo, todos os seus bens, todas as suas forças, e dez mil vidas, se tantas tivessem, para poderem dizer com S. Paulo: "Quanto de mim depende, da melhor vontade darei tudo o que tenho e me darei a mim mesmo pela salvação das vossas almas" (2 Cor. 12, 15).

Os sacerdotes ocupam o lugar mais nobre e mais digno no Corpo Místico de Jesus, que é a Sua Igreja, a saber: o lugar da cabeça e do coração, pois que todos os sacerdotes juntos não fazem mais que um só Sacerdote com Jesus, que é a cabeça e o coração da Sua Igreja; e por conseguinte, são obrigados a realizar todas as suas acções de maneira tanto mais nobre e perfeita quanto o coração deve cumprir as suas funções mais nobre e excelentemente que os outros membros do corpo.

53. "Sic Jesus dilexit animas .....

O.C.IV,171.

O livro do Bom confessor prolongo a meditação precedente.

Todos os mistérios que o nosso Salvador realizou na terra para a salvação do mundo: - a Sua Incarnação, nascimento, circuncisão, apresentação no templo, fuga e permanência no Egito; a Sua infância, a Sua vida oculta e laboriosa, a Sua vida solitária e penitente, a Sua convivência com os homens, a Sua Paixão e Morte; todos os Seus pensamentos, palavras, acções, sofrimentos; as injúrias que sofreu, as chagas que recebeu, as dores que suportou, as gotas de sangue que derramou, e o amor com que tudo fez e sofreu; - todas estas coisas, digo, são outras tantas vozes a gritar: Sic Jesus dilexit animas - "É assim que Jesus ama as almas ". É assim que Ele as estima e as ama, mais que qualquer outra coisa. É assim que Ele as ama, mais que o Seu repouso, mais que as Suas próprias satisfações, mais que a Sua reputação, mais que os Seus interesses humanos, mais que o Seu Sangue e a Sua própria vida. É assim que Ele abandona tudo, Se despoja de tudo, dá tudo, tudo faz e tudo sofre para as salvar. É assim que, durante trinta e três anos, Se despoja duma glória e duma felicidade infinitas, que Lhe eram devidas desde o momento da Sua Incarnação, para as tornar, a elas, gloriosas e bem-aventuradas para sempre...

Oh meu Salvador, quem poderia dizer, quem poderia pensar, como é grande o amor que tendes às almas?!

Oh meu Jesus, pois que amais tanto as almas, pode bem dizer-se que não há no mundo pessoas que Vos sejam mais caras do que as que coope

ram convosco na salvaçffo das almas. É sobre estas pessoas que Vós derramais a mãos-cheias e sem reserva toda a espécie de favores e bençffos.

54. Conselhos aos pregadores.

0. C. IV, 2 1. Eis aqui, agora, os conselhos pormenorizados do Pregador apostólico, a respeito da pregaçSQ.

Depois de ter considerado atentamente a grandeza e importância deste ministério (da pregaçãÓ), devemos adorar Nosso Senhor Jesus Cristo nas santas disposições com que pregava, quando andava por este mundo; fazer um acto sincero de renúncia a nós mesmos; dar-nos a Ele de todo o coração, pedindo-Lhe nos reduza ao nosso nada e Se estabeleça em nós, para ser Ele a pregar por nossa boca, tanto mais que só a Ele pertence anunciar a palavra do Pai; e por fim, aceitar por amor dEle os fracassos e mortificações que possam acontecer-nos, dando a nossa memória ao Pai, o entendimento ao Filho e a vontade ao Espírito Santo.

Oferecer à divina bondade os corações dos ouvintes, e pedir a Deus que os disponha a ouvir como convém a Sua santa palavra. Oferecê-los também, e com a mesma intençffo, a Nossa Senhora, aos anjos e aos santos padroeiros do lugar onde se prega.

Em seguida, de joelhos (\*), já no púlpito, humilhar-se de novo e abismar-se no mais profundo do seu nada; e fazer apelo Àquele a quem somente pertence pregar, por estas ou semelhantes palavras: Vêni, Domine Jesu, veni, veni: 'Tinde a mim para que neste lugar eu seja reduzido ao meu nada, de modo a serdes só Vós a pregar a Vossa divina palavra. Vinde aos corações de quantos aqui . se encontram, para os dispor a fazer da Vossa palavra o uso que Vós desejais ... ..

Ao fazer o sinal da cruz, dizendo as palavras: In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, pronunciá-las com grande atençffo e entregar-se do fundo do coração ao Pai Eterno para entrar naquele amor imenso com que nos falou em Seu Filho ( ... ); ao Filho, para entrar na caridade infinita com que nos anunciou a palavra do Pai; e ao Espírito Santo, para se unir ao zelo, à piedade e a todas as santas disposições com que Ele falou pela boca de tantos pregadores santos. Entregar assim os ouvintes ao amor do Pai, à caridade do Filho e à bondade do Espírito Santo.

Rezar a Ave Maria (\*) em voz alta e pausadamente, com grande

Neste trecho S. João Eudes faz aiusffo aos antigos costumes. Bossuet também

inseriria uma Ave Maria no exórdio dos seus sermões.

110

devoção.

Na pregação, fazer tudo por conservar o espírito de recolhimento e de piedade, considerando e saboreando as verdades que se anuncia. Ao falar contra os pecados, fazê-lo como estando a repreender-se a si mesmo.

55-58. "João Eudes, padre missionário".

Incluiremos aqui algumas cartas, em que se exprime vigorosamente o espírito apostólico de João Eudes.

O. C. X, 385.

A primeira é dirigida a dois companheiros dos primeiros tempos da Congregação de Jesus e Maria. De Lion-sur-Mer (perto de Caen), onde pregava uma missa, João Eudes convidava-os a ligarem-se definitivamente à Congregação (\*).

Aos srs. Richard Le Mesle e Thomas Vigeon. Convidando-os a virem fazer as promessas de incorporação

(Lion-sur-Mer, 23 de Setembro de 1646)

Peço-lhes que venham aqui, para acabar de realizar o seu sacrifício e para estar com os irmãos, que os amam enternecidamente e ardentemente e desejam ad convivendum et ad commoriendum: para a morte e para a vida. Porque bem sabem que nenhum dos que olham para trás depois de pôr a mão ao arado é apto para o Reino de Deus. Venham, pois, irmãos muito amados, em nome do Senhor e de Sua Mãe Santíssima, e sejam fiéis àquele que os chama. Venham sem demora, para nos empregarmos todos, no resto da nossa vida, no serviço do nosso bom Mestre e em conquistar para Ele as almas por Ele resgatadas com o preço do Seu Sangue.

O. C. X, 409.

A carta de que vamos transcrever o princípio devia servir de directório aos Padres empregados no único colégio de que João Eudes quis encarregar-se, o de Lisieux.

Aos regentes do colégio de Lisieux. Conselhos sobre o seu cargo e maneira de nele se conduzirem.

M. Le Mesle figura entre os oito fundadores da Congregação, que eram membros de direito das primeiras assembleias gerais (O. C. I X, 414). Se M. Vigeon o não é, isso deve-se ao facto de ter falecido pouco depois de 1651, antes, portanto, da redacção definitiva das Constituições.

(Caen, 15 de Outubro de 1657)

Jesus, o Santíssimo Coração de Maria, seja o vosso coração, o vosso espírito e a vossa força no cargo que ides desempenhar e na obra que começais por amor dEle na diocese de Lisieux.

Cargo bem importante. É obra de Deus e de Jesus Cristo, pois diz respeito à salvação das almas! É obra da Máfie de Deus, dos Apóstolos e dos maiores Santos! E missão da mais alta consequência, esta a que o Filho de Deus, supremo Missionário, vos envia, dizendo-vos: ---Comoo Pai Me enviou, assim Eu vos envio a vós" (Jo. 20, 21).

Ides cumprir esta missão junto de juvenzinhos, nos quais deveis lançar os alicerces do Reino de Deus; neles, ordinariamente, encontram-se menos obstáculos à graça divina do que em pessoas de mais idade.

Lembra-vos de que eles são filhos de Deus pelo Baptismo, custaram o Sangue do Filho de Deus, e foram criados para contemplar a face do Senhor, possuindo-O e bendizendo-O eternamente; são tão caros ao seu Pai celeste, que Ele lhes deu, a cada um, um príncipe da Sua corte para lhes servir de aio e guarda e, em certo modo, de servo: "pois não são os anjos espíritos que fazem o lugar de servos e ministros, enviados para exercer o seu ministério em favor daqueles que hão-de ser os herdeiros da salvação?" (Heb. 1, 14). Enfim, são crianças, pelas quais o nosso bom Jesus mostrou tanto amor e ternura, e das quais disse: "Deixai-as e não as estorveis de vir a Mim; porque o Reino dos Céus é dos que se parecem com elas" (Mt. 19,14).

Pesai seriamente todas estas verdades, caríssimos irmãos. Elas vos levarão a dar graças a Deus, pela grande graça que vos fez, de vos empregar em missão santa e a procurar com bom ânimo lançar mão de todos os meios que puderdes para bem a cumprir.

O. C. X, 43 1. Uma carta escrita em plena missão, apresenta-nos aspectos

tomados da realidade viva. Encerra também um brado de paixão apostólica, que parece o eco duma carta de S. Francisco Xavier, traduzido e publicado em francês em 1545 (cf. H. BERNARD .MARTRE, Saint François Xavier, Col, "Témoins de la Foi", Paris 1960, P. 68).

Ao sr. Blouet de Camilly, Paris.

(Vastevffle, 23 de Julho de 1659)

Meu caríssimo irmão,

Sou incapaz de vos contar as bençãos de que Deus cumula esta missão. É uma coisa prodigiosa, sem dúvida alguma.

Há muito tempo já que eu não prego na igreja, porque, embora seja

112

bem grande, é todavia muito pequena nesta ocasião - Posso dizer com verdade que, aos domingos, temos mais de quinze mil pessoas.

Há doze confessores. Mas, sem hipérbole, cinquenta teriam bem que fazer. Pessoas há que vêm de oito a dez léguas, e os corações comovem-se de maneira que só se vêem lágrimas e se ouvem gemidos dos pobres penitentes, homens e mulheres. Os frutos que os confessores colhem no tribunal da penitência são maravilhosos; mas o que nos aflige é que não poderemos confessar nem a quarta parte. Estamos arrasados. Os missionários sabem de pessoas que estão oito dias à espera, sem poderem ser atendidas de confissão, e que se põem de joelhos onde quer que os encontram, pedindo-lhes com lágrimas e de mãos erguidas que as atendam. E já vai em seis semanas que estamos nisto.

Oli que grande bem são as missões! Como são necessárias! E que grande mal o põem-lhes obstáculos! Se aqueles que nos impediram de fazer mais nesta diocese soubessem o mal que fizeram! "Pai, perdoai-lhes, porque não souberam o que faziam " (cf. Lc. 23, 34).

Meu caríssimo irmão, peçamos ao Senhor da messe que envie operários para ela, e digamos-Lhe muitas vezes de todo o nosso coração: Domine mennis, mitte operarios in messem tuam (cf. Lc. 10, 2). Que fazem em Paris tantos doutores e bachareis, enquanto se perdem almas aos milhares, por falta de quem lhes deite a mão para as retirar da perdição e as preservar do fogo eterno? Com certeza, se eu desse ouvidos ao que sinto, iria a Paris, à Sorbonne e outros colégios, gritar: Fogo! Fogo! O fogo do inferno que abrasa todo o universo! Venham, senhores doutores! Venham, senhores bachareis! Venham, senhores abades, venham todos, senhores eclesíásticos, venham ajudar a apagá-lo!

O. C. X, 448.

Finalmente um texto de feição jurídico, e no entanto infla

medo, concede ao sr Sesseval autorização de partir para as missões de China. (Partiu, efectivamente, com Mgr Paliu, e morreu na viagem, perece, a 8 de Dezembro de 1663).

Obediência passada ao sr. Sesseval de Daniville, para as Missões

Estrangeiras.

JOÃO EUDES, padre missionário, superior da Congregação de Jesus e Maria, a todos os que estas letras virem, saúde!

Considerando o que nos foi exposto por parte do nosso caríssimo e muito amado irmão Pierre Sesseval, sacerdote missionário da nossa Congregação, o qual, tendo conhecimento de que, no reino da China e outros com ele confiriandes, se perde um número quase incontável de almas por falta de

obreiros evangélicos que lhes deitem a mão para as tirar da perdição e as pôr no caminho da salvação, teria concebido um desejo ardentíssimo de ir juntar-se a muitos outros eclesiásticos que se dispõem a deslocar-se a essas regiões; mas não querendo dar um passo sem a perfeição duma obediência total aos superiores que Deus lhe deu, nos suplicava aceitássemos aquele seu propósito e lhe déssemos a nossa aprovação, consentimento e permissão;

Nós, depois de encomendar cuidadosamente a Deus este assunto, e de o havermos comunicado com alguns dos principais da nossa Congregação, desejando cooperar em toda santa obra, pela qual de bom grado sacrificaríamos, com a graça de Deus, cem mil vidas se as tivéssemos, acabamos por consentir e consentimos, de muito boa vontade, pelas presentes, que o sobredito Sesseval cumpra o seu piedoso e louvável desejo, dado o conhecimento que temos da sua piedade, prudência, competência e muitas outras virtudes e qualidades que Deus lhe deu.

Sim, caríssimo irmão nosso, é de todo o coração que aprovamos a santa empresa que estais a levar por diante para glória de Deus e salvação das almas.

Parti, pois, em nome da Santíssima Trindade, para a tornardes conhecida e adorada em lugares onde não é nem conhecida nem adorada.

Parti, em nome de Jesus Cristo, Filho único de Deus, para aplicar às almas o fruto do precioso Sangue que por elas derramou.

Parti, sob a protecção e salvaguarda da divina Maria, para imprimir nos corações o respeito e veneração que lhe são devidos, e guiado pelo bem-aventurado S. José, por S. Gabriel, pelo vosso Anjo bom, pelos santos Apóstolos dos lugares para onde fordes, para trabalhar com eles na salvação das almas perdidas e abandonadas.

Parti, em nome e da parte da nossa pequena Congregação, para realizar, na China e noutros lugares aonde a Providência vos conduzir, o que ela desejaria realizar em todo o universo com o derramamento do seu sangue até à última gota, para destruir a tirania de Satanás e estabelecer o Reino de Deus.

Mas lembrai-vos de que, sendo esta empresa toda apostólica, precisais ter uma intenção muito pura para nela não procurardes ser a glória de Deus; uma profunda humildade e desconfiança de vós mesmos; uma grande confiança na infinita bondade de Deus; uma submissão total à Sua adorabilíssima vontade e à dos Prelados que junto de vós fizerem as Suas vezes; uma paciência invencível nos trabalhos; um zelo ardente na salvação das almas; e uma cordialidade muito

sincera para com os outros eclesiásticos, e especialmente para com os religiosos da santa Companhia de Jesus, com os quais instantemente vos recomendamos vivais sempre em perfeita união e

114

entendimento. Meditai muitas vezes nestas virtudes, pedi-as instantemente a Deus, e procurai praticá-las fielmente. Queira a divina bondade conceder-vo-las em perfeiçffo com todas as outras graças que vos sffo necessárias e convenientes para cumprir perfeitamente a Sua santíssima vontade e para vos comportardes em toda a parte como um verdadeiro missionário da Congregaçffo de Jesus e Maria e verdadeiro filho do Seu amabilíssimo Coraçffo.

Que este adorável Jesus e esta divina Maria vos dêem, para tanto, a Sua santa benção; que ela fique sempre convosco, vos preceda, acompanhe e siga por toda a parte e em tudo.

E com este voto que pronunciamos sobre vós, em nome de Jesus e Maria, e no amor sagrado do Seu Coraç~1o cheio de caridade, estas preciosas palavras da Santa Igreja: Nos cum Prole pia benedicat Virgo Maria

59. Uma oração litúrgica.

0. C. XI, 5 14.

Fiel ao espírito sacerdotal herdado do P. de Bérulle, S. João Eudes fez aprovar, a partir de 1649, um Ofício que compusera em honra do sacerdócio de Cristo e dos Santos Sacerdotes e Levitas. As comunidades eudistas celebram essa festa a 13 de Novembro. Eis a Oração colecta.

ó Deus, glória dos Vossos sacerdotes,

Vós destes-nos o Vosso Filho como Sumo Sacerdote e Pastor vigilante das nossas almas;

Juntastes-Lhe, para Vos sacrificar uma hóstia pura, os Santos Sacerdotes e Levitas.

Por intercessffo da Bem-aventurada sempre Virgem Maria e dos Santos Sacerdotes e Levitas,

dignai-Vos reanimar na Vossa Igreja o espírito de graça que os animou;

cheios desse espírito, faremos por amar o que eles amaram e por cumprir o que eles ensinaram pela palavra e pelo exemplo.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

"Que com Seu Divino Filho, vos abençoe a Virgem Maria". Esta fórmula é ainda utilizada como bênção pelos superiores eudistas.

## IX. - O CORAÇÃO DE MARIA

Os textos n.os 60 a 64 são extraídos das seguintes obras: O Coração admirável da Santíssima Mãe de Deus;

Ofício em honra do Divino Coração de Jesus.

6W O Corpo Místico nasceu do Coração de Maria. O C, VI, 144.

Numa longa meditação - que continua a doutrina dos grandes escritores da época patrística - S. João Eudes prende-se a grandes imagens bíblicas, "quadros" em que o seu olhar distingue e contempla o Coração de Maria - que é o próprio Jesus. Maria é a "terra boa" em que germinou a nossa salvação; é a "fonte" donde jorrou a vida.

O terceiro quadro do nobilíssimo Coração da Rainha do Céu, é o que se nos oferece nestas palavras: Deus Rex noster operatus est salutem IN MEDIO TERRAE: 'Deus nosso Rei realizou a salvação NO MEIO DA TERRA - (Sl. 73, 12) ...

Que preciosa terra é esta? - É a Santíssima Virgem, da qual a primeira terra, considerada no estado em que Deus a criou e em que se manteve até à maldição do pecado, não é mais que uma sombra e um apontamento, posto que muito imperfeito.

É desta terra que falou o Espírito Santo ao dizer: Aperiatu terra et germinet Salvatorem: "Abra-se a terra para produzir o Salvador" us. 45.8)...

Esta é a terra no meio da qual Deus realizou a nossa salvação: operatus est salutem in medio terrae ( ... ), ou, segundo outra versão, in intimo terrae, "no meio, no coração da terra"; quer dizer, no Coração e no seio desta Virgem incomparável. Sim, foi no meio desta boa terra, melhor dito, foi neste bom, boníssimo Coração de Maria Mãe de Jesus, in Corde bono et optimo (Lc. 8, 15), que a Palavra encarnada e eterna, saindo do seio de Deus para vir à terra salvar os homens, foi recebida e guardada cuidadosamente; que o trigo dos eleitos - frumentum electorum (Zac. 9, 17) - foi semeado com abundância e produziu o seu fruto a cem e mil vezes cem por um.

116

Isso se declara nesta divina profecia do Espírito Santo, que contém vários mistérios, grandes e admiráveis ... :

A mão-cheia de trigo espalhada nas colinas de cimas airosas crescerá, crescerá dilatada, e ondeando em searas formosas, lembrará da montanha a verdura agitada ao soprar da aura pura (Sl. 71, 16)

De facto, o que vem a ser, dízei-me, esse trigo espalhado a mãos-cheias, senão o Filho único de Deus, verdadeiro trigo dos eleitos, p~b de Deus que é a vida e a força do coração do homem? Panis cor hominis confinnet (si. 103, 15)... Ele é o trigo que o Pai Eterno espalhou e espalha todos os dias às mãos-cheias, quando com tanto amor no40 deu pelo mistério da Incarnação, e continuamente no40 dá com tanta bondade na Santa Eucaristia. E estas colinas de cimas airosas, o que são senão a Sua Mãe benigníssima?...

Ora, é sobre estas colinas, é no meio desta terra santa, é no Coração cheio de bondade da boníssima Virgem Maria, que este adorável trigo foi semeado e espalhado em primeira mão, pois que ela 0 recebeu em seu Coração antes de 0 receber em suas entranhas. Em consequência disso é que Ele Se dilatou por todo o universo, levado nas auras puras da pregação apostólica, animada pelo sopro do Espírito Santo, e Se multiplicou ao infinito em todos os corações dos verdadeiros cristãos.

Deste modo, pode dizer-se com verdade que Jesus é o fruto, não só do ventre, mas também do Coração de Maria; e igualmente, que todos os fiéis são fruto deste mesmo Coração... Porque, assim como a fé, a humildade, a pureza, o amor e a caridade do seu Coração a tornaram digna de ser Mãe do Filho de Deus, - assim estas mesmas virtudes do seu sagrado Coração lhe valeram a qualidade de Mãe de todos os filhos de Deus. E assim como o Pai Eterno, revestindo-a daquela divina virtude pela qual, de toda a eternidade, dá nascimento a Seu Filho em Seu seio adorável ("A virtude do Altíssimo te cobrirá de Sua Sombra" Lc. 1, 35), lhe deu o poder de conceber esse mesmo Filho no seu Coração e no seu seio virginal, - assim e ao mesmo tempo lhe deu o poder de 0 formar e fazer

S. Jogo Eudes cita a tradução rítmica de Philippe Desportes (1546-1606). O santo tinha em autor por "um dos mais célebres dos nossos poetas franceses"; apreciação um pouco inesperada para nós, não devia ser estranhada pelos leitores do tempo; S. Francisco de Salas também gostava de citar---estefamoso poeta" (Traço do Amor de Deus, prefácio) .

nascer nos corações dos filhos de Adão, e de os tornar, por este meio, membros de Jesus Cristo e filhos de Deus. E assim como ela concebeu e trouxe e trará eternamente o seu Filho Jesus em seu Coração, do mesmo modo concebeu e trouxe e trará para sempre neste mesmo Coração todos os santos membros desta divina Cabeça, como seus filhos bem-amados e como fruto do seu Coração maternal, dos quais ela faz contínua oblação e sacrifício perpétuo à Majestade divina.

Foi assim que esta boa terra fez frutificar o grão de trigo que nela caiu, e que foi mortificado e como que aniquilado, para não ficar só mas produzir um número incalculável de outros grãos. Foi assim que este bondoso Coração deu o seu fruto a cem mil vezes cem por um. E foi assim que o Rei dos reis e o Deus dos deuses realizou a obra da nossa salvação no meio da terra,

61. No Coração de Maria encontramos Jesus.

O. C. VI, 168, 187.

O quarto quadro do bem-aventurado Coração da benditíssima Virgem é aquela Fonte maravilhosa que Deus fez jorrar da terra no princípio do mundo, e da qual se fala nestes termos no segundo capítulo do Génesis: Fons ascendebat e terra, Úrigans universani superficiem terrae: "Uma fonte subia da terra, que regava toda a sua superfície " (G en. 2, 6)...

Encontro no Vosso santo Evangelho, meu Jesus, que um dia, quando vivíeis visivelmente neste mundo, andando a pé de cidade em cidade e de povoação em povoação, para levar a todos a divina palavra do Vosso Pai, sentindo-Vos fatigado do trabalho da caminhada, Vos sentastes no rebordo duma fonte, chamada Poço de Jacob; e tendo-se encontrado ali convosco uma pobre mulher que vinha buscar água, Vós aproveitastes a ocasião para a catequizar. E entre muitas santas instruções que lhe destes, dissestes-lhe que tínheis uma água para dar, tal que quem dela bebesse nunca mais teria sede, isto é, nunca mais lhe apeteceria beber das águas inquinadas que o mundo oferece aos que o seguem.

Encontro também, noutra lugar do mesmo Evangelho, que a Vossa infinita bondade para com os homens acendeu em Vosso Coração um desejo infinito de a todos dar esta água viva; e estando um dia no templo de Jerusalém, no meio de grande multidão, Vos pusestes a bradar em altas vozes: Se alguém tem sede, venha ter comigo e beba U o. 7, 37).

O que fizestes então, meu Senhor, ainda o fazeis todos os dias. Porque eu Vos vejo, não no rebordo do Poço de Jacob, mas no meio desta divina fonte de

que aqui trato, e Vos oiço bradar constantemente: Se alguém tem sede, venha ter comigo e beba. Vinde ter comigo, vós todos que viveis

118

carregados, fatigados e sequiosos nos caminhos do mundo, cheios de trabalhos e misérias; e vinde ter comigo aqui, quer dizer, na fonte, nfo de Jacob, mas do Coração de Minha Mãe digníssima, onde Me encontrareis, porque aqui estabeleci a Minha morada para sempre. Fui Eu que fiz esta formosa fonte, e com muito mais amor aos Meus filhos, do que a que tinha feito no princípio do mundo para os filhos de Adso.

Foi para vós que Eu a fiz. Enchi-a de uma infinidade de bens para vós. E estou aqui para vos distribuir os imensos tesouros que nela escondi. Estou aqui para vos dessedentar, para vos fortificar e dar uma vida nova, por meio das águas vivas que dela manain. Estou aqui para vos alimentar de leite e mel e vos inebriar com o vinho que dela brotam. Portanto, vinde ter comigo!

Há muito que assim bradais, meu Salvador. Mas há poucas pessoas que prestam ouvidos à Vossa, voz. Se o mundo não escuta o Senhor, também não ouvirá o servo. Mas não importa; deixai-me bradar convosco, para que o servo imite o seu Senhor.

Oh! Quem me dera uma voz assás forte, para ser ouvida nos quatro cantos do mundo, para gritar aos ouvidos de todos os homens que nele vivem: Omnes sitientes, Yenite ad aquas; et qui non habetis argentum, properate, venite, emite absque argento vinum et lac: "Vós todos os que tendes sede, vinde beber as belas e boas águas da nossa fonte milagrosa; e ainda que nio tendes dinheiro, apressai-vos na mesma, vinde e comprai sem dinheiro vinho e leite desta fonte " W. Is. 55, 1 ) ...

Properate, dai-vos pressa! Porque esperais? Porque dilatais um só momento? Será que receais maguar a bondade sem igual do adorável Coração de Jesus, vosso Deus e Redentor, dirigindo-Vos à caridade do Coração de Sua Mãe? Mas nKo sabeis vós que Maria nSo é nada, nSo tem nada, não pode nada, senão de Jesus, por Jesus e em Jesus? Nffo sabeis que Jesus é tudo, tudo pode e tudo faz nela? Nfo sabeis que foi Jesus quem fez o Coração de Maria tal como ele é, e quis fazer dele uma fonte de luz, de consolação, de toda a espécie de graças, para todos; os que a ele recorrem em suas necessidades? Não sabeis que Jesus, não somente reside e habita continuamente no Coraçffo de Maria, mas é Ele próprio o Corago de Maria, o Coração do seu Coração e a alma da sua alma? NKo sabeis que, assim, vir ao Corago de Maria é vir ao CoraçKo de Jesus, honrar o Coraçffo

de Maria é honrar o Coração de Jesus, invocar o Coração de Maria é invocar Jesus?

## X - O CORAÇÃO DE JESUS.

O livro X11 do Coração admirável d consagrado ao Coração de Jesus; mas os livros precedentes já Lho fazem alusáb. Por exemplo, este comentário do famoso texto de Ez. 36.

62. Um coração novo para ser vosso coração.

0. C. VI, 26 1.

Oli meu Deus, como a Vossa bondade é excessiva, como o Vosso amor é admirável para connosco! Sois infinitamente digno de ser amado, louvado e glorificado. São infmitas as obrigações que temos de Vos amar e glorificar. Mas corno não temos coraçffo nem espírito digno nem capaz, para nos desempenharmos destas obrigações, a Vossa incompreensível sabedoria encontrou e a Vossa imensa bondade, deu-nos um meio admirável de satisfazer plena e perfeitamente: destes-nos o espírito e o Coração do Vosso Filho, que é o Vosso próprio Espírito e o Vosso próprio Coração; e destes-no-10 para ser o nosso próprio espírito e o nosso próprio coração, segundo a promessa outrora feita pela boca do profeta, nestas palavras: Dabo vobis cor novum et spiritum novum ponam in medio vestri - "Dar-vos-ei um coração novo e porei um espírito novo no meio de Vós (Ez. 36, 26). E para que soubéssemos qual era esse coraçffo e esse espírito novo que nos prometíeis, acrescentastes: Spiritum meum poriam in medio vestri - "Porei o Meu Espípite, que é o Meu Coraffio, no meio de vós". Só o Espírito e o Coração dum Deus sffo dignos de amar e louvar um Deus, são capazes de 0 bendizer e amar tanto quanto deve ser. Eis porque, meu Senhor, Vós nos destes o Vosso Coraç4ô, que é o Coração do Vosso Filho Jesus, bem como o Coração de Sua divina MEe e os cora~ de todos os Seus Anjos e de todos os Seus Santos, os quais todos juntos nKo fazem senffo um s6 coraçffo: Cor unum et anima una (Act. 4, 32); assim COMO a cabeça e os membros nffo fazem mais que um só corpo...

Ponde isto no vosso espírito: que este Coraçffo vos foi dado, ut colatis Deum et faciatis eius voluntatem corde magno et animo volenti: "para que sirvais e honreis a Deus e façais a Sua vontade, com um coraffio grande e um grande amor", isto é, com um coraçffo e um amor digno da Sua grandeza infinita (2 Mac. 1, 3).

120

Em vista disso, renunciái ao vosso próprio coração, quer dizer, ao vosso próprio espírito, à vossa própria vontade, ao vosso amor próprio; e dai-vos a

Jesus, para entrar na imensidade do Seu grande Coração, que encerra o Coração de Sua santa Mãe e de todos os Seus Santos, e para vos perderdes neste abismo de amor, de caridade, de misericórdia, de humildade, de pureza, de paciência, de submissão e de santidade...

Quando vos perguntarem se o amais, dizei: "Sim, quero amá-lo, e de todo o meu grande Coração, e dou-me a Ele para isso". Quando vos perguntarem se quereis fazer ou sofrer isto ou aquilo por amor d'Ele, respondi: "Sim, quero, e de todo o meu grande Coração, e dou-me a Ele para isso". Se amais o vosso próximo e tendes algum acto de caridade a fazer, amai-o e fazei por ele tudo o que deveis, na caridade do vosso grande Coração. Se odiais e detestais o pecado, seja com o mesmo ódio e detestação que o vosso grande Coração tem pelo pecado. Se se trata dum acto de humildade, seja no espírito de humildade do vosso grande coração. Se se trata de obedecer, seja no espírito de obediência do vosso grande Coração. Se é preciso sofrer qualquer coisa, seja no espírito de humildade, paciência, submissão e amor do vosso grande Coração. Se é preciso fazer penitência, seja no espírito de humilhação e contrição do vosso grande Coração. Se tendes de fazer qualquer oferecimento, doação ou sacrifício a Deus de vós ou de qualquer outra coisa, seja no espírito de amor e de zelo do vosso grande Coração. Se tendes de rezar a Deus e pedir-Lhe qualquer graça, seja no espírito de abatimento, confiança e resignação do vosso grande Coração. Se deveis adorar, dar graças a Deus, seja em uníssono com as adorações, louvores e acções de graças que Lhe foram, são e serão prestadas pelo vosso grande Coração, e em uníssono com todas as santas disposições com que este mesmo Coração O adora, louva e bendiz constantemente. Quando disserdes estas santas palavras: Confitebor tibi, Domine, in toto corde meo - "Louvar- Vos-ei, Senhor, de todo o meu coração" (Isa. 11, 1), que a vossa intenção seja de vos referir ao vosso grande Coração. Enfim, seja o que for que façais, fazei tudo no espírito e segundo as disposições do vosso grande Coração, renunciando ao vosso e dando-vos a Jesus, para agir no espírito que animou o Seu.

63. "O Coração de Jesus e Maria".

O. C. 11, 363.

Eis aqui, tirado do Exercício de Piedade, uma tradução do saudação composta por S. João Eudes em honra do Santíssimo Coração de Jesus e Maria. "Posto que o Coração do Filho seja distinto do Coração da Mãe e não exceda infinitamente, pode afirmar-se com verdade que não fazem mais que um só Coração Só,

porque foram sempre animados do mesmo Espírito e cheios dos mesmos sentimentos..." « Além disso, Jesus vivo o reino de tal modo em Maria, que verdadeiramente dá a alma do sua alma, o espírito do seu espírito, o coração do seu coração, de forma tal que, propriamente falando, o Coração de Maria é Jesus..

Nós vos saudamos, Coração santíssimo,  
Coração dulcíssimo,

Coração cheio de humildade.

Nós Vos saudamos, Coração puríssimo,  
Coração devotíssimo,

Coração cheio de sabedoria.

Nós Vos saudamos, Coração pacientíssimo,  
Coração obedientíssimo,

Coração sempre vigilante.

Nós Vos saudamos, Coração fidelíssimo,  
Coração felicíssimo,

Coração cheio de misericórdia.

Nós Vos saudamos, Coração amantíssimo de Jesus e Maria,  
Nós Vos adoramos e Vos louvamos,  
Nós Vos glorificamos e Vos damos graças,

Nós Vos amamos de todo o nosso coração, com toda a nossa alma e com todas as nossas forças.

Nós Vos oferecemos o nosso coração, nós Vo-lo damos, nós Vo-lo consagramos e sacrificamos.

Recebei-o, possuí-o por inteiro, purificai-o, iluminai-o, santificai-o.

Nele vivei e reinai agora e sempre e em todos os séculos.

Amen.

Este texto explica o emprego da expressão Te adoramus, -Nós Vos adoramos-, que poderia causar estranheza. Encontrar-se-ão explicações mais pormenorizadas nas O. C. li, 363,2 e 367,1; o sobretudo em J. ARRAGAIN, Le Coeur du Seigneur, Paris, 1955, p. 62.

122

64. Missa em honra do Divino Coração de Jesus O. C. X 1, 506.

O ofício do Cor~ de Jesus é uma síntese muito rica dos grandes temas espirituais familiares a S. João Eudes. O, texto latino do Ofício e de Missa, acompanhado dum tradução que em parte retoma a do Padre Bourrée (17W), foi publicado recentemente em Le Coeur du Seigneur, Paris, La Colombe, 1955. - Aqui, daremos somente uma tradução dos textos da Missa (excepto a Sequência), com um breve comentário destacando os três temas principais.

## MISSA DO DIVINO CORAÇÃO DE JESUS

### INTROITO

Alegremo-nos todos no Senhor, e celebremos solenemente este dia

em honra do Coração amante de Jesus Cristo nosso Redentor. Em adoração ao Seu Amor, os Serafins cantam a uma só voz: Eis Aquele cujo Reino e Poder per~ecern para sempre!

Louvar-Vos-ei, Senhor, de todo o meu coração - na sociedade dos justos e na assembleia dos povos.

### COLECTA

õ Deus, Pai das misericórdias e fonte de toda a consolação, que nos amais

com um amor imenso:

Vós nos destes o Coração amante do Vosso Filho, para que possamos, num só coração com Ele,

amar-Vos sobre todas as coisas;

Fazei que os nossos corações, unidos entre si e com o Coração

de Jesus, vivam na Sua caridade e obtenham, por Sua intercessão, o que justamente pedem.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

#### LEITURA

Leitura do Profeta Ezequiel (36, 23-27). Eis o que diz o Senhor:

-Vou desatrontar o Meu santo nome, vós o tinheis desonrado entre as nações pagas,

## N1ISSA DO DIVINO CORAÇÃO DE JESUS

(Principais temas focados nos textos)

São três estes temas principais:

1) AMOR - 2) CORPO MISTICO - 3) SACRIFICIO (\*)

### INTROITO

1) O Coração adorável de Jesus é o princípio e a fonte da Sua Incarnação, do Seu Nascimento, de tudo o que Ele passou, disse e sofreu na terra para a nossa salvação. Porque foi o Seu Coração abrasado de amor por nós, que O levou a fazer por nós todas estas coisas (309).

"De todo o meu coração". Sim, pois que...

---o Coração de Jesus é o meu Coração, ou~amente o direi Se Jesus é minha Cabeça, acaso não é meu o que é da minha Cabeça? (270).

### COLECTA

2) Jesus, Vosso Filho bem-amado, tendo querido, por um excesso de bondade incomparável, ser nossa Cabeça e que nós fôssemos Seus membros, associou-nos a Si no amor que Vos consagra; e por conseguinte, deu-nos o poder de Vos amar com o mesmo amor com que Ele Vos ama (211).

### LEITURA

2) "Água pura", "Coração novo". É o Baptismo e os seus efeitos.

Oh que enorme vantagem, ser membros do Filho de Deus, ser um com Ele, como os membros são um com a Cabeça! Ser, portanto, um só Coração\*Ó, um só amor com Ele, e poder amar o Seu e nosso divino Pai com um mesmo Coração e um mesmo amor com Ele! (212).

Os comentários aos textos da Missa, fá-lo"mos com extratos do Coração adorado, Livro XI 1. O algarismo - 1), 2) ou 3) - que pusermos antes do extrato, marca o respectivo tema - 1) AMOR, 2) CORPO MISTICO, 3) SACRIFICIO. - Os algarismos postos entre parênteses no fim da citação, indicam a página do Tomo VII 1 das Obras Completas.

vós o tã7heis profanado em contacto com elas, mas Eu farei brilhar a Minha santidade na presença de todos, e os povos saberãb que Eu sou o Senhor.

Tirar-vos-ei de entre as nações, juntar-vos-ei de todos os países e vos reconduzircí à vossa terra. Derramarei sobro vás uma água pura e ficareis purificados de todas as vossas manchas, purificar-vos-eí de todos os vossos ídolos.

Dar-vos-eí um coração novo e porei em vós um espírito novo. Tirarei do vosso peito esse coraçiFo de p~ e dar-vos-ei um coração de carne. E porei em vós o Meu espírito---

### CANTICOS DE MEDITAÇÃO

Porque sois Seus filhos, Deus enviou aos vossos corações o Espírito e Coração de Seu Filho, para ali bradar: Abba, 6 Pai! Tende em vossos corações os sentimentos do Seu Coração. Vivei no amor, assim como Ele vos amou.

Como o Pai me amou, assim Eu vos amei: o Meu mandamento é que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Permanecei, pois, no Meu amor.

Aleluia. O meu coração está preparado, Deus do meu coração, o meu coraçffo está preparado para cumprir sempre a Vossa vontade, com um coração grande e um grande amor. Alcluia.

### EVANGELHO

Con tinuaçã1o do san to Evangelho sepundo S. Jóio (15, 9 -17).

Naquele tempo, disse Jesus aos Seus discípulos:

-O Pai amou-Me, e Eu com o mesmo amor vos amei: permaneçei no Meu amor. Se cumpri~des os Meus mandamentos, perinanecereis no Meu amor e sereis semelhantes a Mim. Eu obedeci aos mandamentos do Meu Pai o permaneço no Seu amor.

Disse-vos estas coisas, para que a Minha alegria esteja em vossos corações e para que a vossa alegria seja plena. O Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outras como Eu vos amei. Ninguém pode dar maior prova do seu amor do que dando a vida pelos seus amigos.

Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos ordeno. Desde agora, não sio mais vos chamarei servos, porque o servo não está ao corrente

125

0---Juntar-vos-ei" (no Amor):

Oh amabilíssimos Corações de Jesus e de Maria, que não sois senão um Coração pela unidade de espírito, de vontade e de afecto: fazei que o Vosso indigno filho não tenha senão um coração convosco e com todos os corações que Vos pertencem! (308).

## CÂNTICOS DE MEDITAÇÃO

2) Em vossos corações, o Espírito do Filho que vos foi dado diz:

"Pai!".

Oh Coração amabilíssimo, Coração todo Amor do meu Salvador! Sede o coração do meu coração, a alma da minha alma, o espírito do meu espírito, a vida da minha vida e o único princípio de todos os meus pensamentos, palavras e acções, de todo o exercício das faculdades da minha alma, de todos os meus sentidos interiores e exteriores (323).

1) Ele vem amar em nós:

Oh Coração de Jesus! Pois que o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação Vos deu a mim dando-me o meu Jesus, pois que Vós sois verdadeiramente o meu coração; amei por mim tudo o que eu devo amar, do modo que o meu Deus quer que eu ame (308).

3) Foi por amor de nós que este amável Jesus renunciou à Sua própria vontade, para realizar a obra da nossa salvação só pela vontade de Seu Pai, especialmente quando, no Jardim das Oliveiras, Lhe falou desta maneira: "Pai, não se faça a Minha vontade, mas a Vossa" (345).

## EVANGELHO

1) Eis o Rei dos reis, o Santo dos santos, o Filho único -de Deus, o Filho único de Maria, que desceu do Céu expressamente e veio a este mundo dizer-nos: Ego dilexi vos: - Ego, Eu que sou o Criador de todas as coisas, Eu que governo todo o universo, Eu que possuo todos os tesouros do Céu e da Terra, Eu que faço tudo quanto quero sem que ninguém possa resistir à Minha vontade, Eu amo-vos. Oh meu Senhor, como esta palavra é gloriosa para nós!

3) "Como Eu vos amei":

Oh Deus do meu coração! O Vosso amor fez- Vos morrer por mim; que ele me faça também morrer por Vós!

2)---Tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu nome". Pedir em Seu nome é pedir com...

... o Seu Coração adorável, que Ele nos deu para que nós o empreguemos como se do nosso próprio coração se tratara, em amar a Deus tan

126

daquilo que faz o seu senhor; a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a Meu Pai. Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós, e que vos destinei para irdes e dardes fruto, e o vosso fruto seja de permanecer. Então, tudo quanto pedirdes ao Pai em Meu nome, Ele vo-lo concederá.

O que vos mando é que vos ameis uns aos outros

#### OFERTÓRIO

Que o Senhor Se digne lembrar-Se do Vosso sacrifício, amantíssimo Jesus; que a Vossa oferta Lhe seja agradável. Que Ele Vos escute conforme o Vosso Coração, e realize todos os Vossos desígnios de salvação.

#### SECRETA

Enviai aos nossos corações, Deus todo-poderoso, o Espírito e Coração de Jesus Vosso Filho bem-amado; para que, unidos a Ele por um só Espírito e um só Coração, possamos oferecer-Vos a hóstia única, sacrificando-nos a Vós com toda a nossa vida. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

#### COMUNHÃO

Jesus amorosíssimo: pelo Vosso Coração esmagado de amor e dor por nós, ouvi as nossas súplicas; tende piedade de nós e possui os nossos corações para sempre.

#### PÓS-COMUNHÃO

Atendei, Pai bondosíssimo, as orações dos Vossos filhos, prostrados de

todo o coração aos Vossos pés. Que a ardente caridade do Coração amante do Vosso Filho penetre os nossos corações com seu fogo divino e se comunique a nós poderosamente; a fim de que, pela intercessão deste Coração Sagrado, no fogo do Vosso Amor e na chama da eterna caridade Vos sejam para sempre sacrificados os nossos corações, e satisfeitos os seus justos desejos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

to quanto Ele merece ser amado, em satisfazer as nossas obrigações dum modo digno da Sua Magestade supremo.

#### OFERTÓRIO

3) O Coração de Jesus, altar do Amor divino:

É sobre este altar que o fogo sagrado deste mesmo amor arde noite e dia. É sobre este altar que o Sumo Sacerdote Jesus Se oferece e imola como vítima de amor, a mais santa e preciosa vítima que jamais houve ou pode haver (338).

#### SECRETA

3) Oh bom Jesus, gravai Vós mesmo a imagem do Vosso Sagrado Coração nos nossos corações, e fazei que eles vivam só de amor ao Pai; e que nós morramos de amor por Vós, como Vós morrestes de amor pe/o Pai (333~).

#### COMUNHÃO

1) Oh Coração benignissimo, nffo houve um único momento em que me nSo amásseis. Que o meu coração nSo respire ser4o para Vos amar! (305).

#### PÓS-COMUNHÃO

1) Oh Jesus, amai por mim o Vosso divino Pai, e abrasai o meu coração\*o no amor que Lhe tendes! (306).

3) Ofereçamo-nos a Ele, e peçamos-Lhe que nos conte em o número das vítimas do Seu amor. Que Ele nos consuma inteiramente, como holocaustos do Seu amor, nas labaredas divinas que ardem incessantemente sobre o altar do Seu Coração (338).

2) Oh Coração admirável, princípio da minha vida, que eu nio viva senio em Vós e por Vós! (304).

129

Índice

Apresentação .....5

## INTRODUÇÃO

1 - A VIDA.

Infância e juventude .....11

O Oratório .....14

As iniciativas .....18

As grandes lutas e a morte ..... 24

II -A DOCTRINA.

Origens .....28

Principais temas .....36

Divulgação .....46

11- «E QUE O VOSSO FRUTO PERMANEÇA ..47

Notas .....50

Cronologia ..... 52

Bibliografia . . .....55

## TEXTOS ESCOLHIDOS

1 - O CORPO MÍSTICO DE JESUS CRISTO

1. "Omnia in omnibus Christus .....61

2. O Corpo Místico .....62

3. Os "estados e mistérios" de Cristo 63

11 - A ENTRADA NO CORPO MÍSTICO

4. A fé ..... 65

5. Vida de fé .....66

6. O Baptismo é uma nova criação ...66

- 7. O Baptismo é uma morte e uma ressurreção 67
- 8. Pelo Baptismo, Deus faz-nos entrar na comunhão com Ele 68
- 9. e 10. O "carácter" baptismal ..... 70

#### 111 - MORTE E VIDA NOVA EM JESUS CRISTO

- 11. Morte ao pecado ..... 71
- 12. Renúncia ao mundo . . . ..... 71
- 13. Desprendimento de si .. .....72
- 14. Desprendimento do próprio Deus ...74
- 15. Formação de Jesus em nós . . . ....75
- 16. Como formar Jesus em nós .....76
- 17. Uma bela oração .....77
- 18. "Vinde, Senhor Jesus....." .... . . .78

#### IV - CONTINUAR AS VIRTUDES DE JESUS CRISTO

- 19. As virtudes cristãs .. .....79
- 20. Um exemplo . . . .....80
- 21. A humildade e a confiança .....80
- 22. A humildade de espírito .....81
- 23. A humildade de coração .....82

- 24. A confiança .....83
- 25. Actos de amor a Jesus .....84
- 26. A submissão á vontade divina .....86
- 27 e 28. A vontade divina . .....88
- 29. Caridade fraterna .....89
- 30. Uma paráfrase de S. Paulo (1 Cor. 13, 4) 90

#### V - CONTINUAR A ORAÇÃO DE JESUS CRISTO

- 31. A oração .. .....91
- 32. A oração mental .....91
- 33. A oração vocal .....92
- 34. Praticar todas as acções em espírito de oração 92
- 35. A leitura espiritual .....93
- 36. Falar de Deus .....93
- 37. Começar as nossas acções com Jesus 93
- 38. Na vida do dia-a-dia .....94
- 39. Por exemplo: os tempos livres ...95
- 40. ...ou as deslocações e viagens ..... 95
- 41. Maria na oração cristã .....96
- 42. Uma oração tipo (marial) . . . .....97

#### VI - CONTINUAR O SACRIFICIO DE JESUS CRISTO

- 43. Jesus Sumo Sacerdote .....98
- 44. Participação dos leigos na Missa .....98
- 45. O martírio .....100
- 46. O espírito do martírio ..... 100
- 47. O voto do martírio . . ..... .101
- 48. Maria, tipo perfeito da vida cristã 103

#### VII - SANTIDADE DO SACERDÓCIO CRISTÃO

- 49. Sacerdócio e mistério da Santíssima Trindade 104
- 50. 51. "A santa ordem do sacerdócio de Jesus" . 105

#### VIII - MISSÃO DO SACERDOTE

- 52. Mediador, juiz e salvador com Jesus Cristo 108
- 53. «Sic Jesus didexit animas» ..... 109
- 54. Conselhos aos pregadores .....110
  
- 55 a 58. "João Eudes, padre missionário" (cartas) 111
- 59. Uma oração litúrgica .....115

#### IX - O CORAÇÃO DE MARIA

60. O Corpo Místico nasceu do Coração de Maria . 116  
61. No Coração de Maria encontramos Jesus 118

#### X - O CORAÇÃO DE JESUS

62. "Um coração novo para ser vosso coração 120  
63. « O Coração de Jesus e Maria » (uma saudação) 121  
64. Missa em honra do Divino Coração de Jesus 123

Composto e Impresso

na FRA TERNIDADE MISSIONÁRIA DE CRISTO-JO VEM  
Sameiro - BRAGA



